

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão

"Um caso de português tonal no Brasil?"

Dissertação apresentada por Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa ao Programa de Pós-Graduação como requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Letras.

Florianópolis, dezembro de 1979.

ESTA TESE FOI JULGADA ADEQUADA PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM LETRAS

- OPÇÃO LINGÜÍSTICA -

E APROVADA EM SUA FORMA FINAL PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO.

Andriette Lenard

Profa. Dra. Andriette Lenard
Orientadora

J.P. Angenet
Prof.^o. Dr. Jean Pierre Angenet
Co-Orientador

Maria Marta Furlanetto

Profa. Dra. Maria Marta Furlanetto
Coordenadora do Programa

Apresentada perante a Banca
Examinadora composta dos
Professores:

Andriette Lenard

J.P. Angenet

Salde de Souza

Sidney dos Santos Oliveira

Universidade Federal de Santa Catarina

Departamento de Pós-Graduação em Letras

"Um caso de português tonal no Brasil?"

Dissertação submetida à Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do grau de Mestre.

Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa

Ao meu marido,

Zé Inácio

e ao meu filho,

Tião.

Aos manos,

Siqueira

doão

Remédios

Zeze

Rita e

Paulinho

e aos meus pais,

Chico Corina e

Adélia,

dedico.

Na realização deste trabalho, em todas as suas etapas, muitos esforços foram conjugados, e muitas foram as pessoas que de uma forma ou de outra colaboraram para a sua realização, e às quais desejamos agradecer penhoradamente.

Em primeiro lugar queremos destacar a ajuda incomparável de meu companheiro em todos os momentos deste trabalho. Zé Inácio não foi só o técnico de gravação, de fotografia da pesquisa, datilógrafo e tradutor de grande parte dos textos, como, muito mais que isso, foi meu apoio moral e incentivador, de um lado, e uma espécie de "advogado do diabo" de minhas hipóteses e teorias. A sua ajuda foi deveras fundamental ao êxito que acreditamos ter alcançado.

Muitas outras pessoas somaram esforços na realização da pesquisa. Por exemplo, o padre da paróquia de Regeneração, Pe. Borges, que nos introduziu na comunidade, tendo inclusive reforçado suas recomendações ao grupo diversas vezes, facilitando a nossa aceitação; Napoleão e Taíde Soares, o casal hospitaleiro de Angical do Piauí, na casa de quem nos hospedamos; Francisco Ferreira, prefeito de São Gonçalo, sempre disponível e interessado pelos problemas da comunidade, nos facilitou transporte e propiciou enormemente a nossa atuação no Povoado através do atendimento de reivindicações comunitárias por nós veiculadas; Terezinha, Rosemary e Carminha, catequistas de Angical que nos acompanharam nas primeiras visitas realizadas ao povoado, facilitando nossa penetração; Irmã Janira, pela ajuda substancial no trabalho de catequese; Socorro Barreto e Rubens Lima, pela assistência médica prestada à comunidade, Neide e Terezinha, pela assistência odontológica, cuja dedicação, em ambos os casos, foi muito significativa para intensificar o nosso relacionamento com o grupo; Ilário, membro da comunidade do Canto, o nosso guia que nos proporcionou uma ajuda inestimável na obtenção da confiança da comunidade.

Em Teresina, foi decisivo o apoio do Reitor José Camilo da Silveira Filho, dispensando-nos a ajuda essencial nos momentos mais importantes do trabalho de campo. Também algumas instituições merecem aqui o nosso reconhecimento:

- Campanha Nacional de Alimentação Escolar, na pessoa de Zélia Reis;
- Departamento de Assuntos Culturais da FUFPI, na pessoa de Ducarmo Veloso;
- Secretaria de Saude do Piauí, na pessoa do Dr. Aguiar;

Na realização de um trabalho tão extenuante são inúmeros os momentos em que o desânimo toma conta de nós, e não são poucas as vezes que somos tentados a desistir de tudo. Em momentos como esses foi importantíssimo o apoio e o incentivo de meus colegas do Departamento de Letras da FUFPI.

Colaboração não menos importante e concreta traduziu-se na presteza e empenho com que o colega Carlos Evandro fez a revisão do texto. Da mesma sorte foi a dedicação com que o Cantuária realizou o trabalho gráfico, sem contar a enorme ajuda prestada durante o trabalho de campo.

Uma das maiores dificuldades na realização deste trabalho foi a exata descrição fonético-fonológica do corpus linguístico, para efeito de análise. Nesse sentido, foi fundamental e indispensável a colaboração do professor Nlandu Ne Kongo, da Universidade de Leiden, Holanda; a sua confirmação da descrição acima citada foi determinante.

Decisiva foi a contribuição do Prof. Jean-Pierre Angenot, pela empenhada colaboração na adaptação do modelo teórico de sua autoria que garantiu uma explicitação plausível do material fonético-fonológico analisado nesse trabalho.

Ao prof. e amigo Angenot, pelo esforço e dedicação na co-orientação, quero expressar um agradecimento especial.

Enfim, cabe um último e mais profundo agradecimento. Este refere-se à comunidade do Canto como um todo, e aos nossos informantes de um modo específico, pois que é a todos eles, em última instância, que devemos este trabalho; e à orientação da Profa. Andrietta Lenard, que, inclusive, visitou a comunidade para conhecer de perto o trabalho ali desenvolvido e propiciando, por conseguinte, orientação consistente e bem fundamentada.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I: Uma abordagem histórica	05
CAPÍTULO II: Situação Sócio-Cultural	15
CAPÍTULO III: Exame dos dados	47
CAPÍTULO IV: Proposta de um modelo teórico	55
CONCLUSÃO	
BIBLIOGRAFIA	

APÊNDICE - Corpus Linguístico

QUADROS

Figura 1 - Tabela da população total por sexo e idade	15
Figura 2 - Quadro comparativo de percentuais de perda, substituição, enfraquecimento e conservação das consoantes de L2 que passaram para L3.	51
Figura 3 - Quadro fonético.	76

MAPAS

mapa 1 - mapa do município de São Gonçalo do Piauí.	132
mapa 2 - mapa do Povoado Canto	133
mapa 3 - mapa do núcleo central do povoado.	134

RESUMO

Este é um estudo fonológico de uma "fala cantada" de remanescentes indígenas do Piauí. A partir da variedade do português de contato, aplicou-se um modelo teórico baseado em pressupostos da Fonologia Natural (Stampe, 1972) e da Fonologia Natural Pura (Angenot, 1977), a fim de avaliar o grau de conservação e perda desse falar em relação ao substrato indígena. Concluiu-se que apesar da preocupação dos falantes em disfarçar as suas origens, não se trata de um dialeto português, mas sim de uma língua ameríndia (possivelmente) em processo de portugalização.

INTRODUÇÃO

A principal finalidade deste trabalho é a descrição da fala de uma comunidade situada no Piauí. A região onde está situada fica próxima das áreas que serviram de reduto aos índios gueguês e acoroãs, à época da colonização desse Estado. Testemunho oral de pessoas da região dessa comunidade afirma ser essa fala resquícios de uma língua indígena em extinção. Tratavam-se de duas tribos inimigas, se bem que da mesma família linguística (cf. Nunes, Vol. I, 1975:151) que foram aldeadas, respectivamente, nos arraiais de S. Gonçalo e S. João do Sende. Os que ficaram em S. João do Sende, de lá fugiram incitados por escravos fugidos das fazendas e, posteriormente aprisionados, foram conduzidos para S. Gonçalo onde ficaram aldeados com os Acoroãs. Contudo, as duas tribos inimigas tramaram a fuga em conjunto, pois em face do inimigo comum, no caso o colonizador, era comum aliarem-se. Em fins de 1780, fugiram e penetraram fundo nas matas do Piauí, buscando seus aldeamentos de Goiás (cf. Nunes, Vol. I, 1975:153).

Em 1805 é criada a freguesia de S. Gonçalo do Amarante, instalada no ano seguinte. E, segundo depoimento contemporâneo, no ano de 1825,

"da antiga aldeia não restava mais vestígio, somente 46 índios acoroazes, dirigidos pelo principal João Marcelino de Brito, índio muito inteligente e resoluto" (Nunes, M. Paulo - "Um episódio da colonização portuguesa" - Jornal de Brasília - Brasília, 20 de junho de 1974).

Em razão das circunstâncias em que viveram esses índios no Piauí, mais especificamente na região de S. Gonçalo do Amarante, hoje município de Regeneração, presume-se ser essa comunidade descendente desses índios, que fugiram dos arraiais onde eram mantidos prisioneiros.

A língua que os ascendentes da população atual falavam, vem pouco a pouco desaparecendo, evidentemente em favor da aprendizagem da variedade do português regional, ou seja, da língua de contato dessa comunidade. Seus próprios habitantes têm consciência de que seus ascendentes mais antigos falavam uma língua diferente. Depoimentos orais de pessoas idosas da área de contato da co

munidade dão notícias de uma língua desconhecida falada por esse grupo. Existe, ainda, todo um acervo de histórias folclóricas referente a essa comunidade e que são contadas com uma boa dose de humor picante pelos habitantes da área de contato. Tais histórias retratam tanto a valentia dessa gente, como em "ca ba do Canto não corre/ ou mata ou morre//" (frase atribuída aos próprios habitantes do Canto) quanto as ações sanguinárias de uma época mais remota, como em "lã no Canto se mata um num dia/ e se amarra outro pro dia seguinte//" (1) e ainda o baixo quociente intelectual, como em "'- meu fii/ tu qui tã istudanu / eu sei qui tu sãbi/ mais si tu adiviã quãtar laranja tem nessa cesta/ eu ti dõ tõdar trinta/'. Depois de matutar um pouco, o filho diz: '- tem trinta/'. O velho, então, completa: '- parêci qui tu cûmeu cãrni de pēba/ vai adiviã assim no inferno//' ".

Todas essas histórias são contadas com bastante teatralidade, onde os contadores procuram imitar, na medida do possível a fala dos falantes da comunidade, sendo ainda que, nas histórias, procuram retratar mais diretamente a própria fala deles, transparecendo, desse modo, o desempenho linguístico desse povo. Vejamos, a seguir, algumas frases ditas por pessoas da área de contato, especialmente da cidade de Angical, as quais são atribuídas aos habitantes do Canto. Os habitantes do Canto, no entanto, não as afirmam textualmente, mas quando são indagados sobre elas, dizem simplesmente que "eles (os antepassados deles) falavam mermo dēxe jeito".

Eis algumas situações linguísticas:

- a) "Seu Nēna (de Neno, único comerciante de Angical até 30 anos atrás) eu quēr-um rrid-i criulina/ mōde curã ũa bichēra dũa rraca/ nu cu de seu Arrimiro//"(2)
- b) "Rramu lōgo seu Nēna/ tōr-u pãnu/ qui'ã muiē tã nuia/ i u pãdi tã in-riba//"(3)

De fato, verificou-se que a maioria das frases que esses usuários constroem em sua comunicação, principalmente se entre eles mesmos, são frases efetivamente rejeitadas por falantes de português como não constituindo enunciados normais da língua. Seguem algumas delas, coletadas durante a pesquisa:

- (1) "Eu tēu ũa palarra prã dizē prã ēle/ ô duis ô trēis//";
- (2) "E irimã da mērma Mariã qui tarra-li/ qui'ēr-um duis//".(4)
- (3) "Nã/ pago der-mil/ pago cinco/ pago quato/ pago trēis//".
- (4) "Eu aduicīi quãje/ quãje-a bem dizē murīi/ mais fiquei viv-i-tõ//".
- (5) "Era rrapãis nôvo/ bom di trabaiã jã quãje//".
- (6) "Nessa-zōra-ssim/ mi dã ũa rrontade de corrē tanta//".

Ademais, a essa comunidade sempre se refere, naquela região, como sendo

de uma "fala cantada", sendo, de fato, essa "fala cantada" o fator mais característico de seus habitantes, bem como a sua principal diferença em relação aos habitantes de outras localidades da região. A parte central desse estudo empenha-se em primeiro lugar, na investigação desse fato "fala cantada", examinando os possíveis elementos fonéticos implicados nesse "cantar" e, em seguida, procurando estabelecer uma relação entre os elementos fonéticos da variedade do português da região de contato com aquele falar. Em segundo lugar, procura-se investigar uma outra característica também marcante desse falar, que é a redução das sílabas postônicas finais.

Visando melhor compreensão do estudo, o trabalho é escrito em capítulos, assim constituídos: o primeiro capítulo compreende uma abordagem histórica sobre a colonização do Piauí e a conseqüente luta entre brancos e índios, em particular Gueguês e Acoroás, os mais destacados na história do Estado, e dos quais se acredita ser remanescente a citada comunidade; o segundo capítulo trata da descrição da atual situação sócio-cultural do grupo; o terceiro e quarto capítulos abordam os aspectos centrais do estudo, que são, respectivamente, o exame dos dados e o estudo de alguns pressupostos teóricos da ciência da linguagem, essenciais à explicitação dos dados obtidos; e, finalmente, a conclusão, onde são apresentados os resultados do estudo a partir dos dados analisados à luz das teorias consideradas no capítulo quatro.

O "corpus" de dados, examinado e analisado nesse estudo, foi obtido no final da pesquisa de campo realizada junto à aludida comunidade, por um período de um ano e meio. Sobre a pesquisa e a obtenção do "corpus", foi incluída uma pequena orientação, como parte integrante do próprio corpus, a qual encontra-se em apêndice, neste trabalho.

Ainda com respeito ao ponto central do estudo, foi proposto, um modelo teórico baseado em pressupostos da teoria da linguagem, tanto quanto possível eficaz à explicação dos dados. Esse modelo, aplicado aos dados obtidos, fornece, objetivamente, medidas do grau de conservação e/ou perda do falar considerado, em relação à língua indígena que está desaparecendo, mediada a partir da variedade do português de contato.

NOTAS

INTRODUÇÃO

- (1) De fato, era bastante comum a ocorrência de brigas violentas na comunidade. Quando resultava em morte de alguém, o criminoso ou criminosos, na falta de uma prisão, eram amarrados em troncos ou mantidos presos numa casa até a chegada de uma autoridade policial da cidade de Regeneração.
- (2) "cu" (ânus) = local da vaca onde se localizava a "bichêra" (ferida);
"seu Arrimiro" (Argemiro) = proprietário da vaca.
- (3) "nuña" (nua) = aguardando roupas, sem roupas;
"o pãdi tã inriba" (em cima) = está próximo de chegar, porque as festas do padroeiro estão próximas. A iminente chegada do padre corresponde à proximidade dos festejos, onde o padre é a figura principal, depois do santo.
- (4) "irimã" (irmã) = pessoa da qual se fala, que é irmã da Mariña (Marizinha ou Mariinha); eram duas irmãs.

CAPÍTULO I

UMA ABORDAGEM HISTÓRICA

O Povoado Canto é uma das poucas comunidades da América Latina que disfarça suas origens. Em tempos remotos, a região onde hoje está situada a comunidade serviu de reduto aos índios gueguês e acoroãs.

"No mês de julho (1772), nos subúrbios de Oeiras arranchavam-se quase novecentos Acoroãs, que em pouco seguiriam para o novo arraial de S. Gonçalo do Amarante que fundariam nas férteis terras das cabeceiras do Mulato, afluente do Parnaíba, a cinco léguas da confluência, distando ainda pouco mais de légua das margens do Canindé" (Nunes, Vol. I, 1975:125).

"Em 1786, os índios aldeados na missão de S. João do Sende são transferidos para a de S. Gonçalo, nas margens do rio Mulato, ficando extinta aquela antiga missão" (Pereira da Costa, 1974:185).

Em comunidades latino-americanas que têm como língua nativa uma língua ameríndia, esta encontra-se relegada a uma posição secundária, considerada, nesse caso, como a língua das classes baixas (exceção feita ao caso do Paraguai). Como exemplo desses fatos, poderemos citar o caso do Coatlán Zapotec e Mazatec, no México (cf. Samarin, 1967:12). No Brasil, a situação não é diferente. Atualmente, são poucas as línguas indígenas que ainda subsistem ante o contato com a língua usada pelos colonizadores. O idioma predominante no país é o português e são poucas as pessoas que conhecem ou mesmo sabem da existência de línguas aqui faladas, muito embora o léxico da língua que ora se fala, apresente uma boa percentagem do léxico dessas línguas indígenas, notadamente da família tupi-guarani.

No Piauí, há o desconhecimento total por parte da população, e mesmo por estudiosos da história do Estado sobre as línguas que eram faladas pelos índios da região. Nos trabalhos de pesquisa sobre história do Piauí, de um modo geral, bem poucas são as alusões feitas sobre essas línguas, as quais quando mencionadas, ou o são de modo impreciso, ou apresentadas de maneira controversa pelos próprios cronistas da época em que elas existiam.

"Padre Ascenso Gago regressa à Ibiapaba⁽²⁾ cheio de esperança, e iria

levar a efeito a pacificação de três aldeias que ficavam a 15 dias da ponta da Serra que bota para o sertão, e que presumia fossem da língua geral"(3) (Nunes, Vol. I, 1975:59).

"Schawennagem afirma com argumentos linguísticos que os Tremembês são Tupis. Martins Soares Moreno que conhecia muito bem a língua típica, quando anuncia a paz que fizera com esses índios, diz que são eles Tapuias" (Nunes, Vol. I, 1975:30).

A ignorância acerca dessas línguas é ademais decorrente da ignorância da existência dos próprios grupos indígenas falantes, os quais, por circunstâncias peculiares à colonização do Piauí (um caso bem particular em relação à colonização do Brasil), não conseguiram resistir por muito tempo à perseguição, à escravização e às guerras de extermínio, promovidas pelo colonizador e pelas milícias do governo, num segundo momento, após consolidada a ação colonizadora.

"Os Gurguéias (Gueguês) vadeiam o S. Francisco e são seguidos de perto pela malta indígena da Casa da Torre"...

"Depois de 6 ou 7 dias de marcha através de caatingas e terras agrestes, a rastejar o inimigo, os perseguidores surpreendem a tribo espavorida e faminta e, após ligeira escaramuça, subjugam-na, jugindo os guerreiros estropiados, e decorridos dois dias, sob fútil pretexto, degolam 400 e reduzem à escravidão mulheres e crianças. Era 19 de julho de 1676.

O local da carnificina dos pobres indígenas a 6 ou 7 dias da foz do Salitre, ficava bem longe do rio Gurguéia, todavia, se não na bacia do Parnaíba, pelo menos, bem perto dos tributários do Canindê, especialmente do rio Piauí" (Nunes, Vol. I, 1975:51).

"As nações destes, nossos inimigos, e contra que se acha decretada a guerra, são a dos acoroás, dos gueguês e dos timbiras e seus sócios. É porque a todos eles manda Sua Majestade castigar a ferro e fogo, o praticarão V. Mercê, assim atacando a todas as povoações que encontrar das ditas nações e reduzindo-as a cinzas, depois de conquistadas" (Pereira da Costa, Vol. I, 1974:176).

Vale ressaltar que a revolta do índio contra o colonizador que o queria subjugar, invadindo suas terras, querendo impor uma nova língua, novos costumes e, ainda mais, colocá-lo a seu serviço a fim de tirar proveito de seu trabalho, não só tentou obrigá-lo a hábitos de trabalho contínuo, com o qual não estava acostumado, como também se constituiu num caso bem geral contra toda a ação colonizadora portuguesa no Brasil. No Piauí, com a chamada "civilização do couro" que assinalou o início do devassamento, da ação povoadora, da formação das primeiras comunidades, surge o estado de guerra quase permanente entre índios e brancos. Estes, não só invadiam as terras dos índios que aí estavam, mas também, nelas implantavam os seus currais, dificultando a sobrevivência do indígena com a introdução do gado. Tal colonização veio acompanhada de muitas lutas e guerras contra a revolta indígena. Os índios queimavam casas, assaltavam currais, massacravam vaqueiros, dispersavam e comiam gado por onde

passavam (cf. Nunes, Vol. I, 1975:51). O egoísmo e a prepotência do colonizador de um lado, a conseqüente revolta e resistência indígena de outro, levaram num segundo momento, à promoção de guerra de extermínio, por parte dos colonizadores, visando o aniquilamento total dos índios.

"Melhor seria aos intentos dos criadores o esmagamento das tribos belicosas, cuja vizinhança era considerada nociva à expansão dos criatórios" (Nunes, Vol. I, 1975:47)

A atividade pecuária, base da colonização das terras do Piauí, deu-se:

- (1) por se encontrar nessas terras ótimas condições para manutenção e criação extensiva de gado (cf. Sampaio, s.d.:53); e
- (2) pela penetração de pessoas interessadas na expansão de rebanhos de gado e para conseqüente domínio territorial, como vinham intentando os sócios da Casa da Torre, representados por Garcia D'Ávila, implantada na Bahia desde os tempos de Tomé de Sousa.

"Em meados do século XVIII, já os criadores de gado haviam chegado aos pontos mais setentrionais do São Francisco, na região dos rios Cabças, Salitre, Pajeú e da cachoeira do Sobradinho. Nesse momento, destacou-se mais vivamente a marcha para os vales do Piauí como uma variante na expansão colonizadora" (Sampaio, s.d.:53).

A expansão pecuária foi portanto a base da colonização do Piauí, ao contrário do que se deu no resto do país, que teve como atividade principal a agricultura, o extrativismo e a mineração.

"A criação de gado facilitou a conquista e ocupação de grande parte do interior das regiões do nordeste e norte do Brasil. A pecuária surgiu para apoiar a cultura canavieira e, mais tarde, teve desenvolvimento autônomo no interior do nordeste. Os currais se espalharam ao longo das margens do Rio São Francisco e na região do atual estado do Piauí" (Ferreira, 1978:42)

A revolta indígena no Piauí contra o colonizador, foi, pois, mais intensa do que nos outros Estados brasileiros, em decorrência da própria ação colonizadora; esta, como se viu, também um caso particular, pois enquanto nos outros estados o domínio territorial verificava-se de fora para dentro, no Piauí, ocorria em sentido contrário, ou seja, de dentro para fora.

Em decorrência da revolta indígena veio a ação de escravização e extermínio por parte dos colonizadores. Os índios, diante disso, ora se aliavam àquelas para combaterem nações inimigas, ora aliavam-se a nações inimigas para combaterem o invasor branco, inimigo comum, ou então abandonavam definitivamente as terras da bacia do Parnaíba, como fizeram os Cupinhorões e Tapacuás. Na maioria das vezes, os índios escravizados e aprisionados fugiam dos maltratos dos colonizadores e das prisões. Os Gueguês foram presos por Félix do Rêgo e encaminhados para a aldeia dos Acoroás. Antes de alcançarem o rio Mulato conseguiram se livrar das presilhas de couro que lhes prendiam e novamente se re-

belaram. Feriram um soldado e seis índios foram mortos (cf. Nunes, Vol. I, 1975: 151).

Dessas fugas originaram-se verdadeiros quilombos de índios que resistiram aos ataques dos colonizadores e às diligências dos dragões que exerciam uma vigilância constante em torno desses quilombos. Provenientes de tribos diferentes, esses fugitivos uniram-se contra o inimigo comum na defesa de aldeamentos que mais tarde deram origem a comunidades como a do Canto.

Existem razões para se acreditar que sejam os habitantes dessa comunidade descendentes de índios gueguês e acoroãs, fugidos dos arraiais onde eram mantidos prisioneiros, como veremos na situação histórica do indígena no Piauí, a seguir.

A região do Piauí sempre se manteve como via migratória entre o nordeste árido e as terras férteis do Maranhão. Em tempos mais remotos percorreram as terras do Piauí tribos das principais tribos indígenas do Brasil: Tupis, Caribás, Tapuias, e, entre estes, os Cariris.

Presume-se que o Brasil tenha sido primitivamente habitado por uma grande população de cultura muito rudimentar. Essas tribos foram expulsas das terras ricas do litoral e dos vales ricos em caça e pesca pelos Tapuias mais valerosos, que promoveram a primeira grande invasão do território brasileiro. Posteriormente ocorreu a invasão dos Tupis e começou a luta contra os Tapuias pela conquista das melhores terras (cf. Nunes, Vol. I, 1975:28)

Conforme os documentos mais antigos que se referem ao Piauí, os Aroãs, Cupinhorões, Tabajaras, Amoipirãs e Tremembês foram os povoadores da bacia do Parnaíba. Tabajaras e Amoipirãs, que vieram pelo S. Francisco, eram Tupis e a eles se juntaram os Termiminós, da língua geral. Cupinhorões e Aroãs, parentes dos Guaranis e Barbados, eram Tapuias. Quanto aos Tremembês, existe uma controvérsia no que se refere à sua classificação: alguns os consideram Tupis (cf. Neves, s.d. e Schwennhagem, 1928), mas outros afirmam que eles são Tapuias (cf. Nunes, 1975), do ramo cariri.

Em 1760 aparecem os Pimenteiras entre as cabeceiras dos rios Piauí e Gurgueia, os quais, segundo narração de um cronista não identificado, em 1793, estavam completamente aniquilados (cf. Pereira da Costa, 1974:196). Os Tapacuãs penetram no Piauí mas são completamente abatidos (cf. Nunes, Vol. I, 1975:48).

Os índios das regiões de Goiás e do Maranhão que vagavam pelas margens do S. Francisco foram reprimidos e refugiaram-se em terras do Piauí. Entre estes, destacam-se os Rodeleiros, Acoroãs e Gueguês. Em 1673, curraleiros do S. Francisco enfrentam os Anaiões, Galaxos e Gueguês. No ano seguinte, a perseguição

comandada por Francisco Dias de Ávila destroça os Índios, escapando porém os Gueguês, que no ano seguinte fizeram novas escaramuças e sofreram o primeiro revês (cf. Nunes, Vol. I, 1975:51).

"Em 1691, Francisco Dias de Ávila vai nomeado mestre-de-campo para desbaratar os gentios confederados do Maranhão, em Itapecuru e Mearim" (Nunes, Vol. I, 1975:55)

"No ano seguinte repele os Acoroãs que haviam ocupado a lagoa de Parnaguã" (Nunes, Vol. I, 1975:56).

A penetração desses Índios nessas circunstâncias em terras piauienses foi o bastante para crescer em muito a intranquilidade dos fazendeiros devido à depredação dos currais feita por esses indígenas. Dessa forma, aumentava cada vez mais o furor dos combatentes e provisões vindas do Maranhão ordenavam que se fizessem guerra a esses Índios.

Dentre as tribos revoltadas no Piauí, tomaram destaque as dos Gueguês e dos Acoroãs, pela sua resistência, valentia e insubmissão corajosa. Ao cabo João do Rêgo Castelo Branco e posteriormente ao seu filho Félix, foi confiada a missão de reprimir esses Índios.

Como se vê, os Índios tanto da região de Goiás quanto do Piauí penetravam no vale do S. Francisco e massacravam vaqueiros, dispersavam e comiam o gado. Em seguida vinha a perseguição e então retornavam até o Piauí, onde se refugiavam, mas que, em campanhas mais intensas de perseguição, os curraleiros penetraram, descobriram as terras apropriadas à pecuária e decidiram por sua ocupação. Um documento de 1673⁽⁴⁾ dá conta de uma dessas ações de perseguição, e justamente aos Anaiões, Galaxos e Gueguês, da qual escapam apenas os últimos. Estes voltam mais tarde ao S. Francisco e são derrotados. Após essa derrota, vem a fuga rumo ao Piauí e a consequente perseguição. Essa referência é a mais antiga que diz respeito aos Gueguês.

A partir de 1673, e durante todo o processo de colonização do território do Piauí, as lutas e guerras entre colonizadores e Índios foram uma constante, e, entre os indígenas, os Gueguês e Acoroãs foram os grupos que mais se destacaram pela resistência. É de 1692 a primeira notícia dos Acoroãs, época em que foram expulsos da lagoa de Parnaguã, no extremo sul do Piauí, por uma tropa comandada por Francisco Dias de Ávila, como já vimos.

Após a expulsão dos Acoroãs da região de Parnaguã, há um período de cerca de 50 anos sem que tenham acontecido lutas mais sérias entre colonizadores e indígenas. Mas depois desse período, os Acoroãs novamente se assanham contra os colonizadores, realizando incursões aos currais do Piauí e incomodando os vaqueiros. Nessa época, é que surgiu na história do Piauí a figura de João do Rêgo Castelo Branco, indivíduo ambicioso e truculento, o qual foi encarregado

de reprimir os Acoroãs. Na perseguição incessante a esses Índios, João do Rêgo, certa vez, invadiu as terras dos Timbiras, no Maranhão, os quais já viviam em paz com os colonizadores. Matou muitos Índios e escravizou os sobreviventes que encontrou. Após tal incidente, Timbiras, Acoroãs e Gueguês, aliados, deram início a uma guerra, em estado permanente, num período que vai de 1751 a 1759.

Duas leis, de 6 e 7 de julho de 1759, proibiram a escravização de Índios, autorizaram a libertação dos que estavam prisioneiros e permitiram a transformação de suas aldeias em vilas, sem a interferência do governo na administração dessas vilas. Com essas medidas, a Corte pretendia devolver a paz à região. De fato, três anos depois, Carta Régia de 1761, autorizou a criação das vilas. Para tanto foi feito um levantamento da população indígena. Constatou-se a existência de 354 Índios jaicôs em aldeamento próximo a Oeiras e 337 gueguês no aldeamento de S. João do Sende. Todos esses Índios já estavam civilizados, os quais representavam, no entanto, apenas uma pequena percentagem de ambas as nações. Os Índios não aldeados entretanto, ainda resistiram à ocupação, em estado de guerra permanente, com períodos de maior e menor intensidade.

Em 1763, foi decidida uma ampla ofensiva contra os Gueguês e os Acoroãs. Para tanto, uma tropa de 150 combatentes penetrou no Maranhão pela foz do rio Gurguêia, na confluência com o rio Parnaíba, com a pretensão de fundar um arraial que serviria de base para incursões aos sertões de Pastos Bons⁽⁵⁾ na procura dos Índios gueguês e timbiras; parte dessa tropa seguiria para o sul do Piauí e norte de Goiás à procura dos Acoroãs. A partir de abril do ano seguinte, saíram de Oeiras tropas de combatentes para o arraial da foz do rio Gurguêia. Lá chegando, João do Rêgo encontrou os Gueguês, e estes fugiram para o Maranhão, sendo ali atacados, em terras dos Timbiras. Em agosto do mesmo ano, chegaram a Oeiras os primeiros grupos de Índios aprisionados que eram enviados a S. Luís do Maranhão, como escravos, ficando em Oeiras apenas as crianças, que eram distribuídas entre os moradores da Capitania. Essa primeira campanha apresentou um saldo de 400 Índios mortos ou feridos e 350 prisioneiros.

Em abril de 1765, iniciaram-se os preparativos para uma nova campanha e João do Rêgo partiu para Parnaguá em busca de reforços. A esta altura já era notória a intensão de João do Rêgo de descobrir a legendária Lagoa das Pérolas,⁽⁶⁾ seu objetivo principal nas campanhas de perseguição aos Índios. Por esse motivo, as autoridades de Parnaguá negaram-lhe apoio. Mesmo assim ele partiu com sua tropa e encontrou os Gueguês na margem ocidental do rio Uruçuí. João do Rêgo propôs um encontro amistoso do qual resultou, inclusive, troca de pri

sioneiros. Os Gueguês propuseram também uma aliança para uma guerra contra os Acoroãs, com os quais estavam em guerra, nessa época.

Os Gueguês e Acoroãs eram da mesma família lingüística e suas línguas em pouco diferiam, como já vimos. O estado de guerra entre essas duas tribos surgiu com a própria colonização. Alguns índios capturados pelos colonizadores eram, posteriormente, utilizados como guias, intérpretes e até mesmo como combatentes na perseguição a outros índios. Se havia uma campanha específica contra Gueguês, os colonizadores utilizavam índios acoroãs compondo suas tropas, e vice-versa. Tal prática aumentava cada vez mais a inimizade entre as duas tribos.

O auxílio aos Gueguês contra os Acoroãs deveria ser uma decisão do Governador da Capitania. Por isso quatro chefes gueguês foram a Oeiras para negociarem a paz com o Governador, o qual concordou com o fim do estado de guerra, mas não aceitou promover uma campanha contra os Acoroãs. Em função da paz celebrada, os Gueguês aceitaram instalar-se no Piauí, precisamente nas barras do rio Poti, próximo da confluência com o rio Parnaíba, local onde hoje está situada Teresina. No mesmo ano, em novembro, chegou a Oeiras o primeiro grupo de índios, num total de 400, que foram alojados no arraial de S. João do Sende, confiados a João do Rêgo e a um padre franciscano, depois de abandonada a idéia de instalá-los nas barras do Poti.

Quatro anos depois, em 1769, os Acoroãs, que haviam desaparecido, atacaram a freguesia de Parnaguá, e novamente se instaurou a insegurança na região. Em 1771, João do Rêgo, à frente de 150 homens, patrulhava as margens do Parnaíba onde acreditava que estivessem os Acoroãs. Não tinha, porém, permissão para promover guerra ofensiva. Encontrando os Timbiras, aprisionou 120 índios e os remeteu a Oeiras onde foram alojados juntamente com os Gueguês em S. João do Sende. Oeiras estava preocupada com os Gueguês porque parte deles que havia partido com João do Rêgo, fugiu e temia-se que voltasse a S. João do Sende para apANHAR suas esposas e filhos, e provocassem distúrbios.

João do Rêgo, após remeter a Oeiras os prisioneiros timbiras, seguiu para o rio Tocantins à procura dos Acoroãs. Encontrando-os, fez 100 prisioneiros, e impôs descimento à tribo para o ano seguinte, 1772. Mais uma vez, a política tão odiada pelos índios foi aplicada: dos 100 prisioneiros, 70 adultos foram enviados para S. Luís como escravos e 30 crianças distribuídas entre os moradores de Oeiras. Com os prisioneiros levados a Oeiras, seguiu um dos chefes acoroã para firmar a paz com o Governador.

Em 1772, Bruenque, principal chefe dos acoroãs, abandonou o vale do Tocantins, veio ao Piauí com 900 Acoroãs e montou acampamento nos subúrbios de

Oeiras, satisfazendo o compromisso assumido com o Governador. De Oeiras seguiram para o novo arraial de S. Gonçalo do Amarante,

"que fundariam nas férteis terras das cabeceiras do Mulato, afluente do Parnaíba, a cinco léguas da confluência, distando ainda pouco mais de légua das margens do Canindê"(Nunes, Vol. I, 1975:125).

Em 1773, Bruenque e seus índios ainda permaneciam prisioneiros em Oeiras. 202 deles eram mantidos acorrentados a troncos ou em bolas de ferro; os demais haviam sido remetidos ao arraial de S. Gonçalo onde desde os primeiros dias vinham promovendo inúmeras fugas. A vigilância foi redobrada e o número de prisões aumentado; em decorrência, verificaram-se rebeliões e fugas em massa. A partir de então, e durante dois anos, foi ação única do Governo o extermínio desses índios fugitivos.

Em 1778, novamente os Acoroãs ameaçaram fugir do arraial e mais uma vez foi redobrada a vigilância pelos dragões; os Gueguês também se revoltaram, em S. João do Sende, contra o regime de escravidão. Estes últimos, incitados por escravos fugidos, abandonaram o arraial e seguiram para a fazenda Cana Brava, em direção à Chapada Grande, cometendo todo tipo de depredação. Novamente presos, foram transferidos para S. Gonçalo, onde, segundo as autoridades, oferecia-lhes algumas vantagens: um sô pároco, um sô diretor, e os Acoroãs para perseguirem fugitivos. É evidente que os Gueguês não quiseram unir-se com os Acoroãs porque eram inimigos e, por isso mesmo, novamente fugiram, sendo mais uma vez apanhados e, depois foram encaminhados a S. Gonçalo, a aldeia dos Acoroãs. No percurso para esse arraial, alguns escaparam e outros morreram após luta rápida. Em S. Gonçalo foi feita uma depuração, separando-se os elementos considerados perigosos dos demais. Vinte índios foram enviados como escravos para S. Luís; várias índias consideradas perniciosas foram enviadas para Maranhão e distribuídas pela ribeira do Crateús com

"... a consideração de ficarem afastadas umas das outras a distância que possível for" (Nunes, Vol. I, 1975:152).

A convivência forçada entre Gueguês e Acoroãs levou-os a uma aliança contra o inimigo comum. Em setembro de 1780 fugiram e penetraram fundo nas matas do Piauí, no sentido de Goiãs, buscando o Tocantins, sua região de origem. Por volta de 1794, a maioria dos índios restantes na aldeia de S. Gonçalo havia fugido e se espalhado desordenadamente pela Capitania. Permaneceram no entanto, muitos Acoroãs em S. Gonçalo, chefiados pelo índio João Marcelino de Brito, o qual também ameaçou abandonar S. Gonçalo porque os colonizadores insistiam em perturbar suas plantações.

Em 1811, João Marcelino de Brito, descontente com a situação,

"... vai por terra à Província de Minas Gerais queixar-se ao Conde

de Palma de que os homens do Piauí lhe queriam tomar as suas terras, além de outras injustiças que praticavam, principalmente o sacerdote que os dirigia. O Conde mandou-o ao Rio de Janeiro a fim de apresentar pessoalmente ao Príncipe Regente a sua queixa, e este, depois de ouvi-lo, de feriu benignamente, enchendo-o de honras e presentes" (Pereira da Costa, 1974:124).

Do antigo arraial de S. Gonçalo do Amarante, resultou o atual município de Regeneração, o qual tem esse nome em virtude da reconstrução da aldeia após total destruição, numa batalha entre índios e brancos, cuja data não se pode precisar. Desde então não se tem mais registros documentais sobre os Acoroás em S. Gonçalo. Dos Gueguês também não se teve mais qualquer notícia..

Na zona rural do município de Regeneração encontram-se algumas comunidades descendentes de indígenas e de negros, as quais acreditamos terem sido formadas a partir de índios e negros fugidos. Nas nascentes do rio Piranhas, precisamente na lagoa do Mulato, situam-se algumas dessas comunidades. No povoado Mulato, dividido em Mulato Velho e Mulato Novo, a população apresenta nítidos traços indígenas; no povoado Baixão das Caraíbas ou "Baixão dos Negros", a população é de negros, em sua grande maioria. Mais para o norte, ainda nas margens da lagoa, situa-se a localidade Mimoso, área integrante do território do Canto até a época do desmembramento desse povoado do município de Regeneração, com a emancipação do município de S. Gonçalo do Piauí.

Em vista tanto da proximidade geográfica de Regeneração, e das características físicas da população, quanto também da grande dependência em relação a esta cidade, especialmente por parte do Canto, o qual fica mais próximo de outra cidade também importante (S. Pedro do Piauí), somos levados a supor uma descendência de Gueguês e Acoroás. De fato, foram esses índios os que mais permaneceram na região, ora resistindo, ora fugindo e escondendo-se. Por outro lado, o apagamento de sua história, promovido por eles mesmos, demonstra claramente o medo da perseguição, mesmo nos tempos atuais.

Nada existe porém de conclusivo quanto a que nação ou nações indígenas eles pertenciam; só existe a certeza de que descendem de índios fugidos. Quanto à origem exata, torna-se difícil depreender-se até por um estudo específico, posto que não há qualquer registro sobre os índios gueguês e acoroás que permita uma comparação acurada com os dados atuais. Mesmo assim, é um caminho que se abre para o estudo do indígena brasileiro e seu processo civilizatório.

NOTAS

CAPÍTULO I

- (1) A localização corresponde exatamente à região onde hoje está situada a cidade de Regeneração.
- (2) Serra que separa o Piauí do Ceará.
- (3) Uma língua comum utilizada entre vários grupos indígenas do Brasil, mesmo antes da colonização, e que se supõe ser resultante das diversas línguas desses indígenas, principalmente do Tupi-Guarani. Os portugueses que aqui chegaram passaram a utilizá-la como uma espécie de língua franca para fins de conquista e catequese dos Índios, acrescentando-lhes, por conseguinte, alguns elementos do português.
- (4) Não identificado por Odilon Nunes, mas por ele citado. (cf. Nunes, Vol. I, 1975:50-51).
- (5) Atualmente município do Estado do Maranhão.
- (6) Lenda indígena que fala da existência de uma "lagoa dourada". Segundo se acreditava na época era uma fonte inesgotável de pérolas; outros acreditam tratar-se da lagoa de Parnaçuã, no extremo sul do Piauí.

CAPÍTULO II

SITUAÇÃO SÓCIO-CULTURAL

O Povoado Canto está localizado no município de São Gonçalo do Piauí, a 120 km ao sul de Teresina, pela rodovia Teresina-Floriano. O município, elevado a essa categoria em 30 de novembro de 1963, tem como sede municipal a cidade de S. Gonçalo do Piauí, antigo povoado de Baixa do Coco. Possui uma população de 3.204 habitantes, sendo 2.041 na zona rural e 1.163 na sede municipal⁽¹⁾. Limita-se ao norte com os municípios de São Pedro do Piauí e Água Branca; a oeste, com o município de Angical do Piauí; ao sul, com o município de Regeneração; e a leste, com o município de Hugo Napoleão.

É na zona rural do município, distante 6 km da sede, que se localiza o Povoado Canto, compreendendo uma área central, denominada Canto, e as localidades periféricas de Brejinho, Carrapato e Chapadinha. Tais denominações são utilizadas somente a nível local, sendo todas essas localidades conhecidas externamente pela denominação genérica de Canto.

Essa área, em sua globalidade, possui uma população de cerca de 1.000 habitantes,⁽²⁾ mas a pesquisa concentrou-se apenas na área central, cuja composição demográfica é apresentada na figura 1 (v. figura 1)

FIGURA 1 - Tabela da população total por sexo e idade.

faixas etárias	sexo	POPULAÇÃO		
		masculino	feminino	Total
0 a 14 anos		87	74	161
15 a 25 anos		39	45	84
26 a 45 anos		43	36	79
mais de 45 anos		36	20	56
Total		205	175	380

O grupo atual, como já mencionado na abordagem histórica, é resultante de duas tribos indígenas que se refugiaram nessa área para fugirem da perseguição implacável promovida pelos colonizadores. Embora sendo do mesmo grupo étnico,⁽³⁾ essas duas tribos eram inimigas, e por força das circunstâncias foram obrigadas a ocuparem o mesmo território, forçadas pela constante vigilância e repressão das milícias imperiais, especialmente da Companhia dos Dragões.⁽⁴⁾ Embora o território ocupado fosse exatamente o mesmo, havia uma divisão de áreas, nitidamente demarcadas, por uma muralha de pedra com cerca de 4 km de extensão.⁽⁵⁾ Internamente divididos e desunidos, havia no entanto uma união muito forte com relação a perigos externos e inimigos comuns.

Atualmente, o principal fator de coesão do grupo está ligado à posse e uso da terra que ocupa. Consolidada a ocupação desse território, tornaram-se necessárias medidas de legalização dessa ocupação, a fim de evitar a invasão de outros posseiros. Assim, por volta de 1933,⁽⁶⁾ as 96 famílias que lá residiam requereram o Uso Capião⁽⁷⁾ da terra. Todo o território pertence até hoje a essas 96 famílias e seus descendentes.

Várias tentativas de divisão da terra foram feitas, mas todas resultaram em fracasso, geraram violências e acentuaram mais ainda a divisão interna do grupo, principalmente quando a iniciativa de repartição partia de membros isolados. O próprio instrumento legal de ocupação da terra concede a posse e uso do território em termos coletivos, de forma que nenhum membro possui, isoladamente, qualquer parte. Nesse sentido, qualquer membro do grupo pode utilizar qualquer área ainda não ocupada por outro. Essa ocupação é respeitada pelos demais.

A condição essencial para se considerar como pertencente ao grupo é ser descendente de qualquer uma das famílias-tronco. E mesmo que qualquer membro abandone o território, não perde o direito de pertencer ao grupo e nem o direito à terra, pois se ocorrer o seu retorno ele terá os mesmos direitos que desfrutava antes. O sentimento de pertencer é tão forte que mesmo aqueles que se afastam do grupo são considerados como pertencentes, embora estes, muito frequentemente, não se considerem assim, e até mesmo neguem qualquer relação com o grupo.

Historicamente, a comunidade apagou sua origem indígena, a qual só é admitida muito reservadamente por um ou outro membro. Referir-se às origens da comunidade é evocar um passado de sofrimento, perseguição e medo. Por outro lado, abordagens dessa natureza trarão sempre à tona o problema da terra, assunto que deve ser convenientemente evitado. É por essa razão que as gerações mais novas desconhecem totalmente a história do grupo, devido a uma espécie de apa-

gamento deliberadamente promovido pelas gerações mais velhas. Por descenderem de índios bravos e indomáveis que por isso mesmo não aceitaram o regime de escravidão ao qual os colonizadores queriam submetê-los, é que sua história trará sempre a lembrança das perseguições e das atrocidades contra eles cometidas. Mais recentemente, o problema da terra provocou verdadeiras guerras contra fazendeiros vizinhos que delas queriam apoderar-se.

Assim como os membros do grupo negam suas origens indígenas motivados por um sentimento de medo, muitas das pessoas que deixaram a comunidade, e hoje vivendo uma realidade sócio-cultural diferente, negam, e com uma boa dose de irritação, terem pertencido ao grupo, revelando assim uma espécie de vergonha o fato de terem pertencido ou serem provenientes diretamente de uma comunidade considerada de primitivos. É esse o caso de pessoas originárias do povoado e que muito se destacam na vida pública e administrativa do Estado.

O direito de pertencer ao grupo, além da descendência, pode ser obtido pelo casamento. Se um membro do sexo masculino casa-se com uma mulher não pertencente ao grupo, ela passará à condição de pertencente; terá os mesmos direitos e deveres próprios dos membros do grupo, mas tais direitos e deveres são estabelecidos como uma espécie de extensão dos do marido. A este novo membro sempre se referirá como sendo uma pessoa de tal lugar, filha de tal pessoa desse lugar, como no enunciado: "A Ana/ muiê do Antôï/ fia do Bastião/ lâ do Angicãli//"; ou seja, "A Ana, mulher do Antônio, a qual é filha de Sebastião que reside em Angical". O mesmo ocorre com o novo membro que foi introduzido na comunidade pelo casamento com uma mulher membro do grupo. Como no caso anterior, ele terá os mesmos direitos, inclusive o de uso da terra. Nesse caso porém, há por parte do grupo uma certa reserva e algumas restrições porque, além do uso, muitas vezes o novo membro, homem, pretende obter a posse da terra, atitude que não é comum nem entre os indivíduos natos. Esse desejo de posse implica em divisão de terras, e isso é violentamente rejeitado pela comunidade.

Com relação aos filhos resultantes de casamentos em que um dos cônjuges é de fora da comunidade, aqueles são considerados membros do grupo, com todos os direitos e deveres que o pertencer implica. Isso por duas razões: (1) os filhos são considerados, em qualquer caso, como descendentes do cônjuge nato; e (2) o simples fato de terem nascido no território. Um exemplo claro desse segundo aspecto, se bem que exagerado, é o meu caso próprio. Como a parte mais intensa da pesquisa ocorreu durante o período de minha primeira gravidez, e mesmo meu filho não tendo nascido lá, ele é, simbolicamente talvez, considerado como do Canto. Vejamos o enunciado: "Don Catarin/ a sñora intē qui nōis num fala/ mar-u Sebastião muiē/ ē daqui du Cântu/ Num vê muiē/ quē'le nacēu aqui

quãji/ É qui nem nõis//".

De um modo geral, nenhum membro perde essa condição, nem mesmo pela morte. Há um respeito, quase de cultuação aos mortos, não só por serem mortos, mas por serem os mortos do Canto. O cemitério é exclusivo dos membros da comunidade; as "assombrações" e as "almas penadas" são "assombrações" e "almas penadas" do Canto, quase sempre atribuídas a este ou àquele membro morto do grupo.

Como se vê, o sentimento de pertencer liga-se, de uma forma ou de outra, ao lugar em que o grupo habita, à terra.

A forma de comportamento que basicamente o distingue de outros grupos da região é a relação com a terra: a posse é coletiva, o uso é individual. Nenhum membro possui qualquer parte da terra, mas tem o direito de usar qualquer porção, respeitados os limites de áreas utilizadas por outros membros e, observado, por outro lado, o direito que todos têm de utilizar a terra. Como a atividade produtiva é a nível de subsistência, sempre há terras disponíveis, e a maior parte do território é composto de terras ainda não utilizadas. Tais áreas virgens poderão ser usadas por qualquer membro do grupo e pelo tempo que julgar necessário. Se, porém, uma pessoa não pertencente ao grupo deseja desenvolver algum cultivo nessas áreas virgens, poderá fazê-lo após prévia autorização dos líderes da comunidade, os quais determinam o tamanho da área e o tempo de sua utilização. Mas se a área a ser utilizada por uma pessoa não pertencente à comunidade for constituída de terras já beneficiadas (desmatadas, cercadas, etc.), a autorização será dada pelo membro da comunidade que as beneficiou. Nesse caso, será cobrado um aluguel pela utilização da terra, o qual geralmente é pago com parte da produção.

Em todos os casos, quer o cultivo seja feito por membros da comunidade, quer seja por pessoas de fora, mediante pagamento de aluguel ou não, a atividade agrícola é sempre de subsistência. Raramente há comercialização da produção, e quando esta ocorre refere-se a pequenos excedentes. A única exceção é a produção de mandioca, principal cultura na comunidade, tendo sempre gerado excedentes.

O núcleo central do povoado é uma área que circunda o pátio da igreja e onde se localiza o maior número de domicílios. As casas estão distribuídas em torno desse pátio, formando uma espécie de ferradura com a abertura voltada para a frente da igreja. Um outro semi-círculo, não tão preciso quanto o primeiro, se forma por trás da primeira linha de casas.

Com a construção de uma estrada carroçável⁽⁸⁾, cortando o povoado bem na

linha de casas do primeiro vértice da ferradura, muitas famílias que moravam afastadas do núcleo central construíram novas casas nas margens dessa estrada, formando um corredor de cerca de 1,5 km de extensão.

Na parte central há a igreja, encravada em um morro de onde se tem uma visão de todo o núcleo. À direita da igreja estão situados o poço e o chafariz; mais abaixo, o grupo escolar; à esquerda, uma linha de casas formando a ala direita da ferradura, e o clube Zidorão; na frente, o vértice da primeira ferradura, composto de alguns domicílios e duas das cinco bodegas⁽⁹⁾ do povoado. Paralelamente à estrada que corta o povoado, à direita da igreja, situam-se o posto médico recentemente construído, e as outras três bodegas. (v. mapas).

A quase totalidade das casas são de paredes de taipa⁽¹⁰⁾, cobertas de palhas de babaçu, e piso de chão batido. Cada casa possui um quintal cercado, destinado ao cultivo de poucas verduras e frutas. Nenhuma possui jardim, muro ou cerca que separem as frentes umas das outras ou do pátio da igreja, exceto aquelas casas construídas dentro de roçados.

Mesmo não havendo delimitação clara, cada casa possui o seu "terreiro"⁽¹¹⁾, considerado parte integrante do domicílio e que, por essa razão, não pode ser desrespeitado ou violado. A simples permanência de uma pessoa num terreiro, não é considerada uma invasão. Mas se a pessoa aí penetra com propósitos agressivos é considerada invasora, uma violadora do domicílio. A reação da família residente é considerada de legítima defesa.

Todas as casas do povoado são constituídas basicamente de um quarto do casal, ou "camarinha", uma sala e uma cozinha. Quando a família não é ainda numerosa, de 2 a 3 filhos de até 7 ou 8 anos, estes dormem na camarinha com os pais. Quando as crianças crescem e/ou aumentam em número, passam a dormir também na sala ou em quarto adicional construído quando a necessidade surge. Quase todas as camarinhas possuem cama destinada ao casal, mas só é utilizada nas relações sexuais e durante o resguardo⁽¹²⁾ da esposa. Raramente é utilizada para dormir, especialmente pelo marido.

A camarinha é local muito reservado e íntimo: destina-se exclusivamente à família residente, casal e filhos pequenos. Estes só a utilizam para dormirem. Já, as pessoas que não são membros do núcleo familiar, só poderão entrar sem restrições em circunstâncias especiais, como de visitas a doentes, ou a recém-nascidos. Fora tais situações, só mulheres poderão penetrar, e, mesmo assim, a convite da dona da casa e sem a presença de seu marido na camarinha.

A sala é o local onde são recebidas formalmente as visitas, as quais, se íntimas da família, poderão entrar e permanecer sem formalidades. Após penetrar na sala, a pessoa será convidada a sentar-se, mas, se se tratar de amigo

ou parente próximo, cujas visitas sejam frequentes, nem será necessário oferecer-lhe uma cadeira. Não sendo parente próximo como pai, tio ou irmão de um dos cônjuges, seja qual for o grau de intimidade com o casal, a permanência de pessoas do sexo masculino será sempre muito breve, se o chefe da família não estiver em casa. Na ausência deste, uma pessoa do sexo masculino dificilmente sequer entrará na casa, a não ser no caso de parente próximo já citado, ou se se tratar de um estranho em rápida passagem. Toda vez que um homem passar pelo terreiro de uma casa, sempre perguntará pelo dono dela; e mesmo que este esteja fora, a esposa fará o convite para entrar e sentar-se um pouco, mas, mesmo assim, a pessoa recusá-lo-á. No caso de o marido encontrar-se em casa, a pessoa poderá entrar para a sala ou ficará sentada numa cadeira, no terreiro. Em qualquer caso, quer parando para conversar no terreiro ou na sala, a visita terá sempre um objetivo, mesmo que seja para um simples bate-papo informal. Se o objetivo é apenas este, é quase certo que visitante e dono da casa ficarão conversando no terreiro, sentados em cadeiras ou bancos feitos de troncos de madeira, ou acorados. No caso de uma conversa informal de um homem com o dono da casa, a mulher quase sempre ficará afastada, na porta da casa, de pé na soleira, ou sentada pelo lado de dentro da casa, mesmo que esteja participando da conversa.

A sala é também local onde se realizam as refeições durante o dia, e à noite, serve de local de dormida para os filhos maiores e para os hóspedes eventuais. Pela manhã é servido o café acompanhado ou de cuscuz⁽¹³⁾, ou de beiju,⁽¹⁴⁾ ou de pão de trigo, vindo de uma padaria da cidade vizinha e revendidos pelas bodegas do povoado. As pessoas velhas tomam café puro e forte⁽¹⁵⁾ por volta das 5 horas da manhã; às 7 todos tomam café com desjejum, ou seja, com "isca"⁽¹⁶⁾. O chefe da família e os filhos homens considerados adultos são servidos na mesa; as crianças são servidas sentadas no chão ou em cadeiras afastadas da mesa de refeições. A mulher e as filhas mais velhas, após terem servido os demais, fazem suas refeições na cozinha.

Nas épocas de trabalho nas roças, os membros da família que trabalham almoçam na própria roça. Conforme a distância do roçado, se longe, a comida poderá ser levada já pronta logo pela manhã, ou levada ao meio dia pela esposa ou filhos menores, se perto da casa.

As dependências complementares do domicílio são o paiol, local de armazenamento da produção das roças, e a privada, geralmente afastados da casa, no quintal. Nem todas as casas possuem local apropriado para armazenamento; nesse caso, a produção é armazenada num canto da sala ou do quarto de dormir adicional. Nas casas onde não existem privadas, as necessidades fisiológicas, são

feitas no mato, pelos adultos; no quintal, pelas crianças; dentro de casa, no terreiro, ou em qualquer lugar, pelos bebês. Quase nunca existe na casa um local apropriado para o banho; este é feito no riacho ou no açude, em locais e horários determinados para homens e mulheres de todas as idades.

A responsabilidade pela manutenção da família é do chefe, mas há uma clara atribuição de responsabilidades e funções entre os membros da família. O chefe, juntamente com os filhos maiores, a partir de 10/12 anos, cuida do roçado. A participação de mulheres na lavoura, atualmente, resume-se apenas às fases de plantio e colheita.

É atribuição da esposa cuidar do lar, ou seja, cozinhar, cuidar dos filhos, abastecer de água a casa, ajudada pelas filhas, lavar e passar as roupas e, às vezes, confeccionar o vestuário de toda a família. Os filhos do sexo masculino que não acompanham o pai ao roçado, ajudam no trabalho doméstico, abastecendo a casa de lenha, fazendo outras tarefas quaisquer, consideradas trabalho de menino.⁽¹⁷⁾ As meninas ajudam a carregar água, lavar roupas, cozinhar e a cuidar dos bebês. Nas horas de folga do trabalho doméstico e da escola, os meninos caçam passarinhos, pescam, brincam, tomam banho no riacho e no açude; as meninas mantêm-se quase sempre ocupadas.

Não é comum invalidez por velhice. Todas as pessoas de idade avançada, homem ou mulher, mantêm uma ocupação qualquer, de acordo com o sexo e a capacidade física. São em caso de doença que obrigue o doente a permanecer deitado, é que os velhos ficam sem exercerem atividades.

Nas atividades de beneficiamento da mandioca, a participação de mulheres de todas as idades é muito grande e intensa. Com exceção da "arranca",⁽¹⁸⁾ transporte da mandioca, tração para ralação⁽¹⁹⁾ e torração, todas as demais atividades são realizadas pelas mulheres.

Ainda com respeito às atividades e relações sociais conforme sexo e idade, há o fator associatividade, o qual existe sem que haja o sentimento de associação, pelo menos nos moldes convencionais. Um caso é o clube construído pelos habitantes do povoado, 60 ao todo, os quais são ditos sócios. Não existe porém, nenhuma restrição à participação de qualquer pessoa, da comunidade ou não, nas festas promovidas pelo clube. O clube consta apenas de um salão coberto de palhas, paredes de palhas e talos de coco,⁽²⁰⁾ e piso de cimento. É destinado exclusivamente à realização de bailes, e mais recentemente, foi instalado lá um televisor público. A idéia tanto do clube quanto do televisor não surgiu da comunidade; as festas eram realizadas em barracos improvisados, os quais eram depois desarmados.

As festas podem ser promovidas por qualquer sócio ou grupo de sócios, e os lucros são revertidos em benefício dos promotores; uma pequena parte desse lucro, porém, é doada a Santo Antônio. As barraquinhas⁽²¹⁾ ou as bancas⁽²²⁾ que se instalam próximas ao salão para venderem café, frito⁽²³⁾ e bolo também têm parte dos seus lucros destinada ao santo padroeiro. As doações, quer partam dos promotores das festas, quer partam dos vendedores das barraquinhas e bancas, não são necessariamente estipuladas, de modo que as quantias ou percentuais ficam a critério dos doadores.

Os sócios do clube não têm qualquer direito a mais do que qualquer pessoa da comunidade. Sua função é exclusivamente deliberar acerca da realização de festas, promovidas por sócios ou não.

Um outro caso, diz respeito à associação de pessoas do Canto ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Gonçalo do Piauí, com sede na cidade de São Gonçalo, mas que tem associados em todo o município, inclusive no Canto, onde há até um representante. Os motivos pelos quais os trabalhadores do Canto se filiaram ao sindicato devem-se à assistência médica, a que os associados têm direito. Mediante uma contribuição mensal de 3 cruzeiros, em 1977, os sócios usufruem esse direito. Ocorre que, mesmo com uma contribuição tão pequena, muitos desses associados não se sentem dispostos a desembolsá-la; quando se dispõem a fazê-lo, o pagamento é dificultado porque só pode ser feito diretamente na sede do sindicato e nos dias úteis.

Privilégios ou regalia de qualquer natureza, determinados por fatores de idade ou sexo, praticamente não existem. Há, sim, o respeito pelos mais velhos mas pela velhice em si, devido à experiência e à sabedoria dos mais idosos e/ou devido às relações de parentesco. Decisões que possam afetar a comunidade como um todo, tais como o apoio a este ou aquele político do município, localização de uma obra pública, etc., sempre serão tomadas pelos mais velhos ou sob a orientação destes. Em problemas de ordem pessoal, os velhos serão sempre consultados, mais frequentemente os da mesma linhagem familiar da pessoa que solicita a orientação. A consulta a não familiares também ocorre; conveniência de um casamento, de um empreendimento comercial ou agrícola, a melhor maneira de combater uma doença, são alguns dos assuntos sobre os quais os velhos são convidados a opinar. Com respeito a problemas de casamento e saúde, as pessoas idosas do sexo feminino são as mais consultadas.

Em qualquer tempo, existe na comunidade um membro de idade avançada que assume o papel de liderança que equivaleria atualmente ao do chefe da tribo. A esse líder não se devota propriamente uma obediência irrestrita. Todavia, as deci-

sões que possam afetar todo o grupo, têm sempre sua opinião final. Atualmente, esse líder tem o seu poder real muito diminuído, quase simbólico, uma vez que determinados empreendimentos são realizados mesmo sem a sua opinião favorável. Mas, seja como for, e mesmo que a comunidade saiba antecipadamente qual a sua opinião, ele será consultado, como uma espécie de assessoria. Isso ocorre, quer por um reconhecimento da sabedoria demonstrada na orientação para a solução de problemas anteriores, quer pelo respeito à "autoridade" que nele reside. Esse reconhecimento e respeito são, no entanto, devidos aos reais serviços anteriormente prestados à comunidade pelo líder.

A perda de poder pelo líder comunitário idoso, deve-se à crescente participação político-partidária dos membros da comunidade. Na época em que o povoado pertencia ao município de Regeneração, as famílias do Canto não possuíam peso político porque a população relativa era pequena; outro fator era a grande distância da sede municipal. Por outro lado, a comunidade mantinha-se ainda muito fechada, de forma que os contatos com a sede municipal davam-se em casos de absoluta necessidade, de ordem religiosa ou legal. No primeiro caso, eram os casamentos, enterros e batizados, não muito freqüentes; no segundo, registro de filhos, casamento civil, documentação.

Com a criação do município de S. Gonçalo do Piauí, e incorporado a ele o Povoado Canto, a situação mudou. Atualmente, a população do povoado é pouco inferior à da sede municipal e é a maior concentração de população na área rural no município. Na época da criação desse novo município houve até uma rejeição por parte da população do Canto em aceitar sua incorporação, porque não queriam pertencer a um município que tivesse como sede municipal um antigo povoado, apenas um pouco maior do que o Canto, menor e menos importante, sob muitos aspectos, do que as cidades de Regeneração e Angical, com as quais mantinha na época maiores relações, especialmente a segunda. Até hoje, decorridos 16 anos, muitos eleitores não transferiram ainda seu domicílio eleitoral do município a que pertenciam, no caso, Regeneração; e alguns dos que o fizeram escolheram, indevidamente, como domicílio eleitoral o município de Angical.

Com o peso político determinado pelo número de votos do povoado, um bom percentual em relação ao total de votos do município de S. Gonçalo, o sistema político favoreceu a militância de muitos membros da comunidade. Apoiados pela administração municipal, surgiram alguns líderes políticos entre as pessoas mais jovens, tendo o povoado eleito um vereador em cada legislatura desde a criação do município de S. Gonçalo. Dessa forma, surgiram lideranças formais com alguma força de reivindicação, fato que tem resultado em alguns benefícios para a comunidade. Com isso, tais líderes vão, aos poucos, obtendo algum reco-

nhecimento que, por outro lado, não decorre do exercício de uma liderança real, informal, mas do fato de que esse líder formal aparece como uma espécie de representante, no povoado, do poder constituído ao qual a comunidade respeita profundamente. Prefeitos, vereadores e outros membros do partido político dominante, são vistos como "gente do governo", aos quais todos devem obediência.

Ocorre que o empreguismo que campeia em todo o Estado não poderia poupar o povoado. Assim, os cargos e empregos públicos na localidade (funcionários do posto de saúde e do grupo escolar) são ocupados pelo vereador e seus parentes mais próximos, fato que já vem desagradando a comunidade e fomentando a divisão também no campo político. Isso já se fez sentir nas últimas eleições municipais de 1976, quando duas pessoas candidataram-se a vereador com o apoio eleitoral do Canto, embora na mesma agremiação partidária. Para a próxima eleição, espera-se a candidatura, por algum novo partido contrário ao da situação, ou no partido de apoio ao governo (com ou sem sublegenda), do mais importante líder informal da comunidade, o qual é Agente Pastoral, professor e representante do sindicato.

No âmbito interno, a estrutura de poder é difícil de ser determinada, definida, porque está relacionada a uma intrincada malha de parentesco difícil de penetrar. Pode-se, no entanto, afirmar que o poder está polarizado no sentido das duas linhagens principais: as famílias Da Fé de Jesus e Vila Nova. A dificuldade de uma definição genealógica reside em dois fatos principais: (1) não há registros históricos que permitam uma ligação entre os habitantes atuais do povoado e seus antepassados e, (2) em caso da existência de algum registro, este nada esclarece porque muitos sobrenomes foram casualmente adotados. Outro aspecto que muito dificulta um trabalho dessa natureza é o fato de que as pessoas, às vezes, possuem dois nomes: aquele primitivamente escolhido pelos pais e aquele que consta no batistério (mudado pelo padre) e/ou na certidão de nascimento (com o sobrenome adotado).

Quando ainda viviam em regime tribal propriamente dito, todo membro do grupo que era batizado, mesmo já adulto, tinha o seu nome indígena trocado por um nome cristão,⁽²⁴⁾ porém sem sobrenome, o qual era acrescentado posteriormente. Assim, surgiram os sobrenomes Da Fé de Jesus e Vila Nova, correspondentes às duas linhagens supostamente descendentes das duas tribos. Na linhagem que adotou o sobrenome de maior peso religioso - Da Fé de Jesus - só os homens recebiam sobrenomes; as mulheres, como também na outra linhagem, possuíam apenas os nomes, e estes eram, invariavelmente, Maria da Conceição e Maria do Espírito Santo. Com o passar do tempo, esses nomes de mulher tornaram-se sobrenomes.

Nos casamentos ocorridos dentro de uma mesma linhagem ou entre as duas

linhagens, a mulher continuava com o sobrenome de sua família e os filhos homens recebiam o sobrenome do pai; as filhas mulheres recebiam o sobrenome da mãe. Como os sobrenomes das mulheres eram sempre Maria do Espírito Santo ou Maria da Conceição, estes são encontrados atualmente em mulheres das duas linhagens. São mais recentemente, por influência do primeiro Prefeito Municipal e do vigário da Paróquia de Regeneração, é que os filhos passaram a adotar os sobrenomes do pai e da mãe, ou seja, "um pedacim dum e dõt", como eles mesmos dizem.

Devido à freqüente mudança de nomes ocorrida no passado e a adoção de novos sobrenomes, mesmo a começar da constituição de novos núcleos familiares originados dos dois troncos principais, a identificação de uma genealogia é tarefa bastante difícil, até mesmo dentro de uma mesma descendência, mesmo considerando que as duas linhagens principais são hoje facilmente identificáveis. Dessa forma, apenas poderemos supor uma correspondência dessas duas linhagens às duas tribos, sem no entanto podermos relacionar cada tribo à sua respectiva linhagem atual.

Presentemente são identificados na comunidade nove grupos de famílias: Gomes Vila Nova, Pereira de Araújo, Machado de Araújo, José de Araújo, da Fé de Araújo, da Fé de Jesus, Pereira de Araújo, Pereira dos Santos e Pereira de Carvalho. Em todas essas famílias, constituídas ainda na época em que não era permitido casamentos com pessoas de fora da comunidade, há sempre membros que são comprovadamente pertencentes a uma das famílias-tronco, Vila Nova e Da Fé de Jesus. Os membros da família Machado de Araújo, por exemplo, dizem pertencer à família da Fé de Jesus, apesar do sobrenome atual. As próprias combinações de sobrenomes sugerem relacionamentos entre todas as famílias, mas, mesmo assim, há uma nítida separação entre esses grupos e um sentimento segregacionista em muitas pessoas com relação aos dois troncos principais, que polarizam as famílias atuais.

Mesmo através de entrevistas específicas sobre relações de parentesco, não foi possível determinar uma genealogia que nos permitisse chegar até os Acoroãs e Gueguês, pois o grupo não possui registros ou tradição oral a respeito. O que existe de mais concreto só chega até aonde vai o testemunho dos mais velhos, e somente de uns poucos que se dispõem a revelar alguma coisa.

Entre as duas famílias principais há um mútuo sentimento de exclusão, pois nenhum membro de uma dessas famílias deseja ser confundido com a outra família. Ambas alegam para isso que a outra é de "sangue rûin", é "famã de cabôco brab". Tais argumentos, no entanto, não são suficientes para gerar hostilidades, quando muito impedem algum casamento entre membros das duas famílias, por

por imposição dos pais.

As demais famílias, embora descendentes das duas principais, não admitem, abertamente, pertencem a nenhuma delas, pelas mesmas razões e acusações existente nos dois troncos principais em relação um ao outro. É também neste aspecto que se torna bastante evidente a descendência indígena, pois, os dois grupos familiares principais acusam-se mutuamente de serem descendentes de caboclos brabos, isto é, índios fugidos dos aldeamentos e arraiais nos quais os colonizadores os aprisionavam. As lembranças de um dos troncos familiares forneceram os dados acerca da origem indígena do outro, sem serem contudo suficientes para estabelecer uma descendência clara em relação a cada tribo.⁽²⁵⁾ Há ainda uma outra dificuldade: o grande número de filhos ilegítimos, isto é, resultante de uniões fora do casamento. A prostituição, com o componente comercial que a caracteriza, não existe. Há o concubinato, ou "amigação", caracterizado como a união permanente de um homem e uma mulher, sem contudo viverem juntos assiduamente. Nesse caso, o homem apenas visitará a mulher com uma certa frequência e poderá mantê-la ou não. O homem poderá ser solteiro, casado ou viúvo; ela poderá ser solteira, viúva ou "largada do marido" ("sendeira") e será considerada como tal, mesmo que tenha, como as prostitutas, um cliente, só que, no caso, permanente e preferencial. Não há na comunidade nenhum caso de amigação no qual a mulher seja considerada prostituta. Se um relacionamento dessa natureza torna-se notório, a mulher será considerada uma "muiê soltêra"⁽²⁶⁾, uma espécie de mulher de vida livre, a qual não deve ser confundida com "puta", "rapariga", ou "muiê da vida", termos sinônimos para prostituta.

A liberdade sexual do grupo é bastante ampla e nesse sentido, as opções de casamento são muito vastas: "aqui nōis sō respeita a mãe e a irmandade; o resto, dêxa o pãu quebrã". Este depoimento é de um informante casado com a própria sobrinha, filha de um irmão dele. Com efeito, os casamentos são permitidos entre parentes próximos, como primos em qualquer grau ou relação (cruzados, paralelos, etc.), tio e sobrinha, embora não se constatem casos de sobrinho com tia.

O tipo de casamento mais valorizado é o religioso, embora o casamento civil seja atualmente uma exigência da Igreja e da própria vida social que requerem determinadas condições jurídicas. Há também muitos casamentos resultantes da união pura e simples de um homem com uma mulher, os quais são reconhecidos e aceitos pela comunidade nas mesmas condições e situações daqueles legalmente constituídos e religiosamente consagrados. Esse grande número de casais amasiados, deve-se também ao fato de os casamentos civil e religioso serem bastante dispendiosos (Cr\$ 200,00 para o casamento civil; Cr\$ 350,00 para o casa-

mento religioso , a preços de junho de 1978).

Embora havendo uma grande liberdade quanto ao casamento, no que concerne à escolha do cônjuge, na comunidade existe um grande número de uniões que resultaram da exigência e de acordo prévio entre famílias. Alguns informantes , homens e mulheres, confessaram abertamente e sem muito constrangimento, que estavam casados com pessoas as quais lhes haviam sido impostas pela família. Tais casamentos, atualmente, não são muito freqüentes.

A liberdade com relação ao casamento é grande porque a principal exigência refere-se à capacidade de um homem manter uma família. Independentemente da idade cronológica, rapazes e moças podem casar, desde que a família julguem estarem biologicamente aptos à procriação, sendo esta a única exigência para as mulheres. É notória a preferência dos homens por mulheres jovens, adolescentes ainda, e é grande o número de casais em que o marido é de idade muito superior à da esposa. As mulheres atingem a maturidade sexual por volta dos 13-14 anos e os rapazes por volta dos 15-16 anos. Os rapazes demoram mais para casar porque o amadurecimento sexual nem sempre coincide com a capacidade produtiva suficiente para manter uma família, ou porque não se julgam psicologicamente amadurecidos, ou porque desejam "brincar um pouco prá casar depois". Esse brincar corresponde às diversões dos jovens, como namoros sem muita seriedade, festas nas localidades vizinhas, visitas ao cabaré da cidade próxima, etc..

Para o matrimônio é essencial o pedido de casamento. Pedir a mão da filha de alguém em casamento é tarefa do homem, isto é, do pretendente, ou do pai deste. O pai da moça decidirá se a filha casar-se-á ou não com o pretendente . É mais freqüente o pedido ser feito diretamente pelo interessado.

É pouco comum o pai de uma moça não consentir com o casamento, posto que o pedido é, na maioria das vezes, apenas uma formalidade; e mesmo que o pai tenha ainda alguma dúvida sobre a conveniência do casamento, não haverá uma negativa. Isto seria uma desonra para o pretendente e sua família. Se o pretendente percebe que não tem muita receptividade junto à família da moça, poderá nem haver o pedido; ele preferirá fugir com ela, "rôbã a noiva", e casar numa cidade vizinha. Se o pedido é feito e recusado, aí também a fuga do casal será uma questão de honra para o pretendente. Ocorrida a fuga e o casamento realizado numa cidade qualquer, o casal sempre retornará ao povoado e a noiva irá à sua casa pedir a bênção dos seus pais. A bênção só raramente é recusada, pois o casamento já está consumado. A bênção aí, significa o reconhecimento do casamento pela família da moça.

Algumas vezes, casais que fogem não chegam a casar. É que nos casos em que a fuga é logo descoberta, alguns parentes conseguem entrar em contato com

o casal e algumas vezes conseguem demovê-lo desse intento, ou podem ainda não casar devido a um arrependimento de última hora. Nesses casos, a moça que retorna ao povoado, dificilmente será recebida pela sua família, tenha ou não sido consumada uma união conjugal com o rapaz. De qualquer forma, voltando à comunidade, morando ou não com a família, a ela sempre se referirá como a moça que fulano "mexeu", ou a moça que fulano "botou na rua" e outros designativos. Provavelmente, ela terá no futuro alguns amantes, sem contudo ser considerada uma prostituta. O interesse dos homens por ela será sempre no sentido de ter com ela uma relação íntima, por considerar que alguém já "abriu o caminho".

As relações entre rapazes e moças são cotidianamente sempre muito discretas. Nas ocasiões de festas é que surge o namoro, geralmente originado na dança. Quando um casal de jovens dança "enrascado", ou seja, sempre o mesmo casal por muito tempo durante o baile, ao final do mesmo é quase certo já estarão namorando. É, pois, durante a dança, quase no final do baile, que o rapaz faz a "conquista" através da "cantada", a qual consiste unicamente em ele perguntar se ela quer namorar com ele. Se a moça concordar, isto é, "der o sim", o rapaz acompanhá-la-á até em casa, salvo se ela estiver acompanhada dos pais. Se ela não concorda de imediato com o namoro, provavelmente dirá ao rapaz que dará a resposta no dia seguinte, o que quase sempre ocorre, e positivamente, através de um recado mandado através de uma amiga ou por um bilhete escrito às pressas num pedaço de folha de caderno escolar. O adiamento da resposta para o dia seguinte se dá por dois motivos principais: (1) para que a moça tenha tempo de informar-se sobre a vida amorosa do rapaz, se ele tem ou não uma namorada, e (2), o mais freqüente, para não parecer "fácil". O que ocorre, de qualquer maneira, é que, se o casal dança durante muito tempo, já é demonstração clara de mútuo consentimento com o namoro, pois se a moça não simpatizar com o rapaz, a quem cabe a iniciativa do convite para a dança, ela recusá-lo-á no terceiro convite. Nenhuma moça pode recusar o primeiro convite de um rapaz para dançar, ou seja, não pode "injeitar" o rapaz. Se ela rejeita o primeiro convite, é quase certo que a festa resulte em confusão generalizada. É que, não sendo permitida violência contra mulheres, a atitude do rapaz ofendido será impedir que a moça dance com qualquer outro rapaz: "num dança cūmigo, mais também num dança cum ninguém". Como aparecerá sempre um outro rapaz para convidá-la, se ela aceitar, estará armada a confusão.

O namoro em si já constitui um compromisso informal de casamento, que se tornará formal, oficial, com o pedido da mão da moça, ocasião em que é marcada a data do matrimônio. É só após o pedido que se inicia o noivado, geralmente de curto período, ocorrendo o casamento quase sempre em junho, durante os fes-

tejos de Santo Antônio. Seja qual for a época do pedido de casamento, as núpcias poderão ocorrer em junho, ou logo após a colheita, em julho.

Realizado o casamento, e se o noivo já construiu casa, a esposa irá morar com ele imediatamente; se não possui casa ainda, ela irá morar na casa dos pais do marido até que seja construída a casa do casal. Até bem pouco tempo atrás, cerca de 40 anos, antes da adoção de Santo Antônio como padroeiro e, por conseguinte, antes dos festejos, os casamentos eram realizados em qualquer época do ano, quando muito observando as épocas de colheitas. Nesse tempo, eram comuns as grandes festas de casamento, algumas delas com duração de até três dias. É também dessa época o costume de os nubentes permanecerem, após casados, algum tempo cada um com seus pais, tivessem ou não casa para morar. Só aos poucos iam afastando-se da casa paterna. Atualmente, tal prática desapareceu como também as grandes festas de casamento. No primeiro caso, por motivos de ordem prática; no segundo, é que os casamentos ocorrem na mesma época mais ou menos, e vários deles são realizados de uma só vez, na missa do último dia dos festejos do Canto. Não existem mais as festas, só existe a de Santo Antônio, que é a festa de todos. E é nos bailes dos festejos de Santo Antônio que novos casais de namorados surgirão para, provavelmente, casarem-se no próximo festejo.

No casamento permanece mais arraigado ainda o sentimento expresso no ritual, com respeito à indissolubilidade do matrimônio. São poucos os casos de separação, nenhum desquite, e o divórcio é condenado veementemente, como "coisa de comunista" e "obra do demônio". Mesmo nos casos extremos de incompatibilidade, infidelidade, e até mesmo adultério por parte da esposa, dificilmente haverá separação. O adultério por parte do marido é comum e aceito pela comunidade, havendo inclusive casos de homens com duas mulheres, ambas reconhecidas pelo grupo como esposas. Pelo lado da mulher é mais raro o adultério, e quando o marido o constata, aplica na esposa uma surra exemplar e o caso geralmente é encerrado aí. Não há perseguição ou violência em relação ao amante da esposa, sendo que esta sofrerá uma vigilância mais freqüente. Nos casos de uniões determinadas pelas famílias dos cônjuges, o adultério é mais freqüente e até incomoda menos.

O matrimônio gera, a partir do cerimonial, uma série de compromissos envolvendo várias pessoas. Os cônjuges têm o compromisso de viverem juntos até a morte de um deles. Para reforçar este compromisso há a figura dos padrinhos de casamento, um para cada cônjuge. Os padrinhos são como que responsáveis pela união permanente do casal. Se o casal está em desarmonia, qualquer que seja o motivo, os padrinhos interferirão, independentemente de serem consultados. O padrinho atuará junto ao marido e a madrinha junto à esposa, julgando,

aconselhando, propondo soluções.

Para tornar mais difíceis possíveis divergências entre padrinhos do mesmo casal, a escolha recaí sobre pessoas que sejam íntimas do casal e entre si, de preferência casadas, parentes próximos entre si, como irmão e irmã, pai e filha, mãe e filho.

Hã em todos os habitantes do Canto uma profunda fé religiosa, mítica mesmo, a qual será melhor entendida numa abordagem histórica desse fenômeno religioso.

A única religião de que se tem notícia no Canto é a Católica, mesmo antes do fenômeno Santo Antônio, já se manifestando com intenso fervor religioso. Nessa época, as missas e sacramentos ocorriam apenas uma vez por ano, por ocasião da "desobriga", peregrinação do vigário da paróquia por todos os povoados sob sua jurisdição. Fora essas ocasiões, toda assistência religiosa era obtida na cidade de Regeneração, sede da Paróquia de S. Gonçalo. Era também ali que enterravam seus mortos, os quais eram conduzidos em redes por um cortejo de homens, que, durante a viagem de mais de 20 km, bebiam muita cachaça enquanto açoitavam o cadáver. O açoite, segundo eles, tornava o defunto mais leve. Há inclusive a notoriedade de um incidente em uma dessas viagens. Durante uma delas, o cortejo parou no início de uma ladeira para descansar. Após o repouso e alguns goles de cachaça depois, o grupo retomou viagem sem perceber que o cadáver havia rolado da rede no momento em que os homens a colocaram nos ombros. Na parada seguinte, para novo descanso, perceberam a ausência do defunto. Revoltados, retornaram ao local da última parada, e lá o encontraram, numa vala à beira do caminho. Como já estavam bastante embriagados, transformaram o açoite, um ato puramente simbólico,⁽²⁷⁾ num verdadeiro festival de pancadas, que resultou, para o defunto, em inúmeras fraturas e escoriações. O local, hoje é conhecido como "Ladeira do Defunto".

A devoção a Santo Antônio teve início por volta de 1932, quando uma senhora do Canto recebeu de uma retirante "das bandas do Ceará", em troca de uma saia, uma pequena imagem de Santo Antônio, medindo pouco mais de 5 centímetros e esculpida em madeira.

Essa senhora começou, então, a valer-se do santo em momentos de aflição, tendo sido, segundo ela, atendida em todas as promessas que fizera. Esses acontecimentos ditos milagrosos, e as curas conseguidas, elas os foi narrando a todos os habitantes do lugar, ao mesmo tempo em que rezava a novena de Santo Antônio em sua própria casa. Pouco tempo depois havia uma grande participação nessas novenas, tanto de pessoas da comunidade como de outros povoados e cidades da região. A partir de 1940, a imagem do santo deixou de ser propriedade

privada, e para ela foi construída uma capelinha, numa área doada pelos moradores do povoado para tal fim. Só em 1951, foi construída a igreja atual, bem maior e capaz de abrigar um maior número de fiéis.

As notícias sobre milagres, promessas atendidas pelo santo, foram se espalhando, e a acorrência de romeiros por ocasião das novenas tornou-se muito grande, e pessoas de uma área cada vez mais vasta para lá se deslocavam. Com o passar do tempo a atividade que era somente religiosa tornou-se também de festa. As pessoas para lá se deslocavam para pagar promessas, rezar, casar, batizar os filhos, e para também dançar nos bailes, participar de jogos e de outros divertimentos.

Acredita-se que a comunidade, sendo na época muito fechada e auto-suficiente em muitos aspectos, necessitava também de um padroeiro próprio, que assumisse, no campo sobrenatural, a defesa da comunidade como um todo e de cada um de seus membros. De fato, para eles, Santo Antônio teria também essa função, ao lado das já conhecidas, como sejam, propiciar casamentos e ajudar a encontrar objetos perdidos. A comunidade inteira passou a acreditar nos milagres com base nos depoimentos de uma única pessoa; e tais milagres diziam respeito à cura de dores de cabeça, ou ao aparecimento de um animal extraviado. Com efeito, não poderia ser de outra forma, pois ainda é comum na comunidade a atitude de atribuir ao supra-natural a explicação de fenômenos difíceis de entender. No Canto, além disso, o sobrenatural tanto explica quanto soluciona problemas para os quais a comunidade e cada pessoa não entende e nem encontra solução. Doenças das pessoas, animais perdidos ou doentes, falta de chuvas, etc., são motivos para promessas. E, segundo eles, são raros os casos em que não são atendidos, e, mesmo assim, a culpa, em caso de fracasso, não é atribuída ao santo, mas ao devoto, que não recorreu ao Padroeiro com fé suficiente. Nas situações de doença, as quais exigem uma promessa, o doente, contudo, não deixa de tomar remédios; os donos de animais perdidos continuam a procurá-los. A doença é curada, o animal é encontrado, mas com a ajuda infalível de Santo Antônio.

É por ocasião das festas do Padroeiro que os devotos encontram a oportunidade de pagarem as promessas, as quais compreendem doações em dinheiro ou em produtos agrícolas, e penitências com sacrifícios pessoais. Uma quarta de arroz da lavoura salva com a chuva providencial mandada pelo santo; um filhote do animal que esteve perdido ou doente; uma grande quantidade de "têços" rezados aos pés do altar, etc., são os pagamentos mais comuns das promessas. Os bens materiais pagos pelas promessas são leiloados e os recursos destinam-se às despesas de conservação da igrejinha.

A festa de Santo Antônio começa no dia 19 de junho com o início da nove-

na, a qual é rezada nove noites seguidas e repetida até o dia 13. Paralelamente às novenas há um grande movimento nas barraquinhas de palha instaladas no pátio da igrejinha, onde se vendem bebidas, comidas de todo tipo e se participa de vários tipos de jogos. Nos dois últimos dias dos festejos, são rezadas duas missas; a primeira, geralmente, para pagamento de promessas, e a segunda, para casamentos e batizados. Nos três últimos dias, na parte da noite, são promovidos três grandes bailes, animados por um conjunto elétrico de alguma cidade vizinha, o qual substituiu a harmônica, a rabeça, o zabumba e a viola.

É por ocasião dos festejos de Santo Antônio que ocorrem os batizados. Os padrinhos de batismo, escolhidos pelos pais da criança, são aquelas pessoas, um homem e uma mulher, que, de alguma forma, ajudaram a família, e em especial, a criança que vai ser batizada. O critério de afinidade tem pouca importância na escolha dos padrinhos, podendo recair até mesmo em pessoas estranhas à comunidade. Um caso dessa natureza ocorreu durante a pesquisa, numa das ocasiões em que foi levada ao povoado uma médica amiga nossa para prestar assistência aos doentes da comunidade. Um caso gravíssimo de desidratação, aliado a uma acentuada desnutrição, exigia o imediato internamento do doente, uma criança de aproximadamente um ano de idade, a qual foi internada num hospital em Teresina, ficando sob nossa responsabilidade e sob os cuidados médicos dessa amiga. Mesmo com toda a assistência, a criança morreu. Os pais do menino, em reconhecimento pela assistência prestada, escolheram a nossa amiga, à revelia, para madrinha de uma outra criança filha do casal, nascida oito dias antes da morte da primeira criança. Tal atitude, além de uma demonstração de agradecimento, é uma forma de honrar uma pessoa. É também uma espécie de pedido de proteção para o filho, caso os pais venham a faltar-lhe.

Do padrinho de batismo, espera-se que seja um segundo pai, que oriente e até ajude economicamente o afilhado. Conforme as condições econômicas do padrinho, essa ajuda será iniciada com o presente do dia do batizado. Este será sempre de uma espécie que provoque uma iniciação produtiva do afilhado. Geralmente consiste em um animal, uma fêmea do criatório, a qual será destinada à procriação. Poderá ser uma vaca, uma ovelha, ou uma porca e será propriedade da criança, não podendo nenhum dos animais serem comidos ou vendidos antes de darem a primeira cria.

Periodicamente o afilhado receberá outros presentes mais apropriados a uma criança, como brinquedos, balas, estilingues, por ocasião das visitas formais do padrinho "prã vê o afilhado". As relações de compadrio estabelecem um compromisso de ajuda mútua no que for necessário e possível. Suas relações são sempre muito cordiais e eles têm um pelo outro um respeito e consideração mais

profundos do que têm pelas demais pessoas. E, nesse sentido, o termo "cumpade" é sempre indispensável quando um referir-se ao outro, inclusive na sua presença, onde os pronomes tu e você são substituídos por "cumpade", como no enunciado: "- Cumpade Ilaro, o cumpade vai pu Angicãlo hoje?".

Do afilhado, espera-se que tenha pelo padrinho respeito igual ao que tem pelos pais; e que siga sua orientação. Há, inclusive, a prática comum de ir morar com os padrinhos, se assim for decidido, a qualquer tempo. Pedir a bênção ao padrinho é uma atitude indispensável, e, quando tal não ocorre, o afilhado é lembrado pelo pai ou pelo próprio padrinho que deve pedir a bênção. Além do mais, já é hábito pedir a bênção aos mais velhos, mesmo que não sejam da mesma família. Mas este é apenas mais um ato que evidencia o respeito pelos mais idosos.

Toda criança deverá ser batizada no máximo até completar um ano de idade. Quando ultrapassa essa idade sem que tenha sido batizada é porque, geralmente, faltaram padrinhos que disponham de algum dinheiro para comprar o enxoval que será utilizado pela criança no dia do batizado e/ou para pagar o preço do batismo. Até um ano de idade, a criança não batizada está protegida por Deus e Santo Antônio, e nada de mal acontecer-lhe-á: "pode caí du ôi dũa palmêra qui num morre". É essa a crença, apesar de grande parte das crianças nascidas no povoado morrerem antes de atingirem um ano de idade, e muitas sem estarem ainda batizadas.

Se uma criança morre sem o batismo, ela, na ausência de um padre, será batizada, mesmo depois de morta, pelos padrinhos, se estes já estiverem escolhidos; se não o foram ainda, serão indicadas aquelas pessoas que, de alguma forma, mais ajudaram a família em alguma dificuldade, especialmente com relação à criança. Fato de tal natureza ocorreu durante a pesquisa quando levamos ao povoado a criança que havia morrido no hospital de Teresina. Como fosse a primeira situação desse tipo com que nos defrontávamos, era grande o medo que sentíamos com respeito à reação da comunidade e dos pais do menino. Lá, entre lágrimas sentidas e palavras de agradecimento pelo que havíamos feito pela criança, os pais dela nos compeliram a executar um ritual de batismo, posto que fomos escolhidos para padrinhos, e cabia-nos, portanto, batizar a criança morta. O ritual consiste em os padrinhos colocarem juntos a mão esquerda sobre as mãos do defunto ("anjinho"), e com a mão direita espargirem água salgada sobre o seu rosto, descrevendo um movimento em forma de cruz, proferindo, em cada uma das três vezes em que descrevem esse movimento espargindo a água, as seguintes palavras: "- Manoel (nome dado a todos os meninos que morrem antes de serem batizados), eu te batizo, com água e sal, em nome do Pai, do Filho e do Espírito

Santo". Terminada essa primeira parte, os padrinhos, e somente eles, rezarão o "Crê'in Deus Pād" (Creio em Deus Pai). Eu rezava, enquanto meu marido, numa situação patética indescritível, balbuciava palavras ininteligíveis, tentando acompanhar-me numa oração que ele não sabia. Após a oração, os padrinhos tomam as mãos do defunto e dizem: "-Deus te abençoe, Manoel".

Após o ritual do batismo, o defunto será lavado e vestirá a melhor roupa que possuir. Depois disso, será colocado no caixão ou sobre uma mesa, com as mãos postas em posição de rezar. (Os defuntos adultos têm as mãos colocadas sobre o peito, com os dedos entrelaçados). São depois desse ritual é iniciado o velório.

O velório tem dois objetivos manifestos: o primeiro é o de preparar a alma do defunto para sua jornada no outro mundo, livrando-as dos pecados, e assim evitando que ela se torne uma alma penada, vagando a esmo aqui na Terra até que uma série imensa de rezas e velas acesas em sua intenção a livre do castigo; o segundo, mais de ordem social, é dar oportunidade para que as pessoas solidarizem-se com a família enlutada. Nesse caso, os visitantes homens quase nunca choram; já as mulheres choram copiosamente.

Quase sempre o velório ocorre durante toda a noite, salvo se houver indícios de putrefação do cadáver, fato que leva em consideração a hora em que a pessoa morreu. Se morreu no período da tarde, só será enterrado no dia seguinte; se foi pela manhã, o enterro ocorrerá por volta das seis da tarde.

Os velórios mais representativos da cultura do grupo são aqueles ocorridos durante a noite. Na primeira parte, a família recebe as demonstrações de solidariedade dos visitantes, os quais proferem palavras de conforto, atribuindo a morte à vontade divina, ("foi Deus que chamou ele"). Ao mesmo tempo, todas as mulheres choram, não um choro qualquer provocado por qualquer motivo; é um choro diferente, uma espécie de lamentos semelhantes a uivos. E choram mesmo que não sejam parentes do defunto.

Depois de todos os visitantes terem chegado e cumprimentado a família, inicia-se a parte do velório em que são rezados vários terços e entoados vários cantos, as "toadas", num linguajar arcáico e quase ininteligível para um estranho. Por ocasião dos cantos, retiram-se todas as mulheres grávidas, porque "muiê prê-a e pessoa duente num pode iscutã as tuada quê muito triste e forte, e a muiê perde u minino e u duente pode morrê"; o choro também diminui, só permanecem chorando, baixinho, apenas aquelas pessoas realmente sentidas, como parentes próximos e amigos íntimos. Estes geralmente ficam na camarinha e nos dormitórios; estes para os homens e aquela para as mulheres. O defunto é velado na sala.

Enquanto as mulheres rezam e cantam as toadas, o restante dos homens permanece no terreiro conversando, fumando, tomando café, bebendo cachaça.

Curiosamente, a sentinela, denominação válida tanto para o velório quanto para vigília a doentes, é também oportunidade para relacionamento entre rapazes e moças. Como são bem poucas as oportunidades de reunião de muitas pessoas, a ocasião do velório também não é dispensada. Muitos casais começam o na hora em encontros de velórios.

De certa forma, todas as pessoas da comunidade participam do velório; umas permanecendo lá a noite inteira, outras ficando apenas alguns momentos. No entanto, há um grupo que quase nunca participa de qualquer velório: os cavadores de cova, um grupo de pessoas, nunca inferior a quatro, os quais, logo após a morte de uma pessoa, seja a que hora for, munidos de pás e enxadas deslocam-se para o cemitério para cavar a sepultura, e lá permanecem até à hora do enterro. Estes homens são considerados os mais corajosos da comunidade porque permanecem tanto tempo no cemitério, especialmente à noite, sem temerem as assombrações e as almas penadas. Na hora do enterro, no entanto, estão tão embriagados que são com muito esforço conseguem baixar o caixão à sepultura. Há, junto a alguns nativos muitas dúvidas acerca da origem da coragem desses homens.

O cortejo com destino ao cemitério é feito com a participação dos que estiverem no velório cantando e rezando, mas qualquer pessoa poderá "acompanhar o caixão". Os membros da família do defunto muitas vezes são convencidos a não acompanhar o enterro, principalmente as mulheres, as quais permanecem em casa na companhia de amigos e parentes mais próximos. Durante o cortejo e após o enterro, são rezados vários terços, ao final dos quais todos retornarão às suas casas.

Durante os sete dias após a morte de alguém, a família receberá poucas visitas e quase ninguém sairá de casa. Esta permanecerá durante esse período, com todas as portas e janelas externas fechadas, com exceção da porta principal de entrada, a qual ficará apenas entreaberta. Se a porta for do tipo duas folhas, apenas uma abrir-se-á. Todos acreditam que, se nesse período algum pássaro penetrar na casa, significa um aviso de que em breve a alma do defunto virá buscar alguém da família. Algumas coincidências têm firmado mais ainda essa crença.

No sétimo dia, a família, os parentes e amigos do defunto voltarão ao cemitério para a "visita de cova", quando novos terços serão rezados, após os quais cada pessoa fará suas orações individualmente. É nesse dia que todos os parentes começarão a usar as roupas pretas confeccionadas ou tingidas durante os sete dias. O luto tem uma duração diferente, conforme o grau de parentesco,

e pode ser de dois tipos: luto fechado, de roupas totalmente pretas, e o luto de fumo, apenas uma fita ou laço preto no bolso ou na manga da camisa, para os homens, na manga do vestido, para as mulheres.

O luto do vestuário tem a seguinte tabela, conforme o grau de parentesco:

Luto pelos pais:	6 meses
pelos avós:	3 meses
pelos filhos:	Não há
pelos irmãos:	3 meses
pelos tios:	3 meses
pelos primos:	Não há
pelos tios-avós:	3 meses
pelos sogros:	3 meses
pelos genros ou noras:	Não há
pelos padrinhos:	3 meses
pelos afilhados:	Não há
pelo marido ou esposa:	12 meses

Durante o período do luto, especialmente no fechado, a pessoa enlutada estará privada de qualquer divertimento, especialmente das festas de dança. Poderá no entanto namorar e participar de algumas brincadeiras, mas nunca poderá dançar, ouvir música nos rádios, embora possa ir a uma festa dançante, "sô prá apriciã do lado de fora".

Após a visita de covas, a família sô retornará ao cemitério no Dia de Finados, quando para lá se dirigem todas as pessoas da comunidade para visitas aos mortos.

O cemitério possui uma área de cerca de uma hectare, e cada família possui uma área exclusiva para enterro de seus mortos. No Dia de Finados, cada família reúne-se em torno de um grupo de sepulturas, onde reza, acende velas e deposita flores. As sepulturas são muito simples, identificadas apenas por uma cruz de madeira, a qual varia de tamanho, conforme o defunto lá enterrado, seja adulto ou criança. Mesmo inexistindo tumbas, lápides ou quaisquer indicativos de pessoas ali enterradas, as famílias reconhecem facilmente o local de sepultamento de seus respectivos mortos.

O cemitério é local exclusivo dos mortos e cada um deles possui eternamente a sua sepultura, a qual nunca poderá ser violada. Se por acaso falta espaço, a área do cemitério, que não possui qualquer cerca ou limite, é alargada, surgindo espaço para novas sepulturas. Todas as áreas exclusivas das diversas famílias, por ficarem nas margens, poderão alargar-se indefinidamente.

A comunidade inteira tem pelo cemitério o mais profundo respeito, gerado

pela religiosidade e pelo medo das almas penadas e assombrações. A seqüência das casas que margeia a estrada que passa pelo centro do povoado e na frente do cemitério é interrompida, nas proximidades deste, numa extensão de quase um quilômetro. As "almas do outro mundo", freqüentemente "aparecem" para o assombro de alguém. Há até casos de enfartes fatais causados por um susto violento. São bem poucas as pessoas que se atrevem a passar diante do cemitério à noite, especialmente às 6 da tarde e à meia noite, pois, segundo elas, é nessas horas que as almas preferem aparecer. Todas as pessoas acreditam em qualquer narrativa acerca de aparecimento de almas, parta de quem partir a narrativa, e são inúmeros os casos dessa natureza.

Um dos aspectos mais marcantes do grupo é o religioso, único sistema através do qual se poderá penetrar mais facilmente na comunidade. Foi a partir de uma proposta de catequese e, naturalmente, com recomendações do vigário da paróquia que conseguimos os primeiros contatos com a comunidade. Ensinando o catecismo, ensaiando com eles os hinos da Igreja, começamos a recolher informações sobre a comunidade. Conseguimos, com a participação de algumas freiras que nos acompanhavam desde Teresina, conquistar a confiança do grupo, e depois de seis meses de trabalho surgiram as primeiras informações confiáveis e utilizáveis neste estudo.

A facilidade de penetração pelo sistema religioso deve-se à tradição da festa do padroeiro, única ocasião em que o grupo se abre para o mundo exterior. Com efeito, a participação nos festejos é franca.

Há no fervor religioso dos habitantes do Canto, aspectos que divergem marcadamente de outras regiões e grupos do Piauí. A divergência mais evidente é quanto à participação nos cultos e organização de outras atividades religiosas em que a participação dos homens é maior tanto em número de pessoas quanto em intensidade. A organização de leilões para angariar fundos para a Igreja, custeio da administração da igreja, são feitas pelos homens; as reuniões de catequese, coordenação de atividades religiosas, têm maior participação dos homens. A "Celebração da Palavra", um tipo de culto religioso dirigido por leigos, é conduzida pelos homens. O Agente Pastoral, escolhido pela Diocese de Teresina de acordo com a Paróquia de Regeneração, é um homem.

A autoridade do vigário é muito grande, quase incontestável, pelo menos em alguns assuntos. Algumas de suas orientações são rigorosamente seguidas, outras rejeitadas ou seguidas a contragosto, mas dificilmente contestadas abertamente. A grande queixa da população refere-se aos novos hinos e orações, textos de rituais introduzidos após o Concílio Vaticano II, pois, segundo os habitantes, são "cantigas e rezas sem fé". Outra reclamação é contra os altos pre-

ços cobrados pelos sacramentos (50 cruzeiros para batismos e 350 cruzeiros para casamentos, em junho de 1978). Esse é um dos motivos pelos quais existem na comunidade vários casais não casados. Estes e seus filhos são afastados de uma série de atividades religiosas. Vão à missa mas não confessam nem comungam porque, segundo eles, o padre não permite. O vigário projeta sobre o grupo um padrão de comportamento, especialmente moral, na linha da Igreja, que não reflete os padrões do grupo. O adultério, o sexo fora do casamento para casados e solteiros são algumas das proibições anunciadas pelo sacerdote. Por esta razão, a totalidade dos homens solteiros e alguns casados, habituais freqüentadores do cabaré da cidade vizinha, não confessam com o padre, temendo repreensões.

Outras manifestações religiosas são bastante comuns, mas o aspecto folclórico é o predominante. É o caso da Roda de São Benedito e Roda de São Gonçalo, e o Reisado. Essas manifestações têm o objetivo de pagar uma promessa, sempre de cunho pessoal, de agradecimento pela cura de uma doença. As rodas são dançadas na casa da pessoa que fez a promessa. A diferença entre as duas é apenas quanto as músicas, ou "cantigas". No mais, ambas consistem em um grupo de homens e mulheres, formando um círculo, dançando a ala dos homens no sentido contrário da ala das mulheres, cada homem ziguezagueando entre as mulheres e vice-versa.

Nas festas religiosas (Santo Antônio, São Gonçalo, São Benedito e Reisado) religião e lazer se confundem. Essas ocasiões são as poucas oportunidades de lazer que a comunidade possui. Nos festejos de Santo Antônio, de 10 a 13 de junho, são promovidos três grandes bailes, nos três últimos dias do festejo. Durante o dia, pessoas de todas as idades divertem-se nas barraquinhas, participando dos mais diversos jogos, como bingos, tómbolas, jogos de aros; jovens e adultos bebem muito e ouvem música o dia todo, enquanto aguardam o baile à noite. Nas rodas, a expectativa do grupo que dança é de cunho religioso, ao passo que a das pessoas que assistem à dança é de divertimento. Igualmente em relação ao Reisado, onde todos que acompanham o cortejo divertem-se com as peripécias da burrinha e dos caretas.

Fora essas manifestações que têm um sentido também religioso, só o futebol possui um pouco de organização específica. Não existe propriamente uma agremiação desportiva, mas um grupo informal que pratica esse esporte nas tardes de sábado e de domingo. Promovem inclusive com outros times de povoados de municípios vizinhos. Muitas localidades e povoados, no entanto, recusam-se a competir com eles porque o futebol praticado na comunidade é regido por re-

gras que foram abandonadas há mais de trinta anos.

O tempo disponível para o lazer é muito grande, haja visto que a população ativa só permanece ocupada com o trabalho uma parte do ano. As opções de lazer são, porém, bem poucas. Os homens divertem-se jogando cartas em casas de amigos, ou jogando sinuca numa das vendas do povoado, ou ainda concentrados em torno dos cinco receptores de rádio existentes no povoado. Mais recentemente, já após o inquérito fonético, foi instalado um televisor público no povoado.

Antes da implantação da rede de energia elétrica, eram bastante comuns as conversas ao redor de fogueiras acesas na frente da casa, enquanto as crianças brincavam um pouco afastadas.

Além desses passatempos só resta, e somente para os homens, as incursões aos bailes de cidades vizinhas, ou ao cabaré da "Dardôre", próximo ao povoado, mas no município vizinho.

As mulheres quase não têm divertimento, mesmo as solteiras. A única diversão além dos bailes dos quais participam ou aos quais assistem, é a conversa a nimada nos tempos de plantio e colheita, ou da farinhada. Nessas oportunidades contam piadas picantes e comentam jocosamente determinados comportamentos e acontecimentos relacionados com o próprio grupo.

As crianças possuem apenas uma espécie de atividade de lazer organizado : a ciranda,⁽²⁹⁾ a qual apresenta uma verdadeira relíquia do folguedo infantil. Os meninos possuem outras opções como caçar passarinhos, pescar, tomar banho no açude e no riacho. As meninas, mais absorvidas nos trabalhos domésticos, dedicam-se às brincadeiras de bonecas, e, mesmo assim, não é uma prática muito comum.

O tempo livre dos homens é muito grande, pois passam metade do ano sem atividade contínua, e a maior parte do tempo livre é de puro ócio. Deitados em redes armadas nos alpendres das casas, ou na sala, eles fumam pacientemente esperando o tempo passar. As crianças, pelo menos, ainda se ocupam com a escola, mas, mesmo assim, o índice de frequência às aulas é muito baixo.

A criação da primeira escola do povoado deu-se por volta de 1936, com a nomeação do primeiro professor, por influência do Chefe de Polícia do Estado do Piauí, um coronel cujos pais eram nativos da comunidade.⁽³⁰⁾ A função principal da escola era, explicitamente, ensinar a ler e escrever o idioma português e pronunciar corretamente as palavras. Ensinava também a aritmética, sem contudo nunca ter ultrapassado as operações de adição, devido a dificuldades de aprendizagem. Essa primeira escola funcionava na própria casa do professor, um viúvo que se mudara para o povoado com as filhas. Estas, enquanto o professor dava

aulas, tentavam ensinar às mulheres da comunidade novas técnicas na fabricação de redes, pois a família do professor era da cidade de Pedro II, tradicionalmente conhecida como uma região de rendeiras. Como a fiação era uma das mais antigas atividades artesanais do grupo, a inovação técnica constituiu-se apenas na introdução de tintas industrializadas na coloração de fios e tecidos. Até então, a coloração era obtida através de certos tipos de vegetais⁽³¹⁾ e um tipo de lama comum em regiões pantanosas.

Quatro anos após a criação da primeira escola, é nomeado mais um professor, e construída uma sede para a escola, a qual mais tarde seria ampliada e transformada no atual Grupo Escolar Santo Antônio.

Ao lado de religião e saúde, a educação é um dos grandes valores sociais da comunidade. Uma pessoa "letrada" obtém das demais reconhecimento e respeito mas muitas vezes tal admiração não se deve aos conhecimentos efetivamente adquiridos, mas ao tempo em que uma pessoa passou freqüentando uma escola. Se frequentou uma escola de uma cidade maior e considerada mais importante do que as cidades vizinhas, o status intelectual será maior ainda.

Tais deslocamentos para outras cidades em busca de ensino realmente ocorrem, mas não freqüentemente. Há alguns casos de pessoas que saíram do Canto e hoje possuem nível universitário, e, muitas vezes, têm brilhante atuação no campo profissional. Mas muitas dessas pessoas, entretanto, envergonham-se da origem humilde e primitiva de seus pais, fato que deixa o grupo até indignado. Por outro lado, há também pessoas descendentes do grupo as quais, por motivos já aludidos desconhecem essa origem.

As expectativas com relação à educação devem-se quase sempre a possibilidades de melhoria no padrão de vida e a um estabelecimento de status, traduzido pelo reconhecimento da comunidade. Mas na realidade, a educação pouco tem contribuído para as transformações no seu padrão de vida, como comumente esperam. A escola não refletiu os padrões de comportamento do grupo e nem atende às suas necessidades; está dissociada da realidade local em conteúdo e método. As ações educativas promovidas pelo Estado no ensino formal, e pelo Mobral, na alfabetização, são ineficazes, quer do ponto de vista da comunidade, quer do ponto de vista dos promotores do ensino. A maior parte dos alunos que conclui o primário, 1a. à 4a. série do primeiro grau, esquece grande parte do que aprendeu pouco tempo depois de ter concluído o curso; o mesmo ocorre com a quase totalidade das pessoas alfabetizadas pelo Mobral.

Situações como essas não têm entretanto, efeitos negativos sobre os pais, os quais continuam acreditando no valor da educação escolar. O pouco aproveitamento, repetência, e a evasão são atribuídos à "rudeza" e falta de interesse

dos alunos.

As poucas mudanças que ocorrem atualmente na comunidade não se devem à educação, mas acontecendo forma difusa, e são geralmente relacionadas a hábitos de consumo. Nesse sentido, as modificações mais notáveis verificam-se nos aspectos de saúde, especialmente com relação ao consumo de medicamentos, motivado pela agressividade de comerciantes de remédios de cidades vizinhas, e pela busca artificial de status por parte de muitas pessoas da comunidade.

Ainda hoje existem no grupo pessoas que não possuem noção de quantidade a respeito de dinheiro, porque o uso generalizado da moeda é bem recente. O grupo possui, porém, a noção de poder que a riqueza proporciona, e esta é associada ao dinheiro mais do que a qualquer outro bem econômico. Por esta razão, alguns nativos tentam incorporar hábitos de consumo próprios das pessoas mais abastadas, as quais, para eles, são representadas por quem consome bens e serviços que são encontrados na cidade. Como não podem dar-se ao luxo de consumir o supérfluo, elas dirigem-se para o consumo de remédios e buscam a assistência médica, muitas vezes sem necessidade, nas cidades vizinhas. Uma semana de internamento num hospital confere ao paciente um status igual ao das pessoas que, na cidade, buscam idêntica assistência. Muitas vezes, por esse motivo, procuram o hospital da vizinha cidade de Angical sem que, na maioria das vezes, o caso não exija mais do que umas poucas recomendações médicas. Grande também é o consumo de remédios sem necessidade alguma, especialmente antibióticos.

A comunidade permaneceu muito tempo impenetrável a transformações, e quase isenta de influências externas, de modo que o remédio de laboratório quase não era utilizado. A penicilina encontra aí um campo onde ainda hoje atua com toda a sua eficácia, e cura quase sempre todas as infecções. As injeções à base de antibióticos e os analgésicos são comprados a um prático de farmácia por membros da comunidade, os quais os revende e administra por sua própria conta. Em crianças de três meses de idade, e até menos, são aplicadas injeções de terramicina de até um milhão e trezentas mil unidades. A eficácia é imediata na grande maioria dos casos, mas os efeitos futuros poderão ser muito graves. É essa eficácia, associada ao status que a prática confere, a responsável pelo alto consumo de medicamentos por muitas pessoas da comunidade.

Diversas vezes, durante a pesquisa, tivemos que conduzir doentes à farmácia e ao hospital de Angical para, no final, descobrir que em muitos casos a "doença" era um exagero ou pura encenação. Algumas pessoas nos avisaram que muitos dos doentes que levávamos à cidade vizinha iam até lá "só pra dizê qui já teve im hospital e pra andã de carro". De fato, ao encontrar certa vez um

dos doentes embriagado, ele confessava, numa roda de amigos, que talacontecia.

Esse consumo, porém, não encontra muitos adeptos entre as pessoas mais velhas. Estas adotam ainda o tradicional "remédio do mato", a "meizinha", fabricados com os mais variados e esdrúxulos ingredientes. Cada ingrediente, e suas associações, mais a maneira de fabricar o remédio, correspondem a uma enfermidade específica. Vejamos alguns casos:

- para estancar hemorragia de ferida externa: borra de café aplicada sobre a ferida;
- para dor de cabeça: cheirar tabaco (rapê ou "torrado"), com pinhão torrado;
- para gripe (defluxo, "difruço" ou "difuluço"): chá de folhas de muçambê ou velame;
- para dor nos olhos: sumo da fruta da vassourinha;
- para dor nos rins: chá das folhas de quebra-pedra;
- para febre: cozinhar um pinto vivo, e em seguida, esmagá-lo em um pilão três vezes em intervalos regulares até eliminar uma espuma peculiar, após o que é feito o chá e bebido;
- para dor nas pernas e nas juntas (reumatismo): mistura de cinzas da fogueira de São João, pimenta do reino e urina de homem adulto, misturar tudo e aplicar no local das dores (sô para as mulheres);
- para sarampo: fezes secas de cachorro ou de galinha, transformadas em um pó do qual é feito o chá, e em seguida é bebido;
- para facilitar o parto: beber cachaça com pimenta.

Com respeito à saúde pessoal e à alimentação, são inúmeros os tabus e preceitos, sem que quase ninguém da comunidade saiba a razão ou qualquer explicação de tais proibições.

Vejamos alguns casos:

- não comer bananas quando estiver com febre;
- não comer manga após ter tomado leite e vice-versa;
- não cortar o cabelo, a barba ou as unhas, se estiver gripado;
- após tomar café, sô tomar banho ou beber água depois de duas horas;
- não comer ovos se tiver comido manga.

Preceitos do resguardo:

- nos primeiros dez dias após o parto não pode comer: frutas, fava, feijão vermelho, arroz, tapioca; não pode tomar banho nem expor-se ao sol;
- até o 15º dia permanecem ainda as proibições de comer abóbora, peixe e carne de porco.

Como já vimos, não existe qualquer explicação para esses tabus, a não ser a afirmação convicta e genérica de que "far mal".

No período do resguardo, a única alimentação da parturiente, nos primeiros 10 dias dos 30 previstos, é apenas pirão de farinha com caldo de frango no vo. A partir do 15º dia, cessam algumas proibições e outras continuam; mas o repouso quase absoluto continua até o 30º dia.

A alimentação básica das crianças até 2-3 anos de idade é o leite materno, se bem que a partir do 6º mês já possam comer outros alimentos, como caldo de carne, pirão de farinha, papa de tapioca. A partir do primeiro ano de vida já comem pequenas quantidades da mesma comida dos adultos.

As noções de saúde social e cuidados higiênicos pessoais quase não existem. Cortar os cabelos, unhas, barbear-se, tomar banho sistematicamente, são ações que decorrem não de um hábito higiênico propriamente, mas de necessidade prática. Cabelos e unhas são cortados quando começam a incomodar. O banho sistemático só ocorre após o trabalho, e somente se este implicar em atividades que obriguem a pessoa a sujar-se muito, por exemplo, o trabalho na roça que tem lama, fabricar carvão vegetal, etc.. Fora dessas situações o banho completo só ocorre quando há uma viagem, culto religioso ou festa. Ainda com respeito ao banho, constitui-se hábito apenas lavar o rosto, as mãos e os pés antes de dormir, e lavar só o rosto pela manhã, ao acordar. Nas ocasiões de festa ou de viagem, veste-se uma roupa limpa e, quando muito, passa-se uma brilhantina no cabelo. As mulheres põem batom de cores vivas e pó vermelho, o "ruge" no rosto. Cumpre ressaltar que as mulheres possuem hábitos higiênicos mais sistemáticos e frequentes e têm mais cuidados com as crianças, a esse respeito.

Como já foi dito, as casas quase nunca possuem latrina ou banheiro. As crianças fazem suas necessidades fisiológicas ao ar livre, no quintal ou no mata; este último local é também utilizado pelos adultos. Os bebês tomam banho em bacias ou cuias,⁽³²⁾ as crianças e os adultos banham-se no riacho e no açude, em locais e horários separados por sexo.

Até o início da pesquisa, não havia qualquer assistência médica no povoado. Nas nossas viagens levávamos médicos e dentistas os quais prestavam assistência à comunidade durante os fins de semana. Os médicos constataram em suas visitas, muitos casos de câncer, tuberculose, e diversos tipos de infecção. Entre as mulheres, as doenças mais comuns são as do aparelho genital. Havia muitos casos em que elas, quatro meses após o parto, realizado por parteiras "curiosas" ou as chamadas "cachimbeiras", continuavam com a placenta no útero.

Junto a representantes de laboratórios farmacêuticos conseguimos, amos-
tras-grátis de muitos medicamentos, os quais eram administrados aos doentes ,

sob a orientação dos médicos que levamos. Aos doentes mais graves, levávamos leite, um alimento que só é consumido como remédio, mesmo existindo ali alguns pequenos criadores.

Mais recentemente, no início de 1978, foi construído um posto médico, sem que até novembro de 1979 estivesse ainda em funcionamento, se bem que já tenha alguns funcionários contratados, faltando porém, médicos, móveis e medicamentos.

A alimentação básica da população é constituída de arroz, feijão ou fava, e farinha de mandioca, quase que diariamente. Peixe, carne de porco e de galinha são alimentos consumidos pelo menos duas vezes por mês. A carne de gado só é consumida nos fins de semana, e somente a de boi, porque a de vaca, segundo eles, "tem um mistêru, nunca disgruda dus-ôssu", onde se aloja o apreciadíssimo "tutano". A carne de "criação" (ovelha e cabra), não é consumida, sem que haja qualquer explicação para isso.

Como se nota, a situação sócio cultural desse grupo apresenta alguns aspectos curiosos, a maioria deles diferentes dos das regiões circunvizinhas. Foge ao âmbito desse estudo a realização de uma análise do comportamento sócio-cultural da comunidade. Não é também preocupação nossa comparar formas de comportamento dos habitantes do Canto com as formas de outros habitantes da região, bem como identificar hábitos que decorram de heranças culturais indígenas. A intenção foi apenas retratar uma situação a qual se apresenta, em muitos aspectos, peculiar, mas sem a profundidade que um trabalho, por exemplo, de cunho antropológico exigiria. A situação histórica e sócio-cultural abordada pretende apenas descrever a situação de pressão social sofrida pelos elementos do grupo através do tempo e refletida no seu universo lingüístico.

As circunstâncias históricas, considerando ou não a origem gueguê-acoroã, e a decorrente situação cultural atual, bem como as perspectivas de uma comunidade, antes hermeticamente fechada e agora num acelerado processo de abertura para o mundo exterior, poderão lançar uma luz nova na ciência sócio-antropológica e lingüística. Este é apenas um primeiro passo.

NOTAS

CAPÍTULO II

- (1) FIBGE, Censo Demográfico de 1970.
- (2) Cálculo baseado no levantamento anual de domicílios realizado pela SUCAM, em 1976.
- (3) Artur Ramos, citando Ehrenreich, apresenta uma classificação do grupo Gê, colocando os Acoroãs, Gueguês e Jaicôs, entre esses índios, especificamente entre os Gê-derivados (cf. Ramos, s.d.:144).
- (4) Tropa de elite criada por D. João VI quando da sua chegada ao Brasil, em 1808, sob a denominação de Dragões do Império. Com a independência do Brasil, passou a chamar-se Dragões da Independência.
- (5) Essa muralha foi descoberta no final da pesquisa de campo. Todas as pessoas da comunidade sabem da sua existência mas evitam falar sobre o assunto. Apenas um informante dispôs-se a nos levar até a referida muralha, sem contudo nos prestar qualquer informação sobre ela.
- (6) Essa data não é precisa. Existe no entanto documento, mas o tabelião do cartório de Regeneração onde ele se encontra, recusou-se nas diversas vezes em que o procuramos, ceder-nos uma cópia ou certidão, não permitindo nem mesmo uma simples consulta ao referido documento, impondo, para tanto todo tipo de dificuldades.
- (7) O Uso Capião, ação legal pela qual uma pessoa ou grupo de pessoas, requer a posse e domínio de terras que ocupa por mais de 10 anos, sem que o dono originário tenha, por qualquer modo, tentado impedir essa ocupação.
- (8) Estrada muito estreita, sem revestimento, sem terraplanagem e de difícil tráfego.
- (9) Quitanda, venda. Um misto de venda e botequim, com poucos artigos à disposição.
- (10) Tipo de construção feita de estacas entrecruzadas com varas ou talos de coque (palma de palmeira, sem a palha) formando interstícios os quais são preenchidos com barro amassado, formando a parede.
- (11) Pequeno pátio situado na frente da casa e considerado parte integrante do domicílio.
- (12) Período posterior ao parto, com duração de 28 a 30 dias em que são observados certos preceitos de repouso e alimentação.
- (13) Pão feito de fubã de milho cozido.
- (14) Bolo de tapioca (produto da mandioca) em forma de torta.

- (15) Café feito com muito pó e pouco açúcar, em relação à quantidade de água.
- (16) Acompanhamento do café da manhã (cuscuz, beiju, etc.). O nome "isca" é uma analogia com isca para peixes. Isso porque o acompanhamento, às vezes, muito pouco, ou seja, "sô ùa isca".
- (17) Atividades definidas em função de idade e sexo.
- (18) Colheita das raízes da mandioca.
- (19) Trituração da mandioca depois de descascada.
- (20) Parte central da palma da palmeira. Vara comprida de onde saem as pequenas palhas.
- (21) Tendões sem paredes, com teto de palhas, apoiado em quatro forquilhas.
- (22) Pequenas mesas feitas de caixotes onde são colocados os produtos à venda. Sempre artigos comestíveis como bolos, fritos, que são servidos com café.
- (23) Carne frita, misturada com farinha de mandioca.
- (24) Geralmente, nomes de apóstolos, profetas, nomes bíblicos de um modo geral e santos da Igreja Católica, ou nomes, que, de alguma forma, expressem a religiosidade cristã.
- (25) De fato, representantes de ambas as famílias, cada um por seu lado, afirmam a descendência indígena da outra família. São muito reservadamente, alguns informantes admitiram sua descendência indígena.
- (26) Jovem solteira prostituída (deflorada) que possui um amante que não o sedutor. Nesses casos de sedução, o grupo refere-se à moça como a fulana que "ficou solteira" ou a fulana "que fulano mexeu", ou a "fulana que fulano botou na rua", etc..
- (27) Tal prática era feita geralmente pelos amigos do defunto, os quais açoitam o morto levemente com um cipó.
- (28) Existe um documento em posse da Cúria Metropolitana de Teresina, legalizando a doação da referida área.
- (30) O coronel não pôde ser identificado. Sabe-se no entanto, que residia em Teresina, mas seus pais residiam no Canto.
- (31) A cor vermelha era obtida do jatobá, do murici ou do araçá; a azul, do anilim, do jenipapo ou do mangará do cacho de bananas; e a preta, da lama preta, encontrada em algumas lagoas e brejos.
- (32) Cabaça partida ao meio e utilizada como bacia.

CAPÍTULO III

EXAME DOS DADOS

Neste capítulo, será examinada uma situação de empréstimo linguístico, particularmente a fonologia resultante dessa situação. As duas línguas implicadas nesse caso são, de um lado, uma língua indígena desconhecida, ou seja aquela considerada nativa dos antepassados da comunidade de língua em estudo, e de outro lado, a variedade⁽¹⁾ do português falada pelos habitantes da região,⁽²⁾ aquela que, sem dúvida, está sendo a língua em processo de assimilação pelos falantes dessa comunidade.

Uma rápida e superficial caracterização fonológica atual desse falar pode ser descrita como um sistema melódico com alguns tons consideráveis⁽³⁾ e cujos segmentos fonológicos são provavelmente do português regional, mas apresentando muitas distorções.

A situação fonológica atual é, pois, resultante do seguinte:

Falava-se uma língua indígena. Aprender o português era um dos objetivos almejados pelo grupo para disfarçar suas origens, além de, naturalmente, satisfazer uma necessidade de comunicação com os falantes da área de contato, os quais se serviam da variedade do português. Pouco a pouco o léxico do português substituiu quase totalmente o da língua indígena, mas desta permaneceu muitos aspectos do sistema fonológico, bem como do sintático e do semântico.

Como o que surge da colisão de dois sistemas de sons não é de nenhuma forma totalmente previsível (cf. Lovins, 1974:240), vejamos o que resultou do contato desses dois sistemas, os quais, por razão de praticidade serão, daqui por diante, assim referidos: L1, para a língua indígena; L2, para a variedade do português regional; do contato de ambas resultou L3, o falar da comunidade em estudo.

Como ponto de partida para o estudo, examinamos os casos mais recorrentes

V: [ak^h dā:d] 'acordado' (0012)

ŷ: [ásû:d] 'açude' (0014)

V: [pé^h tē:n] 'pestana' (0970)

- (2) Quando o mesmo vocábulo tem duas ou mais sílabas, há sempre um tom alto (ˊ). Assim:

[agó^h ré:ˊ] 'agora ela' (0025)

[ágo:ˊ] 'agora' (0024)

[ágrí:] 'agrícola' (0027)

[á^h qū:ˊ] 'algun' (0045);

nem sempre um tom baixo (ˋ):

V V: [ágrí:] 'agrícola' (0027)

V V: [á^h qū:ˋ] 'algun' (0045)

- (3) Tons modulados (ˊ, ˋ) sã aparecem em sílabas longas:

[ahué:ˊ] 'ajoelha' (0035)

[pé^h tē:n] 'pestana' (0970),

(o que é esperado, dado que precisam duas moras)

- (4) Tons médios também sã aparecem na sílaba longa:

[kémíē:n] 'caminhão' (0225)

- (5) Tom médio (-) nunca aparece sozinho (isto é, em monossílabos):

[â:] 'ar' (0086)

[a:s] 'assa' (0098)

[bá:] 'bate' (0141)

- (6) Existe apenas uma sílaba longa (:) por palavra:

[kabo.k^h brá:] 'caboclo brabo' (0202)

[hába^h pē:n] 'vai abaixando' (1286)

[ádi^h mūru] 'admiro' (0017)

[kē^h kó:rph] 'que é o corpo' (1070)

[pínstē:n] 'pinotando' (0977).

Relacionando-se o sistema pitch de L3 com o de L2, verificou-se ainda, o seguinte:

- (1) Em lugar do contraste entre sílabas tônicas e átonas como em L2, existe um contraste entre sílabas longas e breves em L3;
- (2) A sílaba tônica de L2 corresponde cem por cento a sílaba longa de L3;
- (3) As sílabas átonas de L2 correspondem também cem por cento às sílabas breves de L3.

Quanto ao segundo caso, que trata da redução da sílaba postônica final, o corre: (a) sempre precedida de uma sílaba mais longa; (b) apresenta diversidade de sons articulatória e acusticamente diferentes; (c) apresenta uma distri-

buição destes em sequências diferentes, quer dizer, forma tipos silábicos diferentes.

Vejam os em discussão quais as possibilidades de influência desses fatos na redução dessa sílaba considerada, ou seja, a postônica final.

No que tange à provável influência do traço mais longo da sílaba precedente, pode-se admitir:

- 1) uma possível concorrência desse traço mais longo para uma marcação do tipo limite fonológico ao nível da palavra, e/ou
- 2) possibilidade da propriedade física desta sílaba que tem uma duração maior do que a das outras para cuja duração é necessário um pouco mais de esforço expiratório.

Contudo, nada consta na literatura linguística relacionado com os fatos acima, que os fundamente teoricamente, razão por que passaremos a examinar a implicação do fato em evidência, relacionado com a observação contida em (b). Observou-se, então, a partir das sílabas finais de L2, a diversidade de sons articulatória e acusticamente diferentes que sofreram alterações em L3, e constatou-se o seguinte: das três vogais átonas ([$v \#$], [$i \#$], [$u \#$]) que ocorrem em final de palavra em L2, acontece o seguinte em L3:

- quanto ao [$v \#$]

- 66,28 % se reescreveram \emptyset
- 4,39 % se reescreveram [∂], apenas
- 0,92 % tiveram uma pronúncia entre [v] e [∂] (7)
- 28,41 % se reescreveram [v]

- quanto ao [$i \#$]

- 82,64 % se reescreveram \emptyset
- 6,94 % foram substituídos por [∂]
- 2,78 % por [∂], e
- 7,64 % se reescreveram [i].

- quanto ao [$u \#$]

- 87,23 % se reescreveram \emptyset , apenas
- 1,50 % foram substituídos por [∂]
- 1,50 % por [∂] e
- 9,77 % se reescreveram [u].

Acerca das consoantes da sílaba final átona, o quadro comparativo de percentuais de perda, substituição, enfraquecimento e conservação dessas consoantes de L2 que passaram para L3 é mostrado a seguir (v. figura 2)

A partir desse quadro, percebem-se os diferentes percentuais dos diferentes segmentos implicados na redução da sílaba postônica final. Temos, por exemplo,

82,64 % de [tʃ] que desaparece, para 87,33 % de [tʃʃ]; temos ainda 66,28 % de [tʃ] e 9,52 % de [pʃ] para 52,94 % de [dʃ] desaparecendo.

FIGURA 2 - Quadro comparativo de percentuais de perda, substituição enfraquecimento e conservação das consoantes de L2 que passaram para L3.

			Perda		Substituição		Enfraquecimento		Conservação		Total	
			T	%	T	%	T	%	T	%	T	%
OCCLUSIVA	bilabial	surda	1	4,76	1	4,76	17	80,96	2	9,52	21	100
		sonora	10	33,33	-	-	16	53,34	4	13,33	30	100
	alveolar	surda	62	46,27	70	52,23	1	0,75	1	0,75	134	100
		sonora	72	52,94	3	2,21	49	36,03	12	8,82	136	100
	velar	surda	9	16,98	44	83,02	-	-	-	-	53	100
		sonora	4	10,81	2	5,40	25	67,57	6	16,22	37	100
FRICATIVA	labiodental	surda	2	28,57	1	14,29	2	28,57	2	28,57	7	100
		sonora	3	8,33	13	36,11	14	38,89	6	16,67	36	100
	alveolar	surda	3	4,62	6	9,23	12	18,46	44	67,69	65	100
		sonora	3	7,89	21	55,27	1	2,63	13	34,21	38	100
	palatal	surda	-	-	-	-	6	33,33	12	66,67	18	100
		sonora	2	18,19	3	27,27	3	27,27	3	27,27	11	100
AFRI-CADA	palato-alveolar	surda	31	64,59	16	33,33	-	-	1	2,08	48	100
		sonora	18	62,67	-	-	10	34,48	1	3,45	29	100
NASAL	alveolar	sonora	1	3,23	-	-	-	-	30	96,77	31	100
		sonora	-	-	2	5,40	3	8,11	32	86,49	37	100
LATERAL	alveolar	sonora	7	8,54	44	53,66	-	-	31	37,80	82	100
VIBRANTE	alveolar	simples	6	6,67	-	-	9	10,00	75	83,33	90	100
		dupla	2	13,33	13	86,67	-	-	-	-	15	100
SEMIVOGAL	palatal	sonora	1	9,09	2	18,18	-	-	8	72,73	11	100
TOTAL			238	25,62	257	27,66	152	16,36	282	30,36	929	100

De acordo com a literatura linguística sobre empréstimos fonológicos, afirma-se que empréstimos mostram diferentes graus de assimilação; em decorrência disto, pode-se, a partir do resultado mostrado acima, propor uma solução para a indagação acerca da redução da sílaba postônica final de L3. Se-

gundo esta hipótese, pode-se ter empréstimos inteiramente não assimilados, parcialmente assimilados e totalmente assimilados. De forma particular, esta hipótese atribui o grau de assimilação à frequência de uso da palavra (frequência no sentido lato, ou seja, o número de ocorrências da palavra desde a sua introdução na língua considerada). Glovinskaja demonstrou, a partir de exemplos de empréstimos no russo, que estes graus de assimilação implicam na aplicabilidade dos mecanismos dos sons associados ao traço diacrítico estrangeiro⁽⁸⁾ que, neste caso, são uma função do tempo mais fatores sociológicos que determinam a frequência de uso. Assim, dado um empréstimo particular, todos os segmentos daquela palavra mostrariam iguais graus de assimilação, uma vez que (a) penetraram na língua ao mesmo tempo; e (b) foram submetidos às mesmas pressões sociológicas que influenciaram a frequência de uso.

Observa-se, contudo, que um segmento de L2 pode ser totalmente assimilado, ser substituído por outro ou outros, ou ainda não ser assimilado em L3.

Assim:

[avÉʃ ^v]	→	[avÉ:ʃ ^v]	(0113)
[bɛ̃ ⁿ du]	→	[bɛ: ⁿ]	(0127)
[kemíz ^v]	→	{ [kɛ̃mĩ: ^θ]	(0227)
		{ [kɛ̃mĩ: ^s]	
		{ [kɛ̃miz ^θ]	
[garráf ^v]	→	{ [gáha:]	(0637)
		{ [gáhá:f]	
[bɛ̃rr ^v]	→	[bɛ̃: ^h]	(0152)

Estas variações de forma são encontradas não apenas de indivíduo para indivíduo, como também no mesmo indivíduo. Dessa forma, para a palavra 'língua', por exemplo, tivemos as seguintes pronúncias:

- [lí: ^ʎ]	pelo informante nº 4
[lí: ^ʎ gw ^v]	pelo informante nº 1
[lí: ^ʎ g ^v]	pelo informante nº 10

enquanto que a palavra 'branco' foi pronunciada pelo mesmo informante, o nº 4:

- [brɛ: ^ʎ]	e
[brɛ: ^ʎ k ^h]	.

Em meio a oscilações de forma, tanto intra como inter-individualmente, observou-se, contudo, uma certa constância de formas preferidas por faixas etárias determinadas. Assim, ainda para a palavra 'língua', a faixa etária mais idosa, a de mais de 45 anos, pronunciou com mais frequência a forma [lí:^ʎ]; a faixa etária intermediária, de 26 a 45 anos, pronunciou [lí:^ʎgw^v]; ao passo que a faixa etária mais jovem, de 15 a 25 anos, pronunciou [lí:^ʎg^v] e

[lɛ:ʲqʷɛ].

Contudo, se a redução da sílaba postônica final se deve ao tipo de sílabas preenchido por essas sílabas, nenhuma evidência existe para sustentar uma conjectura a esse respeito. Um mesmo tipo silábico, ora desaparece, ora os segmentos que o compõem são substituídos, ou enfraquecidos e ora esse mesmo tipo silábico é conservado. Assim, para o tipo silábico CV temos:

[bɛ:ʲkʷ] → [bɛ:ʲ] (0124)

[kɛ:m pʷ] → [kɛ:m pʰ] (0228)

[bɛ:ʲkʷ] → [bɛ:ʲkʰə] (0123)

[mɛ:n dʷ] → [mɛ:n dʰ] (0775).

Todos os dados acima têm em L2 a sílaba final do tipo CV as quais têm em L3 os seguintes tipos correspondentes:

- no dado (0124) toda a sílaba final se reescreve ∅;
- no dado (0228) apenas o último segmento da sílaba final se reescreve ∅, equanto que o outro segmento da sílaba é substituído de [p] para [pʰ];
- no dado (0123), os dois segmentos dessa sílaba são substituídos de [kʷ] para [kʰə];
- no dado (0775), porém, os segmentos dessas sílabas, em L3, correspondem aos mesmos segmentos da sílaba em L2.

No capítulo seguinte, estudaremos alguns aspectos da teoria linguística com o objetivo de compreendermos melhor o sentido de nossos dados e tentarmos dar-lhes uma explicação necessária.

NOTAS

CAPÍTULO III

- (1) Variedade do português refere-se à variação regional do português, no caso, a falada por todos os habitantes daquela região.
- (2) A área de contato compreende os municípios de Angical do Piauí, Água Branca, Regeneração, S. Pedro do Piauí e Amarante. O contato é quase que totalmente restrito às áreas urbanas desses municípios.
- (3) Tons alto (ˉ), médio (-), baixo (˘), ascendente (ˆ) e descendente (ˋ). O diacrítico (˘) para tom baixo não foi utilizado na transcrição fonético-fonológica dos dados, uma vez que todos os demais pontos foram indicados graficamente, o que tornaria a indicação desse tom uma redundância. Justificasse, assim, a sua indicação gráfica (˘) nas configurações tonais para dar maior visualização aos tons encontrados nessas configurações.
- (4) Sistema fonológico das línguas acentuais de altura ("pitch accent languages").
- (5) Tons punctuais (ˉ, -, ˘).
- (6) Tons modulados (ˆ, ˋ).
- (7) Os sons assim produzidos foram transcritos foneticamente com o símbolo .
- (8) Traço diacrítico estrangeiro (!).

CAPÍTULO IV

PROPOSTA DE UM MODELO TEÓRICO

Há um consenso de que em situações de empréstimo fonológico os sons que são ouvidos são substituídos por aqueles sons que na língua que os recebe mais se aproximam articulatória e acusticamente dos sons estrangeiros. Essas substituições, por conseguinte, são feitas a partir da percepção dos sons estrangeiros pelos falantes da língua que os recebe.

Quando falamos, aplicamos processos alofônicos "forwards" (em evidência) para produzirmos variantes contextuais; quando ouvimos outra pessoa, aplicamos processos alofônicos "backwards" (ao contrário) para relacionarmos alofones a seus fonemas associados automaticamente, considerando uma sequência de muitos segmentos envolvidos simultaneamente numa derivação.

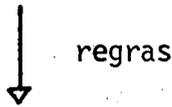
Da mesma forma, ao se ouvir sons estrangeiros não familiares, tenta-se relacionar o que se ouve às possíveis formas de superfície da própria língua que os recebe. Essas formas de superfície podem já ser representações aceitáveis ou relacionadas a tais formas estrangeiras por derivação "backwards" de um processo alofônico (cf. Ohso, 1971).

Há uma interpretação de que todas as mensagens acústicas percebidas, quando se trata de seqüências sonoras de outra língua diferente da nossa, são re-interpretadas (isto é, distorcidas não aleatoriamente, mas determinadas pelo sistema subjacente da língua nativa (cf. Stampe, 1969)).

Parece evidente que uma teoria capaz de descrever a situação de L3, só será válida se for capaz de explicar uma tal situação, a partir da percepção de L2, por parte de L1. A descrição das distorções que os falantes de L3 apresentam é claramente uma descrição da percepção. Desde já, qualquer descrição que atenda a derivações apenas no eixo da produção será, portanto, dispensada em favor daquela da percepção. Por exemplo, a descrição do componente de uma gramática gerativa transformacional que é sempre a da produção, como podemos

observar a seguir:

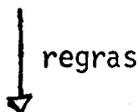
do input /fonológico subjacente/



ao output [fonético superficial]

e nunca da percepção, embora tal descrição seja, teoricamente, possível, sendo

do input [fonético superficial]



ao output (fonológico subjacente)

Foi para derivar restrições internas, isto é, de ordem da percepção aos sistemas fonológicos, que David Stampe propôs um sistema inato de processos fonológicos que se assemelham tanto às hierarquias implicacionais de Jakobson⁽¹⁾ (a aquisição de um traço sonoro implica na aquisição anterior de outro traço ou traços), quanto às "convenções de marcação" de Chomsky e Halle (uma série de convenções para caracterizar o grau de naturalidade dos sistemas fonológicos), mas com o mesmo status ontológico dos processos naturais (chamados regras) do sistema fonológico de qualquer língua individual (cf. Miller, 1972).

Processos individuais de deslateralização, aspiração e despalatalização, são igualados numa variedade de sistemas linguísticos de crianças e adultos em muitas línguas diferentes. Tais processos parecem demonstrar não existir nenhum processo fonológico próprio de uma fala individual - aparentemente não existe um tal processo - mas uma sequência de processos comuns a muitas crianças e línguas (cf. Stampe, 1972).

Estes processos podem explicar as hierarquias implicacionais de Jakobson e medir o grau de complexidade de sistemas linguísticos tão bem quanto as convenções de marcação, podendo, ainda, prever as substituições feitas por crianças e outros falantes emprestando de um sistema a outro (cf. Miller, 1972).

Os processos são supostamente inatos, ou intrínsecos, e a sua função é a de simplificar o sistema. Embora as substituições sejam mentais em ocorrência, são físicas em teleologias: seu propósito é maximizar as características perceptuais de fala, e minimizar as dificuldades articulatórias (cf. Stampe, op. cit.).

O estudo de substituições em fonologias de empréstimos pode revelar os processos operantes em uma língua pela caracterização das substituições feitas

quando a língua toma emprestado de uma outra língua com um sistema mais complexo (cf. Miller, 1972). A idéia de que muitos universais, baseados articulatóriamente no processo de substituição, fazem permanecer parte da competência do falante adulto, mesmo que tais universais não sejam, muitas vezes, atestados na fala comum, é suportada por dados de empréstimos. Isso levou à afirmação de que o sistema nativo é constituído do conjunto dos processos naturais (universais) inatos que não foram desadquiridos (não é correto falar de aquisição de linguagem para uma língua específica, por causa da desadquirição parcial da linguagem) (cf. Stampe, op. cit.).

Segundo a visão de Stampe, um processo afeta uma classe de segmentos os quais têm em comum um traço que é inacessível à capacidade de fala. Para este segmento, o falante substitui segmentos de uma classe idêntica, mas eliminando o traço inacessível. Estas substituições formalizadas constituem as regras, as quais são de dois tipos:

- (1) as regras inatas, fisiológica e mentalisticamente motivadas, condicionadas foneticamente (com segmentos pronunciáveis e limites fonéticos de pausa e sílaba), as quais são chamadas de "natural processes" (os 'processos naturais' de Stampe) ou "phonetically motivated rules" (as 'regras motivadas foneticamente' de Hooper e Venneman);
- (2) as regras que explicam os vários tipos de alterações fonológicas abstratas, condicionadas morfossintaticamente (com traços sintáticos, morfológicos, diacríticos ou de regras, limites não fonéticos de formativo ou de fonema), as quais são chamadas de "acquired rules" (as 'regras adquiridas' de Stampe), ou "morphophonemic rules" (as 'regras morfofonêmicas' de Hooper), ou ainda "morphosyntactically motivated rules" (as 'regras motivadas morfossintaticamente' de Venneman).

Outros tipos de regras, consideradas secundárias, são propostas por Venneman e Hooper, tais como as regras "sandhi" (condicionadas por limite de palavra), as regras-via, as regras de formação de palavras e as regras de estruturação morfológica (as regras de fonologização de Angenot) e as regras de silabificação.

A definição dos dois tipos principais de regras acima tem merecido grandes discussões e, nesse sentido, foram propostos, inclusive, critérios rigorosos (cf. Cearley, 1974:32; Bjarkman, 1975; Hooper, 1975:534; e Sommerstein, 1977:235).

Contudo, como se demonstrou no modelo de fonologia natural pura,⁽²⁾ tais critérios absolutos não podem ser mantidos, notadamente os baseados na produtividade, na excepcionalidade, na opacidade e no condicionamento fônico (cf. Ange-

not, 1978). A originalidade principal do modelo de fonologia natural pura consiste em afirmar que todas as regras fonológicas da competência estão sujeitas a um condicionamento de natureza exclusivamente fônica. Com efeito, isso abrange:

- (1) regras condicionadas foneticamente, bem como as de Hooper, Venneman e Hooper;
- (2) regras condicionadas fonologicamente (e não morfossintaticamente, como pretenderam Stampe, Venneman e Hooper). (cf. Oliveira, 1978).

Contexto fonológico se constitui de: (1) não são de segmentos inteiramente especificados, portanto pronunciáveis, como também de infrasegmentos sub-especificados, portanto impronunciáveis linearmente; (2) não são de limite de pausa (//), de sílaba (≠), como também de palavra (≠) (cf. regras sandhi, de formante (=) e de morfema (+)).

A natureza desses limites é considerada fonológica e não gramatical (cf. Angenot e Araújo, 1978).

Esses dois tipos de regras condicionadas fonética e fonologicamente constituem um componente único. Todas as regras se explicam sequencialmente (e não simultaneamente como sugeriram Koutsoudas, Sanders, e Noll), com ordenação intrínseca (em conformidade com as outras fonologias naturais, mas ao contrário da fonologia gerativa standard, a qual admite uma ordenação extrínseca e, por isso, passiva de uma enumeração fixa).

Ao modelo que explica a percepção de restrições subjacentes de uma língua quando em interferência com outra, com regras fonológicas de condicionamento puramente fônico, integrar-se-á a hipótese de atração magnética (Holden, 1976), segundo a qual, cada restrição do sistema fonológico considerado exerce uma força de atração sobre certos segmentos do sistema nativo. Assim, quando um falante monolíngue confronta-se com novo material linguístico, pode-se perceber algum reflexo da natureza da restrição linguística nativa. Cada restrição do sistema fonológico considerado exerce uma força de atração sobre certos segmentos a fim de assimilar aqueles no sistema nativo. Restrições diferentes têm poderes diferentes, e a força magnética de cada restrição age diferentemente, sobre segmentos diferentes. Tais poderes estão na razão direta da produtividade ou viabilidade relativa de regras fonológicas ou restrições do sistema nativo, e provê-nos com um indício de como tais regras começam a degenerar de dentro de um sistema, por assim dizer. (cf. Holden, op. cit.).

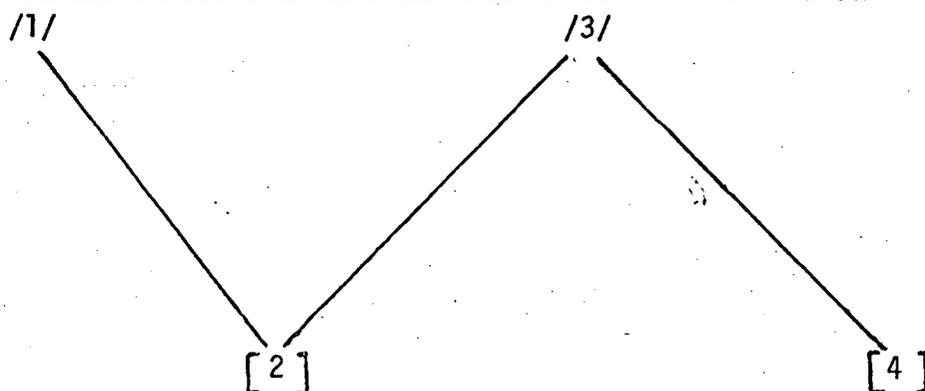
Sabe-se, contudo, como já foi mencionado, que tempo⁽³⁾ diferentes fatores sociológicos que influenciam a frequência de uso de empréstimos também afetam o grau de assimilação de um dado segmento. Com efeito, comparando mais de um

traço numa mesma palavra, pode-se supor que esses traços possuem na língua a mesma duração de tempo e foram submetidos às mesmas pressões sociológicas (cf. Holden, 1976).

A fim de avaliar as diferentes produtividades de diferentes regras, quantificar-se-ã tais produtividades por cada segmento atingido pela regra. As produtividades relativas aos diferentes segmentos, traduzidas em relações percentuais, escritas em parêntesis apõs cada regra, serão comparadas entre os segmentos de séries diferentes,⁽⁴⁾ para se avaliar as diferentes restrições do sistema fonológico nativo. Posteriormente, os percentuais serão apresentados num único quadro a fim de oferecer uma melhor visualização das conclusões.

A variação percentual de produtividade dos segmentos das séries fornecerã o grau relativo de degeneração do sistema fonológico nativo, conforme a sua "distância" das peculiaridades fonológicas da variedade do português regional, isto é, de L2. A distância fonológica de empréstimos de uma dada língua é que faz com que mais de um traço estrangeiro não se conflite com a assimilação pela língua nativa. Isto se deve a (1) suposição de que falantes de empréstimos parecem ter uma noção do que constitui ou não empréstimo "aceitável", como sejam, as peculiaridades fonológicas de estrangeiro que podem coexistir com as do sistema nativo, e (2) aos graus relativos de assimilação a serem considerados serem aqueles do estrangeiro aceitável ao nível nativo (cf. Holden, op. cit.).

O modelo teórico da situação linguística que se está descrevendo é o seguinte:



(/1/ = representação fonológica subjacente do português regional, não pertencente ao modelo;

[2] = representação fonética superficial do português regional;

/3/ = representação fonológica subjacente do falar do Canto;

[4] = representação fonética superficial do falar do Canto).

/1/ ----- [2] = eixo de produção (derivação);
 /3/ ----- [4] = eixo de produção (derivação);
 [2] ----- /3/ = eixo da percepção (objeto da presente descrição, derivação "ao contrário".

Quanto mais regras se aplicarem sincronicamente, do ponto de vista diacrônico corresponde a uma maior conservação da língua nativa (11), sendo que /n/ equivale à representação (que não é mais atestada sincronicamente) das reinterpretações dos ascendentes indígenas no início do processo de relexicalização (no início da incorporação de empréstimos). Isto significa dizer que quanto mais distante sincronicamente do português regional, mais conservador diacronicamente.

A medida do grau de conservação do substrato indígena e, portanto, do grau de aquisição do superestrato português, é manifestada pelo número de regras derivacionais perceptíveis aplicadas, mesmo considerando apenas as regras "pitch" e as relacionadas com a sílaba postônica final. A passagem de um socioleto mais conservador para um menos conservador manifesta-se pela perda de regras.

Podem, no entanto, ocorrer variações. Afirmar que o maior número de aplicação de regras é característica da faixa etária mais velha, não significa que esta faixa etária aplique todas as regras possíveis em todos os contextos. Significa apenas que, apesar da variação que se manifesta por uma flutuação mensurável, o "terminus ad quem" pode ser o estágio mais conservador, isto é, o mais afastado do português. Uma faixa etária menos conservadora terá outra oscilação com um "terminus ad quem" menos profundo mensuravelmente, e que atingirá um menor número de regras com "terminus a quo" mais próximo do input (que nunca atingirá a faixa etária mais conservadora). O que caracteriza cada faixa etária são os limites máximos e mínimos da oscilação.

NOTAS

CAPÍTULO IV

- (1) O primeiro a se preocupar com a existência de sistemas fonológicos mais naturais que outros.
- (2) Fonologia natural pura, de Jean-Pierre Angenot.
- (3) Tempo é aqui entendido como duração cronológica.
- (4) Parece que ao compararmos vários segmentos fonológicos numa mesma palavra, verificamos que estes segmentos possuíam na língua a mesma duração de tempo e foram submetidos às mesmas pressões sociológicas, uma vez que entraram juntos na mesma palavra. As séries diferentes no entanto, eliminarão qualquer situação de conflito entre as duas línguas. Um exemplo de situação de conflito é ilustrado com empréstimos russos em Kazakh. Assim, Kazakh tem consoantes anteriores e posteriores que normalmente correspondem no russo a consoantes palatalizadas e não palatalizadas. Além disso, Kazakh tem uma espécie de harmonia fonológica que afeta tanto vogais como consoantes; em assimilação de empréstimos, essa harmonia é determinada pela qualidade anterior ou posterior da vogal tônica. Uma vez que o russo pode ter consoantes palatalizadas antes de vogais tônicas posteriores, isto cria um conflito no processo de assimilação: a consoante palatalizada determina que seria reproduzida como consoante anterior em Kazakh, mas a harmonia determina uma consoante posterior por causa da vogal tônica que é posterior. Em tais casos a restrição de harmonia (no caso, propriedade do Kazakh) influencia e a consoante palatalizada do russo, reproduzida como uma consoante posterior. Exemplo: russo: [d'úžina] 'dozen' (dúzia) = Kazakh [d'ogna].

CONCLUSÃO

O léxico do falar descrito é quase inteiramente o da variedade do português de contato da referida comunidade, porém não o são sua fonologia, sintaxe e semântica.

Quanto à fonologia, que constitui o tema central deste estudo, manifesta-se por um contraste entre sílabas longa e breves, em lugar do contraste entre sílabas tônica e átonas como no português, além de configurações tonais bem recorrentes, como as que se seguem:

- V: ([a:ʃu] 'acho'; [v:n] 'ano');
- V V: ([fin'a:] 'finado'; [fúge:th] 'foguete');
- V V: ([ʔédã:] 'arredar'; [bébɛ:] 'bebida');
- V: ([a:s] 'assa'; [ʃu:] 'chuva');
- V V V: ([imbéɾi:] 'embiriba'; [mizéɾã:vth] 'miserável');
- V: ([bâ:] 'bato'; [bé:] 'bebe').

Contudo, tais tons não constituem traços pertinentes desse falar.

Quanto à redução total ou parcial da sílaba postônica no final de palavras, podendo ainda, com menos freqüência, conservar-se sem sofrer nenhuma redução, observa-se que tais manifestações dependem dos segmentos fonéticos implicados naquela(s) sílaba(s). Dessa forma, constata-se o princípio de atração magnética (Holden, 1976, 'Assimilation rate of borrowings and phonological productivity'). Assim, os segmentos fonológicos do aludido falar atraem com maior força os segmentos do superestrato português que mais se assemelham ao substrato indígena. Deste modo, no que diz respeito às vogais, por exemplo, constatou-se que o [ɛ#] foi mais atraído que o [i#], e este, mais do que [u#]. No que concerne às consoantes, foi o [m#] a mais assimilada, sendo que as sonoras de um modo geral enfraqueceram (como, por exemplo, as oclusivas, no caso, as mais atingidas), enquanto as surdas sofrem geralmente substituições, como, por exemplo, as oclusivas não aspiradas que se aspiratizaram; a vibrante alveolar dupla, que se posterioriza em uvular ou glotal; enfim, constata-se um desapare-

cimento significativo das africadas palatalizadas, bem como das oclusivas alveolares.

Observa-se, contudo, que essas alterações fonológicas decorrentes da passagem de um sistema para outro são naturais, características, pois, de uma situação de empréstimo já típica. Veja-se, por exemplo, a moderna interpretação japonesa de palavras européias ("Why loan phonology is natural phonology", Lovins, 1974:240-250). Da mesma forma que essa "moderna interpretação japonesa", a assimilação fonológica do superestrato da variedade do português por aquela comunidade não se deu segundo traços binários, mas sob configurações processuais, como sejam, substituições alternadas não uniformes. Assim, observa-se, dentro de um mesmo socioleto, uma variação tanto inter como intra-individual, sob forma de flutuação entre estágios sucessivos (por exemplo, [t^h] será realizado variavelmente [t^h → t^h → t^h → t^h → ∅]) da mesma forma. Essa oscilação não motivada contextualmente dá conta do caráter sucessivo crescente e decrescente da produtividade fonológica onde a passagem de uma fala para outra menos conservadora manifesta-se por uma perda de regras e um deslocamento subsequente para baixo dos "termini a que et ad quem" dessa flutuação.

Como se vê, nessa situação de interferência fonológica descrita, a língua assimilada parece constituir uma espécie de "máscara" ou "disfarce" daqueles falantes. Tal atitude é perfeitamente justificável dada a pressão social a que foram submetidos os seus antepassados, como ficou evidenciado no capítulo que trata da situação histórica dos índios no Piauí, especialmente os da área onde hoje se localiza a comunidade. Essa pressão social eles continuaram a sofrer, com os conflitos entre si e fazendeiros da região, por questões de terras. Esse aspecto ficou esclarecido convenientemente no Capítulo II

(...) → Por outro lado, muitos aspectos relevantes da situação linguística da comunidade do Canto merecem um estudo mais específico. Um desses aspectos é a atitude linguística tanto em relação ao substrato indígena quanto ao superestrato do português de contato. O sistema sintático também apresenta características particulares. Um exemplo disso é a pós-posição dos chamados circunstanciais nas frases (veja-se os exemplos 5 e 6 da introdução). As mutações semânticas, por sua vez, constituem um outro aspecto muito interessante no momento, e merecem também um estudo à parte. É o caso de introdução de termos ou palavras do português que adquirem outra conotação semântica para os habitantes do povoado, conotação esta que consiste, na maioria das vezes, em uma extrapolação do significado original, geralmente apreendido em situações contextuais. Um exemplo é o caso da palavra "erosão", utilizada certa vez pelo prefeito do município no contexto de explicação dos motivos do rompimento da parede de uma

barragem, cujo significado é atualmente extrapolado para qualquer situação de ruína ou catástrofe.

Do ponto de vista sócio-antropológico essa comunidade apresenta também inúmeros aspectos relevantes, os quais, ao lado dos fatores essencialmente lingüísticos, formam um campo inexaurível de estudos.

B I B L I O G R A F I A

HISTÓRIA

- 01) COSTA, F. A. Ferreira da . Cronologia histórica do Estado do Piauí. Rio de Janeiro, Artenova, 1974.
- 02) FERREIRA, Olavo Leonel . História do Brasil. São Paulo, Ática, 1978.
- 03) NUNES, M. Paulo . "Um episódio da colonização portuguesa". Jornal de Brasília, Brasília, 20 de junho de 1974.
- 04) NUNES, Odilon . Pesquisas para a história do Piauí. 2a. ed., 04 vols., Rio de Janeiro, Artenova, 1975.
- 05) PORTO, Carlos Eugênio . Roteiro do Piauí. Rio de Janeiro, Artenova, 1974.
- 06) SAMPAIO, Antônio José. Descrição geral do Estado do Piauí. Tradução de Maria Cacilda Ribeiro Gonçalves, s.d. (datilografado)
- 07) Livros nº 1 e 2 dos registros sobre a Capitania do Piauí. Arquivo Público da Casa Anísio Brito, Teresina.
- 08) Livros nº 1 e 2 dos registros sobre a Província do Piauí. Arquivo Público da Casa Anísio Brito, Teresina.

LINGUÍSTICA

- 09) ABERCROMBIE, D. . Studies in phonetics and linguistics. London, Oxford University Press, 1965.
- 10) ANGENOT, J. P. e ARAÚJO, S. S. .A controvérsia sobre o limite de morfema. S.B.P.C., São Paulo, 1978.
- 11) ANGENOT, J. P. .Studies in pure natural phonology (a sair)
- 12) CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso . Introdução às línguas indígenas no Brasil, Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1977.
- 13) _____ . Princípios de linguística geral. 4a. ed. Rio de Janeiro,

Acadêmica, 1973.

- 14) CHOMSKY, N. & HALLE, M. Sound patterns of English. New York, Harper and Row, 1968.
- 15) DONEGAN, Patricia J.. "Raising and lowering". Papers of the Chicago Linguistic Society. Chicago, 1976.
- 16) FISHMAN, Josua A. (org.) Readings in the sociology of language. Hague, Mouton, 1977.
- 17) FONSECA, M.S.V. e NEVES, M.F. (orgs.) Sociolinguística. Rio de Janeiro, Eldorado, 1974.
- 18) Formulário dos Vocábulo Padrões para estudos comparativos preliminares nas línguas indígenas brasileiras. 2a. ed. Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1960.
- 19) GAYA, Samuel G. Elementos de fonética general. Madrid, Gredos, 1971.
- 20) GLEASON, H.A. An introduction to descriptive linguistics. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1955.
- 21) HENSEY, Frederik Gerald. The sociolinguistics of the Brazilian-Uruguayan border. Paris, Mouton, 1972.
- 22) HOLDEN, Kyril. "Assimilation rate of borrowings and phonological productivity". Language, 1976.
- 23) HOOPER, Joan B. "The archi-segment in natural generative phonology". Language, 1976.
- 24) LEE, Gregory & HOWARD, Irwin. "Another mouthful if divinity fudge". Natural phonology. Chicago, 1974.
- 25) International Phonetic Association. University College of London, 1949.
- 26) LOBATO, L.M. Pinheiro (org.) Análises linguísticas. Rio de Janeiro, Vozes, 1975.
- 27) LOVINS, Julie B. "Why loan phonology is natural phonology". Natural phonology. Chicago, 1974.
- 28) MALMBERG; Bertil. A língua e o homem: introdução aos problemas gerais da linguística. Rio de Janeiro, Nórdica, 1976.
- 29) MARTINET, André. Elementos de linguística geral. (trad. e adap. de Jorge Morais Barbosa), Lisboa, Sá da Costa, 1964.
- 30) MILLER, Patricia Denegan. "Vowel neutralization and vowel reduction". Papers of the Chicago Linguistic Society, Chicago, 1972.
- 31) OLIVEIRA, Sidney G.. Existe realmente semivogal no português?: uma abordagem gerativa-natural pura. (dissertação de mestrado) UFSC, Florianópolis, 1978.
- 32) PIKE, Kenneth L. Phonemics: a technique for reducing language to writing.

s.I. The University of Michigan Press, 1971.

- 33) PONTES, Eunice . Estrutura do verbo no português coloquial. 2a. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1973.
- 34) PRETI, Dino . Sociolinguística: os níveis da fala. São Paulo, Editora Nacional, 1974.
- 35) REED, D. & LEITE, Y. "The segmental phoneme of Brazilian Portuguese". Phonemics. s.I. s.d.
- 36) RHODES, Richard A. . "Some implications of natural phonology". Natural phonology. Chicago, 1974.
- 37) ROBIN, Régine . História e linguística. trad. de Adélia Bolle. São Paulo Cultrix, s.d.
- 38) RODRIGUES, Ada Natal . O dialeto caipira da região de Piracicaba. São Paulo, Ática, 1974.
- 39) RUBIN, Joan . National bilingualism in Paraguay. Paris, Mouton, 1968.
- 40) SAMARIN, William J. . Field linguistics: a guide to linguistics field work . New York, Holt, Rinehart and Winston, 1967.
- 41) SAPIR, Edward . Le langage: introduction à l'étude de la parole. Paris, Petite Bibliothèque Payot, s.d.
- 42) SCHANE, Sanford A. . A fonologia gerativa. trad. de Alzira Soares Rocha e outros. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- 43) STAMPE, David . "On the natural history of diphthong". Papers of the Chicago Linguistics Society. Chicago, 1972.
- 44) TROUBETZKOY, N.S. . Principes de phonologie. Paris, Éditions Klincksieck , 1970.
- 45) VANDRESEN, Paulino . "Ovocalismo português: implicações teóricas". Revista Brasileira de Linguística, nº 2. 1975.

COMPLEMENTAR

- 46) COSTA PINTO, L.A. . Sociologia e Desenvolvimento. 3a. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.
- 47) DUVERGER, Maurice . Ciência política: teoria e método. 2a. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- 48) Guia Prático de Antropologia. Real Instituto de Antropologia da Grã-Bretanha e da Irlanda. São Paulo, Cultrix, 1971.
- 49) LAPASSADE, Georges et LOURAU, René . Clefs pour la sociologie. Paris, Éditions Seghers, 1971.

- 50) LARAIA, Roque de Barros (org.) .Organização social. Rio de Janeiro, Zahar, 1969.
- 51) LIENHARDT, Godfrei .Antropologia social. 2a. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1973.
- 52) MAGALHÃES, José Vieira Couto de .O Selvagem. Edição comemorativa do centenário da 1a. edição. São Paulo, Editora da USP, 1975.
- 53) ROCHER, Guy .Sociologia Geral. 5. vols, Lisboa, Presença, 1971.
- 54) SAHLINS, Marshal D. .Sociedades tribais. Tradução de Yvonne Maggie Alves Velho. Rio de Janeiro, Zahar, 1970.
- 55) SAPIR, Edward .Antrhopologie. 2 vols. Paris, Les Éditions de Minuit, 1967.
- 56) WOLF, Eric R. .Sociedades camponesas. Tradução de Oswaldo Caldeira C. da Silva. Rio de Janeiro, Zahar, 1970.

APENDICE

CORPUS LINGUISTICO

TRABALHO DE CAMPO

Para a elaboração do presente estudo foi realizado um trabalho de campo que durou cerca de um ano e meio, de julho de 1977 a dezembro de 1978. Antes do início das atividades, eram poucas as informações de que dispúnhamos acerca da comunidade em questão. O único dado concreto referia-se ao aspecto "cântado" do falar de seus habitantes e a suposta descendência indígena, informações essas obtidas de pessoas residentes na área de contato. São após uma visão inicial do povoado e que decidimos pela realização do trabalho e idealização dos métodos de pesquisa e instrumentais de coleta de dados a serem utilizados.

A técnica de observação utilizada foi a de observação participante, uma técnica de prática intensiva muito utilizada em Antropologia, que consiste em uma vivência direta e prolongada na comunidade, onde o pesquisador terá que ser aceito pelo grupo. Essa aceitação impõe a convivência do observador com a comunidade sem que se considere o mesmo como estrangeiro. Essa técnica foi escolhida por dois motivos principais: porque facilita o trabalho não só do investigador, mas também do informante na obtenção de um corpus de dados culturalmente relevante e linguisticamente preciso; segundo, porque favorece a observação de fenômenos lingüísticos importantes, em situações de grande informalidade.

Por outro lado, devido à desconfiança da comunidade com relação a estranhos, essa técnica foi a mais apropriada para a investigação.

Sabíamos de antemão que o principal problema seria a abordagem do grupo, da qual dependeria todo o trabalho. Para tanto, elaboramos uma proposta de catequese e a submetemos à apreciação do Vigário da Paróquia de Regeneração, com o objetivo de facilitar nossa penetração na comunidade, justamente através do sistema de maior peso: o religioso. Como o padre se tratasse de uma pessoa de fora da comunidade e dotado de grande poder de persuasão sobre o grupo, fomos por ele apresentados à comunidade. Mesmo com sua recomendação, a frequência às primeiras reuniões era muito reduzida, sendo que a elas, são os homens compa-

reciam. Novamente solicitamos a intervenção do vigário no sentido de que a comunidade desse apoio ao trabalho de catequese que pretendíamos realizar. Dessa vez, porém, convidamos a nos acompanhar aquela região algumas freiras de Teresina e três catequistas da vizinha cidade de Angical, estas últimas já conhecidas do grupo. Após três meses, a contar da primeira visita, passamos a ter uma participação do grupo nas reuniões de catequese e celebrações.

A partir de então passamos a receber convites para visitas às residências das famílias para conversar e dar opiniões sobre os mais diversos tipos de problemas. A atividade tornou-se, então, cada vez mais intensa. As visitas ao povoado, que se resumiam aos sábados e domingos, agora incluíam também as sextas-feiras, num período de três dias por semana, das 7 às 22 horas, invariavelmente.

Até o sexto mês, entretanto, pouca informação pudemos conseguir, pois a comunidade insistia em não revelar nada acerca de sua história, de seus costumes e de sua cultura. São depois de sete meses, quando as visitas às famílias tornaram-se totalmente informais é que começaram a surgir as primeiras informações.

Durante essa fase do trabalho de campo, em que todas as residências foram visitadas, colhemos informações sócio-culturais, lexicais, sintáticas e semânticas. Para tanto, utilizamos um gravador tipo cassete, alimentado a pilhas, microfone embutido, controle automático de volume de gravação, marca Phillips, modelo 2200. Evidentemente, a baixa qualidade do equipamento não permitiria a utilização dos registros para fins de análise fonética e fonológica.

A esta altura, todos no povoado já sabiam que além da catequese seria também realizado um trabalho escrito sobre a comunidade. São mais tarde é que perceberam que o outro trabalho dizia respeito à sua língua, ou seja, ao seu "jeito de falar". Como essas informações foram fornecidas por nós, não constatamos qualquer rejeição por parte do grupo, pelo contrário, muitos até gostavam de falar próximo do gravador.

A terceira fase consistiu num levantamento completo de dados do povoado, para dimensionar a sua população e determinar a amostra, segundo os critérios pré-estabelecidos. Os critérios para a escolha da amostra, ou seja, para a seleção dos informantes, consistia no seguinte:

- (1) Ser analfabeto;
- (2) Ter os pais, avós paternos e maternos nascidos no povoado;
- (3) Ter idade superior a 15 anos;
- (4) Nunca ter se deslocado para além da área de contato, ou seja, dos municípios de Angical do Piauí, São Pedro do Piauí, Água Branca, Rege-

neração e Amarante;

- (5) Não ter havido nenhum deslocamento de nenhum membro de seu núcleo familiar para além da área de contato, por um período superior a um mês;
- (6) Não ter nenhum defeito de fala (provocado pela falta de dentes, por gagueira, bronquite crônica, asma, ou qualquer defeito do aparato vocal).

Todos esses critérios eram mutuamente exclusivos; o não preenchimento de qualquer um desses requisitos implicava na eliminação da pessoa como informante daquele falar, particularmente no aspecto fonético-fonológico.

Nesse levantamento utilizamos o questionário (modelo anexo) e no seu preenchimento contamos com a ajuda de estudantes previamente treinados para a sua aplicação junto às famílias do povoado. Esses estudantes eram pessoas das cidades vizinhas, cujos pais tinham alguma penetração na comunidade e bastante relacionamento com o grupo. Entre eles, Luís (filho do prefeito de S. Gonçalo), Soares (filho do ex-prefeito de Angical) e Romana (filha também de um ex-prefeito de Angical). Dois membros da comunidade também ajudaram na aplicação desses questionários: o Agente Pastoral e o filho do vereador. Para facilitar a aplicação dos referidos questionários a comunidade foi exaustivamente informada sobre o levantamento.

Apurados os resultados, vinte e três pessoas, com uma variação de idades entre 15 e 91 anos, preencheram os requisitos estabelecidos.

Dos 23 informantes habilitados, 8 participaram efetivamente das sessões e gravações de inquérito fonético. Os outros 15 deixaram de participar por diversos motivos: 2 deles morreram antes do início do inquérito, 1 era bastante velho (91 anos), cego, não teve condições de participar, 1 evadiu-se da comunidade porque era suspeito de ter cometido um crime de roubo e estava sendo procurado pela polícia, 2 perderam os dentes incisivos superiores; os outros 9 foram dispensados porque ou eram doentes, ou eram mulheres grávidas (as sessões eram muito exaustivas e fatigantes). Outros tiveram seus inquéritos rejeitados não só por apresentarem problemas de supercorreção como também por serem instruídos por um líder da comunidade para que dessem respostas preparadas. Mesmo assim, devido à homogeneidade do grupo de informantes, tornava-o bem representativo da comunidade.

A última fase da pesquisa de campo foi a do inquérito fonético, realizado em sessões (duas por dia) com a participação de apenas um informante em cada sessão. Estas eram realizadas na igreja do povoado, na parte da tarde, pois nesse horário, devido ao grande calor, era menor o movimento de pessoas, evitando assim interferências na gravação.

Para a entrevista do inquérito fonético, foi utilizado um questionário contendo uma lista de 200 palavras e termos básicos, conforme a orientação para elaboração de um corpus significativo (cf. Sama in, 1967: 45 a 120), extraídas do léxico coletado durante as entrevistas informais, nas visitas às famílias e nas reuniões de catequese. Com o objetivo de ouvirmos e gravarmos a palavra ou termo desejado, induzíamos o informante a dar uma resposta, no meio da qual, a palavra ou termo desejado figuraria. Para conseguirmos o enunciado da palavra "formiga", por exemplo, perguntávamos sobre as pragas da lavoura, e vitando, sempre que possível, pronunciarmos nós mesmos a palavra desejada. Evidentemente que outras palavras e termos surgiam, de forma que, a partir dos 200 itens iniciais, conseguimos registrar, em contexto linguístico, 1329, e destes, cerca de oitenta por cento foram pronunciados por todos os informantes.

Das gravações realizadas em todas as fases da pesquisa, 60 horas de gravação ao todo, o inquérito fonético participa com cerca de 24 horas, realizadas nos dois últimos meses do trabalho de campo.

Como não dispúnhamos de equipamento especializado, tivemos que fazer algumas improvisações. Para a gravação, utilizamos um gravador tipo cassete, estéreo, deck, marca Gradiente, modelo 1666; dois microfones de 600 ohms, marca Piezo, modelo DX-3; as fitas utilizadas foram as de marca Basf, de 90 minutos de gravação, 45 minutos de cada lado.

Após o término das gravações e, portanto, do trabalho de campo, passamos, imediatamente, à etapa de transcrição dos dados, representando graficamente a fala dos informantes. Não se tratava de uma transcrição fonética propriamente porque esta exigiria um tempo demasiadamente longo, pois eram cerca de 60 horas de gravação, e cada fita era ouvida três vezes, de três formas diferentes. Primeiro, foram ouvidas a um volume de cerca de 60 decibéis, em duas caixas acústicas de 60 watts; depois, em headphone, com um volume plano, ou seja, sem amplificação, mais ou menos no mesmo volume em que as palavras foram pronunciadas pelos informantes; finalmente, foram ouvidas em headphone, com amplificação e utilização de filtros de eliminação de ruídos e controle de sons graves e médios para sua melhor caracterização.

A transcrição fonética propriamente dita constou apenas das 1329 palavras e termos escolhidos para compor o corpus linguístico. A seleção e edição das palavras foram feitas da seguinte maneira: primeiro, selecionamos um grupo de palavras mais pronunciadas pelos oito informantes, num total de 1329. Feito isto, relacionamos todas essas palavras em ordem alfabética; em seguida, ouvimos a fita de cada informante (pelo headphone, com os requisitos acima especifica-

dos) e transcrevemos foneticamente cada palavra do corpus. Após essa primeira transcrição, regravamos a fita de cada informante, sendo seccionadas no texto gravado somente a palavra ou termo do corpus, isolada do contexto e gravamos repetidas vezes para, durante a audição, permitir uma melhor fixação do som pelo ouvido. Por exemplo, a palavra "bule" que está no contexto "café a gente bota é no bule" foi gravada, na edição de fita, da seguinte maneira: "café a gente bota é no bule" ... "bota no bule" ... "no bule" ... "no bule" ... "no bule" ... "no bule" ... "bule" ... "bule" ... "bule" ... "bule" ... "bule" ...

Depois de todas as fitas editadas, realizamos a transcrição fonética definitiva.

O equipamento utilizado em todo o processo, compreendia o seguinte: um amplificador de 120 watts, marca FBL, estéreo, com filtros de agudos e graves; duas caixas acústicas de 60 watts cada, marca Tok, com controles de graves e médios; um headphone marca C.S.R., com controles independentes para cada canal; e o mesmo gravador utilizado no inquérito fonético e mais um gravador adicional para a edição das fitas, tipo cassete, estéreo, deck, marca Phillips.

Esclarecemos entretanto, que o equipamento acima especificado não é apropriado para o trabalho linguístico. De qualquer modo, para a finalidade do nosso trabalho, a qualidade de gravação realizada atendeu satisfatoriamente os nossos propósitos.

Após realizarmos a transcrição fonética dos dados do corpus obtido no Canto, partimos para a consecução de um corpus linguístico da área de contato, a fim de efetuarmos uma comparação. Como a cidade de Angical do Piauí é o local de contato mais intenso, optamos pela escolha de um informante daquela cidade. Das pessoas ouvidas, uma delas, D. Alzira Soares da Costa, de idade superior a 45 anos, repetiu todas as palavras do corpus obtido no Canto e por esse motivo, as informações foram utilizadas na composição do corpus geral.

A comparação foi feita tomando como base os dados lingüísticos da área de contato para verificarmos o grau de distanciamento, ou aproximação do corpus.

Dessa forma, os dados lingüísticos estão dispostos no corpus da seguinte maneira: numa primeira coluna estão dispostas as 1329 palavras ou termos em ordem alfabética, escritos segundo a grafia oficial do português; na segunda coluna, a transcrição fonética das palavras e termos da primeira coluna, conforme foram pronunciadas na área de contato, pelo informante de Angical; e, finalmente, na terceira coluna, a transcrição fonética das mesmas palavras e termos da primeira coluna, conforme foram pronunciadas no Canto.

Foi, portanto, a partir desse corpus, obtido e organizado da forma acima descrita, que escrevemos todo o trabalho. Acreditamos ser maior ainda a impor-

tância desse corpus em ulteriores estudos de maior profundidade, de grande relevância para a ciência da linguagem.

1. Quadro Fonético

1.1. Segmentos

1.1.1. Contóides

1.1.2. Vocóides

1.2. Diacríticos

1.3. Outras considerações

1.1.1. Contóides		Bilabial	Labiodental	Dental e Alveolar	Palato-alveolar	Palatal	Velar	Uvular	Glotal	
OCLUSIVAS	não-aspiradas	sur		t d			k g		ʔ	
	aspiradas	son								
	africadas	sur								tʃ dʒ
		son								
FRICATIVAS				θ s ð z	ʃ ʒ	x ç	X	h		
NASAIS		son	m	n	ɲ	ŋ				
LÍQUIDAS				l	r/rr	ʎ	ʝ			
SEMIVOGAIS		son				j	w			

1.1.2. Vocóides		Anterior ar. - ã-ar	Central ar. ã-ar	Posterior ar. ã-ar
Alturas	1	i		u
	2	í		ú
	3	e	ɐ	o
	4		ə	ɔ
	5	ɛ	ɛ̃	ɔ̃
	6		ɛ̃	ɔ̃
	7			a

1.2. Diacríticos

- ˈ fraca aspiração ([pʰ, tʰ, kʰ],etc..).
- ː som glotalizado com outro som ϱ : ([uʷ]).
- ː som de duração longa
- ˙ som quase longo
- ˘ tom alto
- ˘ tom médio
- ˘ tom baixo
- ˘ tom descendente
- ˘ tom ascendente
- ˘ sons pronunciados simultaneamente
- ˘ juntura externa

1.3. Outras considerações

- a) Qualquer símbolo fonético reescrito um pouco acima da linha normal indica que o som representado foi produzido de modo mais fraco, enfraquecido;
- b) A nasalização, quer para os vocóides, quer para os contóides, será sempre indicada pelo contóide nasal em forma de 'glide'. Em casos porém, de uma vogal nasalizada num contexto em que já ocorre o contóide nasal, o 'glide' nasal será então, dispensado;
- c) A necessidade de referenciais numéricos para as vogais justifica-se pelo fato de que os segmentos do falar descrito serem resultantes da passagem de um sistema fonético para outro sistema fonético, portanto, necessários para precisar os graus relativos de cada traço.

CORPUS LINGÜÍSTICO

Grafia oficial

L2

L3

0001 - abóbora	0001 - [abɔ'brɐ]	0001 - [abɔɾɔ:b]
0002 - aboletou	0002 - [boletɔ']	0002 - [bɔletɔ:]
0003 - abril	0003 - [abrɪl]	0003 - [ábrɪ:l]
0004 - acaba	0004 - [akabɐ]	0004 - [ákɾa:b]
0005 - acabar	0005 - [akaba]	0005 - [akába:]
0006 - aceitar	0006 - [asetɐ]	0006 - [asetɐ:]
0007 - acha	0007 - [áʃɐ]	0007 - [á:ʃɐ]
0008 - achaque	0008 - [aʃɾɪki]	0008 - [á:ʃɾɪk]
0009 - acho	0009 - [áʃu]	0009 - [á:ʃu]
0010 - accorador	0010 - [akɔkɾadɔw]	0010 - [akɔkɾa:d]
0011 - acolã	0011 - [akulá]	0011 - [akúlɾa:]
0012 - acordado	0012 - [akɔkɾadadɔw]	0012 - [akɔkɾadɾa:d]
0013 - açúcar	0013 - [asúkɐ]	0013 - [ásu:kɾɪk]
0014 - açude	0014 - [asúdi]	0014 - [ásu:d]
0015 - adiante	0015 - [adɪpɪntɪ]	0015 - [adɪpɪ:n]
0016 - adjunto	0016 - [adʒũntu]	0016 - [adʒũnɪ:n]
0017 - admirar	0017 - [admiɾɔw]	0017 - [admiɾɪ:n]
0018 - aflição	0018 - [afliʃɔw]	0018 - [afliʃɛ:w]
0019 - aflição	0019 - [afliʒɔ]	0019 - [afliʒɛ:lɐ]
0020 - afrouxa	0020 - [afɾɔʃɐ]	0020 - [afɾɔ:ʃ]

0021 - agarrando
 0022 - a gente
 0023 - a gente é
 0024 - agora
 0025 - agora ela
 0026 - agressão
 0027 - agrícola
 0028 - agrimensor
 0029 - aguada
 0030 - aguada
 0031 - aguardente
 0032 - aguentava
 0033 - aguento
 0034 - ainda
 0035 - ajoelha
 0036 - ajoelhar
 0037 - ajuda
 0038 - ajudar
 0039 - aja
 0040 - alça
 0041 - alcançei
 0042 - alcool
 0043 - alfaiate
 0044 - algodão
 0045 - algum

0021 - [agaɾɾa'ndu]
 0022 - [aʒɛnti]
 0023 - [aʒɛntiɛ]
 0024 - [agɔɾɐ]ɐ
 0025 - [agɔɾɐ]ɐ
 0026 - [agɾɛsɔ̃w]
 0027 - [agríkulu]ɐ
 0028 - [agrĩmɛnsɔ]
 0029 - [agwadɛ]
 0030 - [agwadɛ]
 0031 - [agwadɛnti]
 0032 - [agwɛntavɛ]
 0033 - [agwɛntu]
 0034 - [a'ĩndɐ]
 0035 - [agwɛ'ɫɐ]
 0036 - [agwɛ'ɫɐ]
 0037 - [agwɛ'ɫɐ]
 0038 - [agwɛ'ɫɐ]
 0039 - [a'ʒɐ]
 0040 - [a'wɫɐ]
 0041 - [a'ʔkɛ'sɛj]
 0042 - [a'ʔkɛ]
 0043 - [a'ʔajati]
 0044 - [a'ʔalɔdɔ̃w]
 0045 - [a'ʔgũ]

0021 - [aga'ɦɐin]
 0022 - [aɦɛ:n]
 0023 - [aɦɛntɛi]
 0024 - [agɔ:r]
 0025 - [agɔ:rɛ:t]
 0026 - [agɾɛ:sɔ̃]
 0027 - [agrɛi]
 0028 - [agrɔmɛsɔ:
 0029 - [agwɛi]
 0030 - [agwɛi]
 0031 - [agwɛi]
 0032 - [agwɛnta:ɦɛ]
 0033 - [aɦwɛi:n]
 0034 - [aɦwɛi:n]
 0035 - [aɦwɛi:ɫ]
 0036 - [aɦwɛi:ɫ]
 0037 - [aɦwɛi:ɫ]
 0038 - [aɦwɛi:ɫ]
 0039 - [aɦwɛi:ɫ]
 0040 - [aɦwɛi:ɫ]
 0041 - [aɦwɛi:ɫ]
 0042 - [aɦwɛi:ɫ]
 0043 - [aɦwɛi:ɫ]
 0044 - [aɦwɛi:ɫ]
 0045 - [aɦwɛi:ɫ]

0046 - alguma
 0047 - alho
 0048 - ali
 0049 - ali mais atrás
 0050 - alimento
 0051 - alma
 0052 - almoça
 0053 - almoço
 0054 - almofada
 0055 - alqueire
 0056 - alta
 0057 - alto
 0058 - altura
 0059 - alvo
 0060 - amaldigoado
 0061 - amanhã
 0062 - Amaranthe
 0063 - amarela
 0064 - amarelinha
 0065 - Angical
 0066 - aniversário
 0067 - ano
 0068 - antes
 0069 - antigamente
 0070 - anzol

0046 - [algũmɐ]
 0047 - [alhu]
 0048 - [ali]
 0049 - [alimajzatrãjs]
 0050 - [alimẽntu]
 0051 - [ãwmɐ]
 0052 - [almõsɐ]
 0053 - [almõsu]
 0054 - [awmunfadɐ]
 0055 - [awkẽni]
 0056 - [ãwtɛ] ~ [ãltɛ]
 0057 - [ãwtu]
 0058 - [ãwturɐ]
 0059 - [ãltu]
 0060 - [mãwdĩsuãdũ]
 0061 - [ãmãjɐy]
 0062 - [ãmãrẽnti]
 0063 - [ãmãrɛlɐ]
 0064 - [ãmãrɛlɐ]
 0065 - [ãjikãw]
 0066 - [ãniwɛrsãrijũ]
 0067 - [ãnu]
 0068 - [ãntis]
 0069 - [ãntĩãmẽnti]
 0070 - [ãnzõ] ~ [ãnzõst]

0046 - [ãlgũimɐ]
 0047 - [ãli]
 0048 - [ãli:]
 0049 - [ãlima hãtrãijs]
 0050 - [ãlimẽ:n]
 0051 - [ãit]
 0052 - [ãlmõ:sɐ]
 0053 - [ãlmõ:s]
 0054 - [mũfãi]
 0055 - [ãtkẽ:r]
 0056 - [ãit]
 0057 - [ãit]
 0058 - [ãltũ:rɐ]
 0059 - [ãitõ]
 0060 - [ãmãtdĩsuã:d]
 0061 - [ãmãjɐy]
 0062 - [ãmãrɛ:pin]
 0063 - [mãrɛ:ljɐ]
 0064 - [ãmãrɛli:ɐ]
 0065 - [ãjikãit]
 0066 - [niwɛrsãir]
 0067 - [ãnit]
 0068 - [ãnit]
 0069 - [ãlido tõ:r]
 0070 - [ãnzõ:t]

0071 - apanha.
 0072 - apanhar
 0073 - apanhou
 0074 - aparta
 0075 - aperreado
 0076 - aposentado
 0077 - aposentadoria
 0078 - aprecia
 0079 - aprecio
 0080 - apressado
 0081 - aproveitada
 0082 - aprumado
 0083 - aprumar
 0084 - aqui
 0085 - aquietar
 0086 - ar
 0087 - araçã
 0088 - arrancam
 0089 - arranjou
 0090 - arredamos
 0091 - arredar
 0092 - arredei
 0093 - arroz
 0094 - artéria
 0095 - árvore

0071 - [apɐjʔɐ]
 0072 - [apɐjʔã]
 0073 - [apɐjʔo]
 0074 - [apãxte]
 0075 - [apɛrriãdɛ]
 0076 - [apuzentãdɛ]
 0077 - [apuzentadurɛ]
 0078 - [apɛrɛiɛ]
 0079 - [apɛrɛiɛw]
 0080 - [apɛrɛsãdɛ]
 0081 - [apɛruvɛjɛ]
 0082 - [apɛlɛmãdɛ]
 0083 - [apɛlɛmã]
 0084 - [aké]
 0085 - [akɛtã]
 0086 - [a:]
 0087 - [arãsã]
 0088 - [arɛpʔkɛ]
 0089 - [arɛpʔo]
 0090 - [arɛdɛmɛ]
 0091 - [arɛdã]
 0092 - [arɛdɛj]
 0093 - [arɛjʔs]
 0094 - [ãwɛrɛ]
 0095 - [ãxvɛrɛ]

0071 - [ãpɛjʔɐ]
 0072 - [apɛjʔã:]
 0073 - [apɛjʔo:]
 0074 - [apã:ftɛ]
 0075 - [apɛhiã:]
 0076 - [apuzentã:d]
 0077 - [apuzɛ:ɛn]
 0078 - [apɛrɛiɛ:ɛ]
 0079 - [apɛrɛiɛ:w]
 0080 - [apɛrɛsã:]
 0081 - [apɛruvɛ:]
 0082 - [pɛlɛmã:d]
 0083 - [pɛlɛmã:] ~ [apɛlɛmã:]
 0084 - [ãkɛi:]
 0085 - [kɛtã:]
 0086 - [ã:]
 0087 - [arãsã:]
 0088 - [arɛpʔkɛ]
 0089 - [arɛpʔo:]
 0090 - [ɛdɛ:m]
 0091 - [ɛdã:]
 0092 - [ɛdɛj]
 0093 - [ãhoi:] ~ [ãhoj]
 0094 - [ãwɛrɛ:r]
 0095 - [ãfvɛ]

0096 - as irmãs
 0097 - as outras
 0098 - assa
 0099 - assim
 0100 - assiste
 0101 - assiste
 0102 - assuntado
 0103 - assuntar
 0104 - às vezes
 0105 - atalhava
 0106 - até
 0107 - atenção
 0108 - atrás
 0109 - atrasado
 0110 - atravessar
 0111 - avaliavam
 0112 - ave maria
 0113 - avexa
 0114 - avoante
 0115 - azeite
 0116 - babaçu
 0117 - bacurim
 0118 - baga
 0119 - baião
 0120 - balaios

0096 - [aziymv:]
 0097 - [azotv:]
 0098 - [áv]]
 0099 - [as:]]
 0100 - [asist:]]
 0101 - [asist:]]
 0102 - [asuntadw:]]
 0103 - [asuntat:]]
 0104 - [azvejs:]]
 0105 - [atajavv:]]
 0106 - [ate:]]
 0107 - [ate'sw:]]
 0108 - [atrá:]]
 0109 - [atrazadw:]]
 0110 - [atravesáv:]]
 0111 - [avaliáv:]]
 0112 - [ávmariav:]]
 0113 - [avé:]]
 0114 - [avunt:]]
 0115 - [aze:]]
 0116 - [babasú:]]
 0117 - [bakur:]]
 0118 - [bagv:]]
 0119 - [bajv:]]
 0120 - [balaj:]]

0096 - [azihmv:]
 0097 - [ázotk:]
 0098 - [a:s:]]
 0099 - [ás:]]
 0100 - [ási:]]
 0101 - [asist:]]
 0102 - [asuntad:]]
 0103 - [asuntat:]]
 0104 - [ákejs:]]
 0105 - [ataa:]]
 0106 - [nte:]]
 0107 - [te'sw:]]
 0108 - [atrá:]]
 0109 - [atrazáv:]]
 0110 - [trévesáv:]]
 0111 - [avaliáv:]]
 0112 - [ávmariav:]]
 0113 - [avé:]]
 0114 - [avú:]]
 0115 - [aze:]]
 0116 - [báb'stú:]]
 0117 - [bákur:]]
 0118 - [bag:]]
 0119 - [bajv:]]
 0120 - [baláv:]]

0121 - banana
 0122 - bananeira
 0123 - banca
 0124 - banco
 0125 - banda
 0126 - bandeira
 0127 - bando
 0128 - banha
 0129 - banhar
 0130 - barracão
 0131 - barraco
 0132 - barriga
 0133 - barulho
 0134 - bata
 0135 - batatas
 0136 - bateadeira
 0137 - bateram
 0138 - baticum
 0139 - batizado
 0140 - batizou
 0141 - bate
 0142 - bato
 0143 - bebe
 0144 - bebida
 0145 - beijar

0121 - [benɛ̃ˈɐ̃]]
 0122 - [benɛ̃nɛ̃ˈɐ̃rɐ̃]]
 0123 - [beˈɲkɐ̃]]
 0124 - [beˈɲkũ]]
 0125 - [beˈndɐ̃]]
 0126 - [beˈndɛ̃rɐ̃]]
 0127 - [beˈndũ]]
 0128 - [beˈɲɐ̃]]
 0129 - [beˈɲɐ̃]]
 0130 - [barrakɛ̃ˈwɲ]]
 0131 - [barrakũ]]
 0132 - [barrĩgɐ̃]]
 0133 - [barũj]]
 0134 - [bãte]]
 0135 - [batãte]]
 0136 - [batɛdɛ̃rɐ̃]]
 0137 - [batɛ̃rɐ̃m]]
 0138 - [batĩkũ]]
 0139 - [batĩzãdũ]]
 0140 - [batĩzũ]]
 0141 - [batɛ̃]]
 0142 - [batũ]]
 0143 - [bɛ̃bi]]
 0144 - [bibĩdɛ̃]]
 0145 - [beˈʒɐ̃]]

0121 - [benɛ̃ˈɐ̃ːrɐ̃]]
 0122 - [ˈmbɛ̃nɛ̃nɛ̃ˈɐ̃ːrɐ̃]]
 0123 - [beˈɲkɐ̃]]
 0124 - [beˈɲ]]
 0125 - [beˈnd]]
 0126 - [beˈndɛ̃ːrɐ̃]]
 0127 - [beˈn]]
 0128 - [beˈɲɐ̃]]
 0129 - [beˈɲɐ̃ː]]
 0130 - [bãkɛ̃ˈrɛ̃ːwɲ]]
 0131 - [bãkɐ̃ː]]
 0132 - [bãkũːj]]
 0133 - [bãrũːj]]
 0134 - [bãte]]
 0135 - [batãːtɛ̃]]
 0136 - [batɛdɛ̃rɐ̃]]
 0137 - [batɛ̃ːrɐ̃]]
 0138 - [batĩkũː]]
 0139 - [batĩzãː]]
 0140 - [batĩzũː]]
 0141 - [batɛ̃ː]]
 0142 - [batũː]]
 0143 - [bɛ̃ː]]
 0144 - [bibĩː]]
 0145 - [beˈʒãː]]

0146 - beiju
 0147 - bem
 0148 - bênção
 0149 - benefício
 0150 - bequinho
 0151 - Bermuda
 0152 - berra
 0153 - besta
 0154 - bestando
 0155 - besteira
 0156 - bezerro
 0157 - bicho
 0158 - bikiñi
 0159 - binóculo
 0160 - biroba
 0161 - bisavô
 0162 - bispo
 0163 - boca
 0164 - bocado
 0165 - bode
 0166 - bodoque
 0167 - bofe
 0168 - boi
 0169 - bola
 0170 - boio

0146 - [beʒu:]
 0147 - [bej̃]]
 0148 - [beŋsɔw̃]]
 0149 - [benifisɔ]]
 0150 - [beki]]
 0151 - [bermude]]
 0152 - [berre]]
 0153 - [beste]]
 0154 - [bestɔnu]]
 0155 - [besteira]]
 0156 - [bezeru]]
 0157 - [biçu]]
 0158 - [bikiñi]]
 0159 - [binokul]]
 0160 - [birsɔb]]
 0161 - [bizavô]]
 0162 - [bispu]]
 0163 - [bokɔ]]
 0164 - [bukadu]]
 0165 - [bodɔ]]
 0166 - [bodusgɔ]]
 0168 - [bofi]]
 0168 - [boj̃]]
 0169 - [bojɔ]]
 0170 - [bojɔ]]

0146 - [beʒu:]
 0147 - [bej̃]]
 0148 - [beŋsɔw̃]]
 0149 - [benifisɔ]]
 0150 - [beki]]
 0151 - [bermu:k]]
 0152 - [berre]]
 0153 - [bestɔ]]
 0154 - [bestɔm]]
 0155 - [bestɔi:r]]
 0156 - [beze:]] ~ [beze:]
 0157 - [biç]]
 0158 - [bikiñ]]
 0159 - [binɔ:]]
 0160 - [birsɔ:b]]
 0161 - [bizavɔ:]]
 0162 - [pɔ:disvɔ:]]
 0163 - [bo:kɔ]]
 0164 - [bukɔ:]]
 0165 - [bo:d]]
 0166 - [bodus:gɔ]]
 0167 - [bo:fi]]
 0168 - [bo:j̃]]
 0169 - [bo:jo]]
 0170 - [bo:jo]]

0171 - bom	0171 - [bo:]]
0172 - bomba	0172 - [bõmbõ]]
0173 - boneca	0173 - [bonẽkõ]]
0174 - bonita	0174 - [bonitõ]]
0175 - bonitas	0175 - [bonitõ]]
0176 - bonito	0176 - [bonitõ]]
0177 - bonitos	0177 - [bonitõ]]
0178 - borboleta	0178 - [boʁbuʎetõ]]
0179 - botar	0179 - [butã]]
0180 - botei	0180 - [butẽ]]
0181 - botou	0181 - [butõ:]]
0182 - brabo	0182 - [brãbu]]
0183 - braça	0183 - [brãsõ]]
0184 - braço	0184 - [brãsõ]]
0185 - branca	0185 - [brẽkõ]]
0186 - branco	0186 - [brẽkõ]]
0187 - brejo	0187 - [brẽgõ]]
0188 - britar	0188 - [brĩã]]
0189 - brincam	0189 - [brĩkõ]]
0190 - brincavam	0190 - [brĩkãvõ]]
0191 - brincam	0191 - [brĩkõ]]
0192 - broca	0192 - [brõkõ]]
0193 - bucho	0193 - [bũkõ]]
0194 - bule	0194 - [bũli]]
0195 - buñiti	0195 - [bũnitõ]]

0171 - bom	0171 - [bo:]]
0172 - bomba	0172 - [bõmbõ]]
0173 - boneca	0173 - [bonẽkõ]]
0174 - bonita	0174 - [bonitõ]]
0175 - bonitas	0175 - [bonitõ]]
0176 - bonito	0176 - [bonitõ]]
0177 - bonitos	0177 - [bonitõ]]
0178 - borboleta	0178 - [boʁbuʎetõ]]
0179 - botar	0179 - [bõtã:]]
0180 - botei	0180 - [bõte:]]
0181 - botou	0181 - [bõtõ:]]
0182 - brabo	0182 - [brã:]]
0183 - braça	0183 - [brãsõ]]
0184 - braço	0184 - [brãsõ]]
0185 - branca	0185 - [brẽgõ]]
0186 - branco	0186 - [brẽgõ]]
0187 - brejo	0187 - [brẽgõ]]
0188 - britar	0188 - [brĩã:]]
0189 - brincam	0189 - [brĩkõ]]
0190 - brincavam	0190 - [brĩkã:]]
0191 - brincam	0191 - [brĩkõ]]
0192 - broca	0192 - [brõ:]]
0193 - bucho	0193 - [bũ:]]
0194 - bule	0194 - [bũ:]]
0195 - buñiti	0195 - [bũnitõ:]]

[bũ:]]

0196 - burro	0196 - [bu'rru]	0196 - [bu:'h]
0197 - buscar	0197 - [buska:]	0197 - [bus'ka:]
0198 - cabaça	0198 - [kaba'se]	0198 - [kábã:s]
0199 - cabeça	0199 - [kabe'se]	0199 - [k'ãbe:] ~ [ãbe:]
0200 - cabelo	0200 - [kabe'ru]	0200 - [kábe:ɸ]
0201 - caboclo	0201 - [kabok'u]	0201 - [kábo:]
0202 - caboclo brabo	0202 - [kabok'ubrabu]	0202 - [kábo:k'brã:]
0203 - cabra	0203 - [kabre]	0203 - [ka:'b]
0204 - cabresto	0204 - [kabrest'u]	0204 - [kábrē:s]
0205 - cabrito	0205 - [kabrit'u]	0205 - [kábrē:ɸka]
0206 - eabritos	0206 - [kabrit'u]	0206 - [kábrē:ɸka]
0207 - caga	0207 - [kase]	0207 - [ka:s]
0208 - cacete	0208 - [kaset'i]	0208 - [káse:ɸk]
0209 - cachaga	0209 - [kafas'e]	0209 - [ka'ã:s'e]
0210 - cachorra	0210 - [kaforr'e]	0210 - [ka'õ:k'e]
0211 - cachorro	0211 - [kaforr'u]	0211 - [ka'õ:k]
0212 - caçote	0212 - [kasoɸt]	0212 - [káõ:ɸk]
0213 - cada	0213 - [kad'e]	0213 - [ka:d]
0214 - caieira	0214 - [kaje'r'e]	0214 - [kaé:ɾ]
0215 - café	0215 - [kafe]	0215 - [káɸe:]
0216 - caja,	0216 - [kaga]	0216 - [ká'ã:]
0217 - caju	0217 - [kaju]	0217 - [ká'ju:]
0218 - cajueiro	0218 - [kajuér'u]	0218 - [ka'ju:é:r]
0219 - cajus	0219 - [kaju]	0219 - [ká'ju:] ~ [ká'ju:]
0220 - calça	0220 - [ka'se]	0220 - [ká:ɸsə]

0221 - calcanhar
 0222 - calculando
 0223 - camarada
 0224 - cameleão
 0225 - caminhão
 0226 - caminho
 0227 - camisa
 0228 - campo
 0229 - cana
 0230 - candeia
 0231 - canela
 0232 - cangote
 0233 - caninana
 0234 - cano
 0235 - canoeiro
 0236 - cansei
 0237 - canta
 0238 - cantar
 0239 - canteiro
 0240 - Canto
 0241 - capão
 0242 - capela
 0243 - carã
 0244 - carazinho
 0245 - carestia

0221 - [ka'keʎi'ã]
 0222 - [ka'ku'kẽndũ]
 0223 - [kẽmaradẽ]
 0224 - [kẽmalie'wũ]
 0225 - [kẽmi'ẽwũ]
 0226 - [kẽmi'ɣ]
 0227 - [kẽmizẽ]
 0228 - [kẽmpũ]
 0229 - [kẽnẽ]
 0230 - [kẽndẽ]
 0231 - [kẽnẽlẽ]
 0232 - [kẽ'gõ'ti]
 0233 - [kẽninẽnẽ]
 0234 - [kẽnũ]
 0235 - [kẽnu'ẽru]
 0236 - [kẽnsẽf]
 0237 - [kẽntẽ]
 0238 - [kẽntã]
 0239 - [kẽntẽru]
 0240 - [kẽn'lu]
 0241 - [kẽpẽwũ]
 0242 - [kãpẽlẽ]
 0243 - [kãrã]
 0244 - [kãrazĩ]
 0245 - [kãris'fiẽ]

0221 - [kã'weʎai]
 0222 - [kã'kũ'ẽim]
 0223 - [kẽmarãi]
 0224 - [kãlãmie'wũ]
 0225 - [kẽmĩ'ẽn]
 0226 - [kẽmi'ɣ]
 0227 - [kẽmã:θ] ~ [kẽmi:i'õ] ~ [kẽmã:z]
 0228 - [kẽmpk]
 0229 - [kẽ'n]
 0230 - [kẽndẽ:v]
 0231 - [kẽnẽ:lẽ] ~ [kẽ'kã'nẽlẽ]
 0232 - [kẽ'gõ:lk]
 0233 - [kẽni'nẽim]
 0234 - [kẽ'ɣ]
 0235 - [kẽnu'ẽ:r]
 0236 - [kãnsẽf]
 0237 - [kẽnt'kẽ]
 0238 - [kẽntã:]
 0239 - [kẽntẽ:r]
 0240 - [kẽ'n]
 0241 - [kãpẽwũ]
 0242 - [kãpẽ:lẽ] ~ [ãpẽ:lẽ]
 0243 - [kã'ha:]
 0244 - [kãrazĩi'ɣ]
 0245 - [kãris'fi:ẽ]

0246 - caridade
 0247 - carne
 0248 - carneiro
 0249 - carrapato
 0250 - carro
 0251 - carvão
 0252 - casa
 0253 - casaco
 0254 - casamento
 0255 - casavam
 0256 - casca
 0257 - cascavel
 0258 - castaneta
 0259 - castigo
 0260 - cata
 0261 - catam
 0262 - cavalo
 0263 - cebola
 0264 - cedro-branco
 0265 - cerca
 0266 - certeza
 0267 - certo
 0268 - cesta
 0269 - céu
 0270 - chá

0246 - [Karidá'dʒi]
 0247 - [Ká'mi]
 0248 - [Ká'mé'rw]
 0249 - [Karrapátw]
 0250 - [Ká'rw]
 0251 - [Ká'rvé'w]
 0252 - [Ká'zɛ]
 0253 - [Kazá'kw]
 0254 - [Kazame'ntw]
 0255 - [kazá'vw]
 0256 - [Ká'skɛ]
 0257 - [Ká'skavé'w]
 0258 - [Ká'stɛ'tɛ]
 0259 - [Ká'stɛ'gɔw]
 0260 - [Ká'tɛ]
 0261 - [Ká'tw]
 0262 - [Kavá'kw]
 0263 - [Sébɔ'ɛ]
 0264 - [sédubré'kw]
 0265 - [se'rkɛ]
 0266 - [se'rtézɛ]
 0267 - [sé'rtw]
 0268 - [se'stɛ]
 0269 - [sé'w]
 0270 - [ʃá]

0246 - [Karí'dá:]
 0247 - [Ká:'h]
 0248 - [Ká'hne:'r]
 0249 - [Ká'há:pá:]
 0250 - [Ká:'hw]
 0251 - [Ká'tvé.'w]
 0252 - [Ká:'s] ~ [Ká:'s]
 0253 - [Ká'zɔi:'kw] ~ [Ká'zɔi:'kw]
 0254 - [Ká'há'mé:'m]
 0255 - [Ká'zái:'kw]
 0256 - [Ká:'skɛ]
 0257 - [Ká'skavé:'kw]
 0258 - [Ká'stɛ'tɛ:]
 0259 - [Ká'stɛ'gɔ]
 0260 - [Ká:'tɛ]
 0261 - [Ká:'tɛ]
 0262 - [Ká'há:'kw]
 0263 - [Sébɔ:'ɛ]
 0264 - [sédubré:'kw]
 0265 - [se:'rkɛ]
 0266 - [se'h'te:'s]
 0267 - [sé:'stɛ]
 0268 - [se:'stɛ]
 0269 - [sé:'w]
 0270 - [ʃá:]

0271 - chalettra
 0272 - chama
 0273 - chama casa
 0274 - chamam
 0275 - chamam forno
 0276 - chã
 0277 - chapada
 0278 - chegar
 0279 - chego
 0280 - chegou
 0281 - cheira
 0282 - chichã
 0283 - chicote
 0284 - china
 0285 - chinele
 0286 - chove
 0287 - choveu
 0288 - chuva
 0289 - cidadã
 0290 - cinco
 0291 - cinza
 0292 - clara
 0293 - claro
 0294 - cobertor
 0295 - cobra

0271 - [ʃalɛrɐ]
 0272 - [ʃɛmɐ]
 0273 - [ʃɐmɛkãzɐ]
 0274 - [ʃɐmɛwɔ]
 0275 - [ʃɛmɛwɔ] fɔʒɐwɔ
 0276 - [ʃɛwɔ]
 0277 - [ʃapadɐ]
 0278 - [ʃɛgã]
 0279 - [ʃɛgɔ]
 0280 - [ʃɛgɔ]
 0281 - [ʃɛrɐ]
 0282 - [ʃiʃã]
 0283 - [ʃikɔtɪ]
 0284 - [ʃinɛɾɐ]
 0285 - [ʃinɛɾɐ]
 0286 - [ʃɔvɪ]
 0287 - [ʃuvɛwɔ]
 0288 - [ʃuvɛ]
 0289 - [ʃidãdɛwɔ]
 0290 - [ʃɪkɛwɔ]
 0291 - [ʃɪmɛzɐ]
 0292 - [ʃlãrɐ]
 0293 - [ʃlãrɐ]
 0294 - [ʃubɛtɔ]
 0295 - [ʃɔbrɐ]

0271 - [ʃalɛ:]
 0272 - [ʃɛ:mɛ]
 0273 - [ʃɐmɛkã:]
 0274 - [ʃɐ:mɛwɔ]
 0275 - [ʃɐmɛfɔ:]
 0276 - [ʃɛ:wɔ]
 0277 - [ʃapã:]
 0278 - [ʃɛgã:]
 0279 - [ʃɛgɔ:]
 0280 - [ʃɛgɔ:]
 0281 - [ʃɛ:rɐ]
 0282 - [ʃi:ʃã]
 0283 - [ʃi:kɔ:]
 0284 - [ʃi:nɛ:]
 0285 - [ʃi:nɛ:] ~ [ʃi:nɛ:ɾɔ]
 0286 - [ʃɔ:vɛ]
 0287 - [ʃuvɛ:]
 0288 - [ʃuv:]
 0289 - [ʃidãdɛwɔ]
 0290 - [ʃɪ:kɛ] ~ [ʃɪ:kɛ]
 0291 - [ʃɪ:mɛzɐ]
 0292 - [ʃlã:rɐ]
 0293 - [ʃlã:rɐ]
 0294 - [ʃubɛ:tɔ]
 0295 - [ʃɔ:b]

0296 - coco
 0297 - coentro
 0298 - cofo
 0299 - coisa
 0300 - coisas
 0301 - coivara
 0302 - colher
 0303 - colher
 0304 - colocar travessa
 0305 - com
 0306 - com a
 0307 - com a foice
 0308 - com a vela
 0309 - come
 0310 - começou
 0311 - comer
 0312 - comida
 0313 - comido
 0314 - como (v.)
 0315 - como (conj.)
 0316 - como
 0317 - como ē
 0318 - como era
 0319 - como eu
 0320 - como foi

0296 - [kókʷ]]
 0297 - [kuéntʀʷ]]
 0298 - [kóʃʷ]]
 0299 - [kóʒʷ]]
 0300 - [kóʒʷ]]
 0301 - [kóʒʷ]]
 0302 - [kóʒʷ]]
 0303 - [kuʎiɛ]]
 0404 - [bʷtãtravésɛ]]
 0305 - [kóʒʷ]]
 0306 - [kóʒʷ]]
 0307 - [kóʒʷ]]
 0308 - [kóʒʷ]]
 0309 - [kómʷ]]
 0310 - [komeso]]
 0311 - [kumɛ]]
 0312 - [kumídɛ]]
 0313 - [kumídʷ]]
 0314 - [kómʷ]]
 0315 - [kómʷ]]
 0316 - [kómʷ]]
 0317 - [kómʷɛ]]
 0318 - [kómʷɛrɛ]]
 0319 - [kómʷɛw]]
 0320 - [kómʷɛfoʃ]]

0296 - [kó:kʰ]]
 0297 - [kʷé:n]]
 0298 - [kó:f]]
 0299 - [kó:s]] ~ [kó:ʃs]]
 0300 - [kó:zɛ]]
 0301 - [kóʒʷa:rɪ]]
 0302 - [kóʒʷɛw]]
 0303 - [kúʎi:ɛ]]
 0304 - [imtré:vɛ:s]]
 0305 - [kúʎ]]
 0306 - [ka:]]
 0307 - [káfɔ:ʃs]]
 0308 - [kávɛ:ɛ]]
 0309 - [kó:m]]
 0310 - [kumeso:]]
 0311 - [kúme:]]
 0312 - [kúmi:d]]
 0313 - [kúmi:]]
 0314 - [kái:m]]
 0315 - [kó:m]]
 0316 - [kú:mɛ]]
 0317 - [kómɛ:]]
 0318 - [kúmɛ:r]]
 0319 - [kúmɛ:w]]
 0320 - [kómɛ:foʃ]]

- 0321 - com os
- 0322 - com os dentes
- 0323 - com os pratos
- 0324 - companheiras
- 0325 - compete
- 0326 - comporta
- 0327 - compra
- 0328 - compra e pano
- 0329 - comprando
- 0330 - comprido
- 0331 - confeccionar
- 0332 - conforme
- 0333 - conhece
- 0334 - conheceu
- 0335 - conheço
- 0336 - conjunto
- 0337 - contaram
- 0338 - continuar
- 0339 - conto
- 0340 - conversa
- 0341 - conversar
- 0342 - converso
- 0343 - copo
- 0344 - copos
- 0345 - coração

- 0321 - [kɔ'sus]
- 0322 - [kɔ'su z dɛnti]
- 0323 - [kɔ'su s pɾatɔ]
- 0324 - [kɔ'mpɛ'jɛnɛ]
- 0325 - [kɔ'mpɛ'ti]
- 0326 - [kɔ'mpɔ'xtɛ]
- 0327 - [kɔ'm pɾɛ]
- 0328 - [kɔ'm pɾa pɛ'nɔ]
- 0329 - [kɔ'm pɾiɛ'n dɔ]
- 0330 - [kɔ'm pɾi dɔ]
- 0331 - [kɔ'm fɛk'sjɔnɔ]
- 0332 - [kɔ'm fɔ'smɛ]
- 0333 - [kɔ'ju sɛ'tɪ]
- 0334 - [kɔ'ju sɛ'w]
- 0335 - [kɔ'ju sɛ'sɔ]
- 0336 - [kɔ'ju sɛ'ntɔ]
- 0337 - [kɔ'm tɔ'arɔ]
- 0338 - [kɔ'm tɔ'inuɔ]
- 0339 - [kɔ'm tɔ]
- 0340 - [kɔ'm vɛ'sɛ]
- 0341 - [kɔ'm vɛ'sɔ]
- 0342 - [kɔ'm vɛ'rɔ]
- 0343 - [kɔ'pɔ]
- 0344 - [kɔ'pɔs]
- 0345 - [kɔ'rɔ'sɛw]

- 0321 - [kɔ's]
- 0322 - [kɔ's dɛ'n]
- 0323 - [kɔ's pɾɔ:]
- 0324 - [kɔ'm pɛ'jɛ:r]
- 0325 - [kɔ'm pɛ'tɪ]
- 0326 - [kɔ'm pɔ'xtɔ]
- 0327 - [kɔ'im pɾɛ]
- 0328 - [kɔ'm pɾɛ'pɛ:r]
- 0329 - [kɔ'm pɾiɛ'm]
- 0330 - [kɔ'm pɾi:d]
- 0331 - [kɔ'm fɛk'sjɔnɔ:]
- 0332 - [kɔ'm fɔ'smɛ]
- 0333 - [kɔ'ju sɛ:s]
- 0334 - [kɔ'ju sɛ:w]
- 0335 - [kɔ'ju sɛ'sɔ]
- 0336 - [kɔ'ju sɛ'ntɔ]
- 0337 - [kɔ'm tɔ'arɔ]
- 0338 - [kɔ'm tɔ'inɛ'fɔ:]
- 0339 - [kɔ'm tɔ]
- 0340 - [kɔ'm vɛ'kɛ:s]
- 0341 - [kɔ'm vɛ'sɔ:]
- 0342 - [kɔ'm vɛ'hɛ:s]
- 0343 - [kɔ'pɔ]
- 0344 - [kɔ'pɔs]
- 0345 - [kɔ'rɔ'sɛw]

0346 - cora1
 0347 - corante
 0348 - corpete
 0349 - corpo
 0350 - corredor
 0351 - corrente
 0352 - correr
 0353 - corro
 0354 - corrozinho
 0355 - corte
 0356 - costela
 0357 - costureira
 0358 - cota
 0359 - couro
 0360 - coxa
 0361 - coxas
 0362 - cozinha
 0363 - crer
 0364 - cria
 0365 - criação
 0366 - crido
 0367 - cruzeiro
 0368 - cuia
 0369 - cuida
 0370 - cuidam

0346 - [kɔrã'w]
 0347 - [kɔrɛ'nti]
 0348 - [kɔrɛ'tʃi]
 0349 - [kɔ'pɯ]
 0350 - [kɔrɛdɔ']
 0351 - [kɔrɛ'ntʃ]
 0352 - [kɔrɛ']
 0353 - [kɔrɔ']
 0354 - [kɔrɔzɪ']
 0355 - [kɔ'xtʃi]
 0356 - [kɔ'stɛ'lɛ]
 0357 - [kɔ'stuɾɛ'rɛ]
 0358 - [kɔ'tɛ']
 0359 - [kɔ'ru]
 0360 - [kɔ's]
 0361 - [kɔ's]
 0362 - [kɔ'zi']
 0363 - [kɾɛ']
 0364 - [kɾi'ɐ]
 0365 - [kɾiã'sɐ']
 0366 - [kɾɛã'dɯ]
 0367 - [kɾuzɛ'rɯ]
 0368 - [kú'jɐ]
 0369 - [kú'jɐ]
 0370 - [kú'jɐ]

0346 - [kɔ'ra:ɫ]
 0347 - [kɔ're'w]
 0348 - [kɔ'pɛ:ɫ]
 0349 - [kɔ:ɾpɫ]
 0350 - [kɔ'hɛdɔ:]
 0351 - [kɔ'fɛ:ɾ]
 0352 - [kɔ'hɛ:]
 0353 - [kɔ'hã:]
 0354 - [kɔ'hɔzɪ:]
 0355 - [kɔ:kɫ]
 0356 - [kɔ'stɛ:lɛ]
 0357 - [kɔ'stuɾɛ:rɛ]
 0358 - [kɔ:tk]
 0359 - [kɔ:r]
 0360 - [kɔ:s]
 0361 - [kɔ:s]
 0362 - [kú'zi:]
 0363 - [kɾɛã:]
 0364 - [kɾi'ɐ]
 0365 - [kɾiã'sɛ:w]
 0366 - [kɾɛã:d]
 0367 - [kɾúzɛ:]
 0368 - [kú:ɫ]
 0369 - [kú:ɫ]
 0370 - [kú:ɫ]

0371 - cuidado
 0372 - culpa
 0373 - cultivo
 0374 - cupinzão
 0375 - curica
 0376 - cururu
 0377 - custa
 0378 - cutia
 0379 - da
 0380 - dā
 0381 - dā até rumo
 0382 - dado
 0383 - damos
 0384 - danado
 0385 - d'agua
 0386 - dançador
 0387 - dando
 0388 - daqui
 0389 - dar
 0390 - das artérias
 0391 - data
 0392 - decepção
 0393 - declarar
 0394 - de dizer
 0395 - dedo

0371 - [kújdɐ]]
 0372 - [kɛlpʲɐ]]
 0373 - [kúftɛw]]
 0374 - [kuplɛzɛw]]
 0375 - [kuríkʲɐ]]
 0376 - [kururu]]
 0377 - [kústɛ]]
 0378 - [kúftɛ]]
 0379 - [dɐ]]
 0380 - [da]]
 0381 - [datɛrɲúmɐ]]
 0382 - [dadu]]
 0383 - [dɛmɐ]]
 0384 - [denádɐ]]
 0385 - [dãgwɛ]]
 0386 - [dɛmʲadɔ]]
 0387 - [dɛmɐw]]
 0388 - [dakí]]
 0389 - [dã]]
 0390 - [dazɔxtɛrjɛ]]
 0391 - [datɛ]]
 0392 - [dɛspɛw]]
 0393 - [dɛklarã]]
 0394 - [didizɛ]]
 0305 - [dedu]]

0371 - [kɔ:]]
 0372 - [kú:rp]]
 0373 - [kúftɛ:hɐw]]
 0374 - [kuplɛnzɛ:w]]
 0375 - [kúri:k]]
 0376 - [kurúru:]]
 0377 - [kú:stɛ]]
 0378 - [kúftɛ:p]]
 0379 - [dɐ]]
 0380 - [dã:]]
 0381 - [datɛhɔ:m]]
 0382 - [dã:]]
 0383 - [dɛ:m]]
 0384 - [dɛnɛ:sk]]
 0385 - [dã:g]]
 0386 - [dɛmʲadɔ:]]
 0387 - [dɛ:n]] [dɛ:n]]
 0388 - [dakí:]]
 0389 - [dã:]]
 0390 - [dazɔwtɛ:r]]
 0391 - [dã:]]
 0392 - [spɛ:w]] [aspɛ:w]]
 0393 - [dɛklarã:]]
 0394 - [didizɛ:]]
 0395 - [dɛ:]]

0396 - defendendo
 0397 - defendendo
 0398 - definição
 0399 - de fio
 0400 - defluido
 0401 - deixa
 0402 - deixada
 0403 - deixe
 0404 - deixe eu ver
 0405 - dela
 0406 - delas
 0407 - dele
 0408 - deles
 0409 - de mais
 0410 - demora
 0411 - de noite
 0412 - dente
 0413 - dentro
 0414 - de pau
 0415 - depoimento
 0416 - depois
 0417 - de qual lado
 0418 - de quando
 0419 - de que era
 0420 - desabitada

0396 - [defendẽdu]
 0397 - [defẽndu]
 0398 - [difiñisẽwɔ]
 0399 - [difiɸ]
 0400 - [difiɸusw]
 0401 - [dẽsẽ]
 0402 - [dẽsãdẽ]
 0403 - [dẽsẽ]
 0404 - [dẽsẽvẽ]
 0405 - [dẽlẽ]
 0406 - [dẽlẽs]
 0407 - [dẽli]
 0408 - [dẽlis]
 0409 - [dẽmãis]
 0410 - [dẽmõrã]
 0411 - [dẽnõitẽ]
 0412 - [dẽntẽ]
 0413 - [dẽntũ]
 0414 - [dẽipẽw]
 0415 - [dẽpõimẽntũ]
 0416 - [dẽpõis]
 0417 - [dẽkĩkwãlãdũ]
 0418 - [dẽkĩkwẽmãdũ]
 0419 - [dẽkĩkĩẽrẽ]
 0420 - [dẽzãbitãdẽ]

0396 - [dẽfẽndẽin]
 0497 - [dẽfẽin]
 0398 - [fiñiẽspwɔ]
 0399 - [difiɸ]
 0400 - [difiɸus]
 0401 - [dẽsẽ]
 0402 - [dẽsãdẽ]
 0403 - [dẽsẽ]
 0404 - [dẽsẽvẽ]
 0405 - [dẽlẽ]
 0406 - [dẽlẽs]
 0407 - [dẽli]
 0408 - [dẽlis]
 0409 - [dẽmãis]
 0410 - [dẽmõĩin]
 0411 - [dẽnõõɸ]
 0412 - [dẽin]
 0413 - [dẽin]
 0414 - [dẽipãĩwɔ]
 0415 - [dẽipõĩmẽin]
 0416 - [dẽipõis]
 0417 - [kwãlãdã]
 0418 - [dũtpĩn]
 0419 - [dũkĩkĩẽrẽ]
 0420 - [dũzãbitãõĩ]

0421 - despartava	0421 - [dizopaxtaivʲ]	0421 - [dizopaxtaivʲ]
0422 - desaprumar	0422 - [dizapulmã]	0422 - [dizapulmã:]
0423 - desaprumo	0423 - [dizapulãm]	0423 - [dizãpulãm:]
0424 - descaroga	0424 - [diskarõs]	0424 - [diskarõs]
0425 - descarogador	0425 - [diskarõsado]	0425 - [diskarõsado:]
0426 - descorada	0426 - [diskorãde]	0426 - [diskorã:d]
0427 - desculpa	0427 - [diskũpã]	0427 - [diskũ:npã]
0428 - desentender	0428 - [dizintendé]	0428 - [dizintendê:]
0429 - desenvolver	0429 - [dizi'volvê]	0429 - [dizivolvê:]
0430 - deslocalizado	0430 - [dizlokãlizãdu]	0430 - [dizlokãlizã:]
0431 - desmanchar	0431 - [dizmãçã]	0431 - [dizmãçã:]
0432 - despesa	0432 - [dizpẽzã]	0432 - [adzĩpẽ:]
0433 - despregar	0433 - [dizpregã]	0433 - [dizihãbõ:]
0434 - desprezar	0434 - [dizprezã]	0434 - [dizprezã:]
0435 - destrancar	0435 - [distre'kã]	0435 - [distre'kã:]
0436 - destrinchar	0436 - [distri'çã]	0435 - [distri'çã:]
0437 - de um	0437 - [diũ]	0437 - [diũ:]
0438 - de uma	0438 - [diũã]	0438 - [diũã:]
0439 - devasso	0439 - [devãsu]	0439 - [devãsa:d]
0440 - dez	0440 - [dẽs]	0440 - [dẽj] ~ [dẽjã]
0441 - dezembro	0441 - [dezẽmbrũ]	0441 - [dẽzẽ:m] ~ [dẽzẽ:m]
0442 - dezoito	0442 - [dezõitũ]	0442 - [dẽzõ:]
0443 - Deus	0443 - [dẽus]	0443 - [dẽuã]
0444 - dia	0444 - [diã]	0444 - [diã:]
0445 - diferença	0445 - [diferẽsã]	0445 - [ndẽfẽrẽ:nsã]

0446 - difícil
 0447 - dificuldade
 0448 - digo
 0449 - dinheiro
 0450 - direito
 0451 - direto
 0452 - dissimula
 0453 - divertimento
 0454 - diz
 0455 - dizem
 0456 - dizer
 0457 - dizia
 0458 - diziam
 0459 - doce
 0460 - doença
 0461 - doendo
 0462 - doente
 0463 - dōi
 0464 - dois
 0465 - doméstica
 0466 - donde
 0467 - donde ē
 0468 - dormindo
 0469 - dormir
 0470 - do

0446 - [dʒifisʷ]]
 0447 - [dʒifikuɔdadi]]
 0448 - [digo]]
 0449 - [dʒinɛɾu]]
 0450 - [dʒireitu]]
 0451 - [dʒiretu]]
 0452 - [dʒisimuléɾ]]
 0453 - [dʒivɛfɛmɛntu]]
 0454 - [dʒis]]
 0455 - [dʒizɛ]]
 0456 - [dʒize]]
 0457 - [dʒizɛɾ]]
 0458 - [dʒizim]]
 0459 - [dʒos]]
 0460 - [dʒeɾɔ]]
 0461 - [dʒeɾɛɾu]]
 0462 - [dʒeɾɛntɛ]]
 0463 - [dʒɔi]]
 0464 - [dʒɔis]]
 0465 - [dʒɔmɛstikɛ]]
 0466 - [dʒɔndɛ]]
 0467 - [dʒɔndɛɛ]]
 0468 - [dʒɔɾmɛɾɛndu]]
 0469 - [dʒɔɾmɛɾ]]
 0470 - [dʒu]]

0446 - [dʒifisʷ]]
 0447 - [dʒifikukudã:]]
 0448 - [dʒigo]]
 0449 - [dʒinɛɾɔ]]
 0450 - [dʒere:]]
 0451 - [dʒire:]]
 0452 - [dʒisimuléɾ]]
 0453 - [dʒivɛfɛmɛɾɛn]]
 0454 - [dʒi:]]
 0455 - [dʒizɛɾ]]
 0456 - [dʒize:]]
 0457 - [dʒizɛɾ:]]
 0458 - [dʒizim]]
 0459 - [dʒos]]
 0460 - [dʒeɾɔs]]
 0461 - [dʒeɾɛɾɛn]]
 0462 - [dʒeɾɛɾɛn]]
 0463 - [dʒɔi]]
 0464 - [dʒɔis]]
 0465 - [dʒɔmɛstikɛ]]
 0466 - [dʒɔndɛn]]
 0467 - [dʒɔndɛɛ:]]
 0468 - [dʒɔɾmɛɾɛɾɛn]]
 0469 - [dʒɔɾmɛɾi:]]
 0470 - [dʒu]]

[dã:]]

0471 - dos
 0472 - doutor
 0473 - doutro
 0474 - doze
 0475 - droga
 0476 - duas
 0477 - durava
 0478 - duravam
 0479 - duro
 0480 - é
 0481 - é a boca
 0482 - é a orelha
 0483 - é a ovelha
 0484 - é chuva
 0485 - é embira
 0486 - é igua]l
 0487 - ela
 0488 - elas
 0489 - ele
 0490 - é lençol
 0491 - eles
 0492 - em
 0493 - embebedar
 0494 - embira
 0495 - embiriba

0471 - [dus]
 0472 - [doto]
 0473 - [dótu]
 0474 - [dóze]
 0475 - [droga]
 0476 - [duas]
 0477 - [duravê]
 0478 - [durávum]
 0479 - [dúru]
 0480 - [é]
 0481 - [éabókê]
 0482 - [éawreljê]
 0483 - [éawvéu]
 0484 - [éaçuvé]
 0485 - [éjmbírê]
 0486 - [éjgwáw] ~ [éjgwáê]
 0487 - [éê]
 0488 - [éêrs]
 0489 - [éli]
 0490 - [élenso'w] ~ [élensoê]
 0491 - [élis]
 0492 - [ej]
 0493 - [imbébedá]
 0494 - [imbírê]
 0495 - [imbiríba]

0471 - [duê]
 0472 - [dóts:]
 0473 - [dó:tk]
 0474 - [dó:zi]
 0475 - [dro:q] ~ [dra:]
 0476 - [Bú:ek] ~ [dúwêk]
 0477 - [adúna:v]
 0478 - [adúna:vê]
 0479 - [dú:n]
 0480 - [éi]
 0481 - [iábókêh]
 0482 - [éwne:v]
 0483 - [hãwvé:v]
 0484 - [éçu:]
 0485 - [éjmbí:r]
 0486 - [éjgwá:ê]
 0487 - [éê]
 0488 - [é:êrs]
 0489 - [é:ê]
 0490 - [élenso:]
 0491 - [é:êlis]
 0492 - [ej] ~ [ej]
 0493 - [imbébedá:]
 0494 - [imbír:]
 0495 - [imbirí:]

0496 - embora
 0497 - empregado
 0498 - emprego
 0499 - enchimento
 0500 - encontrei
 0501 - encosta
 0502 - encostado
 0503 - enfrentando
 0504 - enfrentou
 0505 - engravataado
 0506 - enjoei
 0507 - enovelar
 0508 - então
 0509 - entenderam
 0510 - entendi
 0511 - enxada
 0512 - enxugar
 0513 - enxuto
 0514 - ē o olho
 0515 - ē os
 0516 - ē pand
 0517 - ē pequeno
 0518 - era
 0519 - escassa
 0520 - escavacando

0496 - [ejm b s r e]
 0497 - [i m p r e g a d u]
 0498 - [i m p r e g u]
 0499 - [i m s i m e n t u]
 0500 - [e j k o n t r e i]
 0501 - [i k o s t e]
 0502 - [i k o s t a d u]
 0503 - [e j m f r e n t e m d u]
 0504 - [e j m f r e n t o]
 0505 - [i g r a v a t a d u]
 0506 - [i n j o e i]
 0507 - [e n u v e l a]
 0508 - [e j n t e m]
 0509 - [e n t e n d e r a m]
 0510 - [i n t e n d i]
 0511 - [i n s a d a]
 0512 - [i n s u g a]
 0513 - [i n s u t o]
 0514 - [e w o l h o]
 0515 - [e w s]
 0516 - [e p a n d]
 0517 - [e p i k e n u]
 0518 - [e r a]
 0519 - [i s k a s a]
 0520 - [i s k a v a k e m d u]

0496 - [i m b o i n]
 0497 - [i m p r e g a i d]
 0498 - [i m p r e i g]
 0499 - [i m s i m e i n]
 0500 - [i k n o n t e i g]
 0501 - [i k o i s t e]
 0502 - [i k o s t a i d]
 0503 - [e n f r e n t e m]
 0504 - [i m f r e n t o i d]
 0505 - [i g r a v a t a i d]
 0506 - [i n j o e i]
 0507 - [e n u v e l a i g]
 0508 - [e n t e m] ~ [e n t e m] ~ [i n t e m]
 0509 - [i n t e n d e i r a m]
 0510 - [e n t e n d i i]
 0511 - [i n s a d]
 0512 - [i n s u g a i]
 0513 - [e n s u t o i g]
 0514 - [e w o l h o i] ~ [e w o l h o i]
 0515 - [e w h] ~ [e w e w s]
 0516 - [e p e i n]
 0517 - [e p i k e i n]
 0518 - [e i n]
 0519 - [i s k a s i]
 0520 - [i s k a v a k e i n]

0521 - esconder
 0522 - esconderam
 0523 - espargada
 0524 - esperando
 0525 - espora
 0526 - espremendo
 0527 - espremer
 0528 - espremi
 0529 - esqueci
 0530 - esquecido
 0531 - essa
 0532 - esse
 0533 - esses
 0534 - esta
 0535 - estas
 0536 - esta aqui
 0537 - está aqui
 0538 - estão
 0539 - estava
 0540 - estava ali
 0541 - estavam
 0542 - esteira
 0543 - esterilizado
 0544 - estrela
 0545 - estrelas

0521 - [i'skõnde']
 0522 - [i'skõndénu]]
 0523 - [i'spaɾgáidə]
 0524 - [i'spɛrɛndu]]
 0525 - [i'spõrə]
 0526 - [i'spreme'ndu]]
 0527 - [i'spreme']]
 0528 - [i'spremi']]
 0529 - [i'skisi]
 0530 - [i'skisi'du]]
 0531 - [i'ssə]
 0532 - [i'ssɛ]
 0533 - [i'ssɛ]
 0534 - [i'sstɛ]
 0535 - [i'sstɛ]
 0536 - [i'sstakú]
 0537 - [təkú]
 0538 - [tɛw]
 0539 - [táv]
 0540 - [távəlɛ]
 0541 - [táv]
 0542 - [i'steirə]
 0543 - [i'stɛrɛlɪzadú]
 0544 - [i'stɛrɛlɐ]
 0545 - [i'stɛrɛlɐ]

0521 - [i'skõnde:]
 0522 - [i'skõndɛ:rɛ]
 0523 - [i'spɛrɛ'gid]
 0524 - [i'spɛrɛ:rɛn]
 0525 - [i'spõ:r]
 0526 - [i'spreme'ɛ:n]
 0527 - [i'spreme:]]
 0528 - [i'spreme:]]
 0529 - [i'skisi:]
 0530 - [i'skisi:]
 0531 - [i'ss] ~ [i'ss]
 0532 - [i'ss] ~ [i'ss]
 0533 - [i'ssɛ]
 0534 - [i'sstɛ]
 0535 - [i'sstɛ]
 0536 - [i'sstakú:]]
 0537 - [təkú:]]
 0538 - [tɛ:w]
 0539 - [tá:v]
 0540 - [távəlɛ:]]
 0541 - [tá:v]
 0542 - [i'stɛi:n]
 0543 - [i'mbɛnɪzã:]]
 0544 - [i'stɛrɛ:l] ~ [i'stɛrɛ:l]
 0545 - [i'stɛrɛ:l]

- 0546 - estremado
- 0547 - estremando
- 0548 - estripulã
- 0549 - estopei
- 0550 - estou
- 0551 - estou o quê
- 0552 - estudar
- 0553 - estupende
- 0554 - eu
- 0555 - eu entendo
- 0556 - eu ãenho
- 0557 - examinãva
- 0558 - examinavam
- 0559 - explicaçaõ
- 0560 - extrair
- 0561 - faca
- 0562 - faço
- 0563 - faĩsca
- 0564 - falar
- 0565 - faleceu
- 0566 - falecido
- 0567 - farinha
- 0568 - farinha
- 0569 - fato
- 0570 - fava

- 0546 - [əstremãdu]
- 0547 - [istremẽndu] ~ [əstremẽãdu]
- 0548 - [istripulã]
- 0549 - [istopẽ]
- 0550 - [to]
- 0551 - [to'wke]
- 0552 - [istuda]
- 0553 - [istopo:]
- 0554 - [ew]
- 0555 - [ewintẽndu]
- 0556 - [ewte:w]
- 0557 - [izeminãvẽ]
- 0558 - [izeminãvu]
- 0559 - [isplikãspw]
- 0560 - [istrã]
- 0561 - [fãkẽ]
- 0562 - [fãsu]
- 0563 - [fã'skẽ]
- 0564 - [falã]
- 0565 - [falisew]
- 0566 - [falisiðu]
- 0567 - [fanijẽ]
- 0568 - [fariããdẽ]
- 0569 - [fãtu]
- 0570 - [fãvẽ]

- 0546 - [istremẽ:]
- 0547 - [istremẽ:n]
- 0548 - [istripulã:ẽ]
- 0549 - [istopõ:]
- 0550 - [to:]
- 0551 - [to'wke:]
- 0552 - [istúda:]
- 0553 - [istúpe:n]
- 0554 - [ew]
- 0555 - [mẽntẽ:n]
- 0556 - [mte:w]
- 0557 - [inze minã: fẽ]
- 0558 - [inze minã: fu]
- 0559 - [esplikãsp:w]
- 0560 - [distrã:]
- 0561 - [fã:kã] ~ [fã:wkã]
- 0562 - [fã:s]
- 0563 - [fã:skẽ]
- 0564 - [falã:]
- 0565 - [isfalise:w]
- 0566 - [isfalisi:ð]
- 0567 - [fanijẽ] ~ [fanijẽ]
- 0568 - [fãniãã:d]
- 0569 - [fã:]
- 0570 - [fã:v]

0571 - faz
 0572 - fazem
 0573 - fazendeiro
 0574 - fazendo
 0575 - fazer
 0576 - faz o
 0577 - fê em Deus
 0578 - feijão
 0579 - feito
 0580 - ferro
 0581 - festa
 0582 - festas
 0583 - festejo
 0584 - festejos
 0585 - ferve
 0586 - fez
 0587 - fiar
 0588 - ficaram
 0589 - fico
 0590 - ficou,
 0591 - fígado
 0592 - filha
 0593 - filho
 0594 - filhos
 0595 - fina

0571 - [faj's]
 0572 - [faz'iz]
 0573 - [fazendérw]
 0574 - [fazé'ndw]
 0575 - [faze]
 0576 - [faz'z w]
 0577 - [fendé'ws]
 0578 - [fegw]
 0579 - [fejw]
 0580 - [fernw]
 0581 - [feste]
 0582 - [festé]
 0583 - [festéjw]
 0584 - [festéjw]
 0585 - [frev]
 0586 - [fej's]
 0587 - [fiar]
 0588 - [fikarw]
 0589 - [fikw]
 0590 - [fikó]
 0591 - [figw]
 0592 - [fil'v]
 0593 - [fil'w]
 0594 - [fil'w]
 0595 - [fin]

0571 - [faj's]
 0572 - [faz'iz] ~ [fa:ra'z]
 0573 - [faz'ua:ib]
 0574 - [fa'he:in]
 0575 - [fa'he:in]
 0576 - [faz'z w]
 0577 - [fendé'w]
 0578 - [fegw]
 0579 - [fejw]
 0580 - [fernw]
 0581 - [feste]
 0582 - [festé]
 0583 - [festéjw]
 0584 - [festéjw]
 0585 - [frev]
 0586 - [fej's]
 0587 - [fiar]
 0588 - [fikarw]
 0589 - [fikw]
 0590 - [fikó]
 0591 - [figw]
 0592 - [fil'v]
 0593 - [fil'w]
 0594 - [fil'w]
 0595 - [fin]

0596 - finado
 0597 - fino
 0598 - fio
 0599 - flor
 0600 - flores
 0601 - floresta
 0602 - fogão
 0603 - fogo
 0604 - foguete
 0605 - foi
 0606 - foice
 0607 - folha
 0608 - folhas
 0609 - for
 0610 - fora
 0611 - formiga
 0612 - forno
 0613 - fracasso
 0614 - fracassou
 0615 - francamente
 0616 - frecha
 0617 - frescura
 0618 - fressura
 0619 - frequentar
 0620 - frito

0596 - [finãdɐ]]
 0597 - [finu]]
 0598 - [fju]]
 0599 - [fló]]
 0600 - [fló]]
 0601 - [flɔrɛstɛ]]
 0602 - [fuɡwɔ]]
 0603 - [fuɡɛtɛ]]
 0604 - [fuɡɛtɛ]]
 0605 - [foi]]
 0606 - [foisɛ]]
 0607 - [fojɛ]]
 0608 - [fojɛ] ~ [fojɛ]]
 0609 - [fo]]
 0610 - [foɾɛ]]
 0611 - [fuɾmɪgɛ]]
 0612 - [foʁnu]]
 0613 - [fɾakãsɔ]]
 0614 - [fɾakãsɔ]]
 0615 - [fɾɛkãmɛntɛ]]
 0616 - [fɾɛʃɔ]]
 0617 - [fɾiskũrɔ]]
 0618 - [fusũrɔ]]
 0619 - [fɾɛkɛntɛ]]
 0620 - [fɾitɔ]]

0596 - [fin'ã:]]
 0597 - [fin]]
 0598 - [fju]]
 0599 - [fló:]]
 0600 - [fló:]]
 0601 - [flɔrɛstɛ]]
 0602 - [fuɡwɔ]]
 0603 - [fuɡɛtɛ]]
 0604 - [fuɡɛtɛ]]
 0605 - [foi]]
 0606 - [foisɛ]]
 0607 - [fojɛ]]
 0608 - [fojɛ]]
 0609 - [fo]]
 0610 - [foɾɛ]]
 0611 - [fuɾmɪgɛ]]
 0612 - [foʁnu]]
 0613 - [fɾakãs]]
 0614 - [fɾákõ:]]
 0615 - [fɾɛkãmɛnt]]
 0616 - [fɾɛ:ʃ]]
 0617 - [fɾiskũrɔ]]
 0618 - [fusũrɔ]]
 0619 - [fɾɛkɛntɛ]]
 0620 - [fɾitɛ]]

0621 - frente
 0622 - fruta
 0623 - frutas
 0624 - fusão
 0625 - fuso
 0626 - gadão
 0627 - gado
 0628 - gafanhoto
 0629 - galardão
 0630 - galho
 0631 - galhos
 0632 - galinha
 0633 - galo
 0634 - gameia
 0635 - ganhar
 0636 - garfo
 0637 - garrafa
 0638 - garrancho
 0639 - garrote
 0640 - gato
 0641 - gatos
 0642 - gavião
 0643 - gema
 0644 - genro
 0645 - gente

0621 - [fo:nti]
 0622 - [frú:te]
 0623 - [frú:te]
 0624 - [fuz:ẽw]
 0625 - [fú:zũ]
 0626 - [gá:deũw]
 0627 - [gá:duw]
 0628 - [gá:fãp'ótũ]
 0629 - [gá:lãdẽw]
 0630 - [gá:lũw]
 0631 - [gá:lũw]
 0632 - [gá:lũw]
 0633 - [gá:lũw]
 0634 - [gẽ:mẽ:lp]
 0635 - [gã:nã]
 0636 - [gã:nãw]
 0637 - [gã:nãfã]
 0638 - [gã:nãfã]
 0639 - [gã:rõfã]
 0640 - [gã:tũw]
 0641 - [gã:tũw]
 0642 - [gã:viẽw]
 0643 - [gẽ:mã]
 0644 - [gẽ:nũw]
 0645 - [gẽ:nũw]

0621 - [fo:nũ]
 0622 - [frã:i:lh]
 0623 - [frã:i:lh]
 0624 - [fú:zẽw]
 0625 - [fú:is]
 0626 - [gá:dp:w]
 0627 - [gá:dã]
 0628 - [kã:fãp'õ:lh]
 0629 - [gã:lãdẽw]
 0630 - [gã:lũ]
 0631 - [gã:lũw]
 0632 - [gã:lũw]
 0633 - [gã:lũw]
 0634 - [gẽ:mẽ:lp]
 0635 - [gã:nã]
 0636 - [gã:nãw]
 0637 - [gã:nãfã] ~ [gã:nãfã]
 0638 - [gã:nãfã]
 0639 - [gã:rõ:ã]
 0640 - [gã:tã]
 0641 - [gã:tãw]
 0642 - [gã:hiẽw]
 0643 - [gẽ:mã]
 0644 - [gẽ:nã]
 0645 - [gẽ:nã]

0646 - gergel'ım
 0647 - gleba
 0648 - glōria
 0649 - goela
 0650 - goiaba
 0651 - gole
 0652 - gordo
 0653 - gordura
 0654 - gosto
 0655 - graça
 0656 - grandão
 0657 - grande
 0658 - grande
 0659 - grātis
 0660 - grito
 0661 - grogue
 0662 - grosso
 0663 - guabiraba
 0664 - hā
 0665 - harmōnia
 0666 - heim
 0667 - histōria
 0668 - hoje
 0669 - homem
 0670 - homem rico

0646 - [ʒiʒiɫi:]
 0647 - [gɛɫi:b]
 0648 - [glɔɾiɔ]~
 0649 - [gɔɛɫɔ]~
 0650 - [gɔiɔbɔ]~
 0651 - [gɔɫi]~
 0652 - [gɔɾdɔ]~
 0653 - [gɔɾdɔɾɔ]~
 0654 - [gɔstɔ]~
 0655 - [gɾasɔ]~
 0656 - [gɾɛndɔ]~
 0657 - [gɾɛndɔ]~
 0658 - [gɾɛndɔ]~
 0659 - [gɾatʃi]~
 0660 - [gɾitɔ]~
 0661 - [gɾɔgɪ]~
 0662 - [gɾosɔ]~
 0663 - [gɔabɪɾabɔ]~
 0664 - [hɔ]~
 0665 - [harmɔniɔ]~
 0666 - [hɛim]~
 0667 - [histɔɾiɔ]~
 0668 - [hɔjɛ]~
 0669 - [ɔm]~
 0670 - [ɔm'ɾikɔ]~

0646 - [ʒiʒiɫi:]
 0647 - [gɛɫi:b]
 0648 - [glɔɾiɔ]~
 0649 - [gɔɛɫɔ]~
 0650 - [gɔiɔbɔ]~
 0651 - [gɔɫi]~
 0652 - [gɔɾdɔ]~
 0653 - [gɔɾdɔɾɔ]~ [gɔɾdɔɾɔ]~
 0654 - [gɔstɔ]~
 0655 - [gɾasɔ]~
 0656 - [gɾɛndɔ]~
 0657 - [gɾɛndɔ]~ [gɾɛndɔ]~
 0658 - [gɾɛndɔ]~ [gɾɛndɔ]~
 0659 - [gɾatʃi]~
 0660 - [gɾitɔ]~
 0661 - [gɾɔgɪ]~
 0662 - [gɾosɔ]~
 0663 - [gɔabɪɾabɔ]~
 0664 - [hɔ]~
 0665 - [harmɔniɔ]~
 0666 - [hɛim]~
 0667 - [histɔɾiɔ]~
 0668 - [hɔjɛ]~
 0669 - [ɔm]~
 0670 - [ɔm'ɾikɔ]~

- 0671 - homens
- 0672 - hora
- 0673 - ia
- 0674 - idenizendo
- 0675 - igreja
- 0676 - igual
- 0677 - ilusão
- 0678 - imagino
- 0679 - incha
- 0680 - incômodo
- 0681 - Índio
- 0682 - ingã
- 0683 - ingaranha
- 0684 - inglesa
- 0685 - inhaca
- 0686 - inteirar
- 0687 - inteiriço
- 0688 - internado
- 0689 - interpretar
- 0690 - intervalo
- 0691 - invento
- 0692 - irmandade
- 0693 - irmão
- 0694 - isca
- 0695 - isso

- 0671 - [óm'i]
- 0672 - [órɐ]
- 0673 - [iɐ]
- 0674 - [idenizɐ̃ndu]
- 0675 - [igrejɐ]
- 0676 - [igwã] ~ [igwãk]
- 0677 - [iluzɐ̃w]
- 0678 - [imazĩnu]
- 0679 - [ĩʃɐ]
- 0680 - [ejkõmudɔ]
- 0681 - [ĩndiu]
- 0682 - [ingã]
- 0683 - [ingareɫ]
- 0684 - [inglɛzɐ]
- 0685 - [ĩnhakɐ]
- 0686 - [ĩntɛrã]
- 0687 - [ĩntɛrĩsã]
- 0688 - [ĩntɛfnãdɔ]
- 0689 - [ĩntɛpnɛtã]
- 0690 - [ĩntɛrvɛw]
- 0691 - [ĩnvɛntu]
- 0692 - [ĩmɛndadɔ]
- 0693 - [ĩmɛw]
- 0694 - [iskɐ]
- 0695 - [isɔ]

- 0671 - [zõ:m]
- 0672 - [ɔ:r]
- 0673 - [i:ɐ]
- 0674 - [idenizɛ:m]
- 0675 - [igrei]
- 0676 - [igwai]
- 0677 - [luzɐ̃w]
- 0678 - [mãhi:n]
- 0679 - [ĩʃɐ]
- 0680 - [ĩkõim]
- 0681 - [ĩndi]
- 0682 - [ingã]
- 0683 - [ingareɫ]
- 0684 - [inglɛzɐ]
- 0685 - [ĩnhakɐ]
- 0686 - [ĩntɛrã]
- 0687 - [ĩntɛrĩsɐ]
- 0688 - [ĩntɛfnãdɔ]
- 0689 - [ĩntɛpnɛtã]
- 0690 - [ĩntɛrvai]
- 0691 - [ĩnvɛ:m]
- 0692 - [ĩmɛndadɔ]
- 0693 - [ĩmɛw]
- 0694 - [iskɐ]
- 0695 - [is]

0696 - isso é
 0697 - isto
 0698 - jaboti
 0699 - jacã
 0700 - jacarã
 0701 - jacu
 0702 - janela
 0703 - japonesa
 0704 - jaraguacu
 0705 - javanesa
 0706 - jeito
 0707 - jerimum
 0708 - cjia
 0709 - jibôia
 0710 - joelho
 0711 - joga
 0712 - juiz
 0713 - julho
 0714 - jumenta
 0715 - juramento
 0716 - junho
 0717 - jurubeba
 0718 - tabirinto
 0719 - tado
 0720 - tagarta

0696 - [isué]]
 0697 - [istu]]
 0698 - [jabuti]]
 0699 - [jaka]]
 0700 - [jakaré]]
 0701 - [jaku]]
 0702 - [jenelb]]
 0703 - [japomez]]
 0704 - [jaraguasu]]
 0705 - [javenez]]
 0706 - [jeitu]]
 0707 - [jerimum]]
 0708 - [jibôie]]
 0709 - [joelhe]]
 0710 - [jog]]
 0711 - [ju]]
 0712 - [juis]]
 0713 - [juliu]]
 0714 - [jument]]
 0715 - [jumentu]]
 0716 - [juniu]]
 0717 - [jurubeb]]
 0718 - [tabirintu]]
 0719 - [tadu]]
 0720 - [tagarte]]

0696 - [ise:]]
 0697 - [i:s]]
 0698 - [habuti:]]
 0699 - [haka:]]
 0700 - [hakarê:]]
 0701 - [haku:]]
 0702 - [jené:]]
 0703 - [japomejis]]
 0704 - [jaraguasu:]]
 0705 - [javenez:]]
 0706 - [jeit]]
 0707 - [jerimum:]]
 0708 - [jibôie]]
 0709 - [joelhe:]]
 0710 - [húei:] ~ [jué:t]]
 0711 - [ju:]]
 0712 - [juis:]]
 0713 - [jué:t]]
 0714 - [jumei:nt] ~ [húmei:n]]
 0715 - [jumei:n]]
 0716 - [juniu]]
 0717 - [jurubeb]]
 0718 - [tabirintu:]]
 0719 - [tadu:]]
 0720 - [tagarte]]

0721 - Iagoa
 0722 - Iagoas
 0723 - Iamparina
 0724 - Iaranja
 0725 - Iata
 0726 - Iava
 0727 - Iavamos
 0728 - Iavareda
 0729 - Iavo
 0730 - Iavrador
 0731 - Iavradeira
 0732 - Iēgua
 0733 - Iēguas
 0734 - Iegume
 0735 - Ieite
 0736 - Ieite de coco
 0737 - Ieitão
 0738 - Ieitoa
 0739 - Ieitura
 0740 - Iembrança
 0741 - Iembro
 0742 - Iençol
 0743 - Ieva
 0744 - Ievantar
 0745 - Ievo

0721 - [laɡo'v]
 0722 - [laɡo'v]
 0723 - [le'mpa'ri:n'v]
 0724 - [la'ra:nʒ'v]
 0725 - [la'te]
 0726 - [la'v'v]
 0727 - [la'v'v]
 0728 - [la'va're'd'e]
 0729 - [la'v'v]
 0730 - [la'vra'do'
 0731 - [la'vra'de'r'v]
 0732 - [le'g'u'v]
 0733 - [le'g'u'v]
 0734 - [le'g'u:m'
 0735 - [le'i]
 0736 - [le'di'ko:k'u]
 0737 - [le'to'v]
 0738 - [le'to'v]
 0739 - [le'tu:r'v]
 0740 - [le'mbr'e'n's'v]
 0741 - [le'mbr'u]
 0742 - [le'n'so:
 0743 - [le'v'v]
 0744 - [le'va'm'tã]
 0745 - [le'v'v]

0721 - [la'ɡo'i'e]
 0722 - [la'ɡo'i: v]
 0723 - [le'm'pa'ri:m]
 0724 - [la'n'p:ʒ'ã]
 0725 - [la:tk]
 0726 - [la:]
 0727 - [la:v]
 0728 - [la'va're:d'
 0729 - [la:vv]
 0730 - [la'vra'do:]
 0731 - [la'vra'de:r]
 0732 - [le:ɡ]
 0733 - [le:ɡv]
 0734 - [le'g'u:m]
 0735 - [le:]
 0736 - [le'di'ko:k'u] [le:tk]
 0737 - [le'to:vv]
 0738 - [le'to:v]
 0739 - [le'tu:r]
 0740 - [le'mbr'p:is]
 0741 - [le'mbr'v]
 0742 - [le'n'so:]
 0743 - [le:k]
 0744 - [la'va'm'tã:]
 0745 - [le:k]

- 0746 - timão
- 0747 - timpo
- 0748 - Tíngua
- 0749 - Toca
- 0750 - Togo
- 0751 - Toja
- 0752 - Tonge
- 0753 - Torde
- 0754 - Tua
- 0755 - lugar
- 0756 - macaco
- 0757 - macaxeira
- 0758 - machado
- 0759 - madeira
- 0760 - maduro
- 0761 - maio
- 0762 - maior
- 0763 - mais
- 0764 - mais atrás
- 0765 - mais ela
- 0766 - mais o
- 0767 - mai
- 0768 - malhada alta
- 0769 - malino
- 0770 - maluco

- 0746 - [li'me'wɨ]
- 0747 - [li'mpɨ]
- 0748 - [li'ɨgwe]
- 0749 - [lɔ'kɛ]
- 0750 - [lɔ'gu]
- 0751 - [lɔ'gɛ]
- 0752 - [lɔ'ɨi]
- 0753 - [lɔ'ɨdi]
- 0754 - [lueɨ]
- 0755 - [lu'gá]
- 0756 - [makak'w]
- 0757 - [makase'ɛ]
- 0758 - [masádu]
- 0759 - [made'ɛ]
- 0760 - [madu'ɛ]
- 0761 - [maj'u]
- 0762 - [majɔ]
- 0763 - [majɔ]
- 0764 - [majat'ɛɨs]
- 0765 - [majzéle]
- 0766 - [maj'u]
- 0767 - [maj] [dávte]
- 0768 - [malinɨ]
- 0769 - [malinɨ]
- 0770 - [malúku]

- 0746 - [li'me'wɨ]
- 0747 - [li'mpɨ]
- 0748 - [li'ɨgwe] ~ [li'ɨgɛ]
- 0749 - [lɔ:kɛ]
- 0750 - [lɔ:g]
- 0751 - [lɔ:g]
- 0752 - [lɔ:ɨi]
- 0753 - [lɔ:hdi]
- 0754 - [lu'ɨɨ] ~ [lu'ɨɨ]
- 0755 - [lu'gai] kɛ
- 0756 - [makakai]
- 0757 - [makasei'ɛ]
- 0758 - [mas'ai]
- 0759 - [madé:ɛ]
- 0760 - [madu'ɛ]
- 0761 - [maj]
- 0762 - [majɔ:]
- 0763 - [maj]
- 0764 - [mahát'ɛɨɨ]
- 0765 - [máhe:ɛ]
- 0766 - [má:hɨ]
- 0767 - [má:ɛ]
- 0768 - [mada:itɛ]
- 0769 - [malinɨ]
- 0770 - [malú:kɛ]

0771 - mama
 0772 - mamãe
 0773 - mambira
 0774 - mameleiro
 0775 - manda
 0776 - mandioca
 0777 - maneira
 0778 - manga
 0779 - maniva
 0780 - mão
 0781 - maracanã
 0782 - marchante
 0783 - março
 0784 - marido
 0785 - marmita
 0786 - marrã
 0787 - marruã
 0788 - mas
 0789 - mas e
 0790 - mas ela
 0791 - mas efe
 0792 - mas era
 0793 - massa
 0794 - mata
 0795 - mato

0771 - [mã'me]]
 0772 - [mẽ'me]]
 0773 - [mẽ'mbĩrẽ]]
 0774 - [mẽ'milẽi'ru]]
 0775 - [mẽ'ndẽ]]
 0776 - [mẽ'ndĩ'skẽ]]
 0777 - [mẽ'me'nẽ]]
 0778 - [mẽ'gẽ]]
 0779 - [mẽ'pũ'vẽ]]
 0780 - [mẽ'w]]
 0781 - [mã'rãkẽ'nẽ]]
 0782 - [mã'sẽ'fĩ]]
 0783 - [mã'n'su]]
 0784 - [mã'ndũ]]
 0785 - [mã'w'mĩ'tẽ]]
 0786 - [mã'rẽ]]
 0787 - [mã'rnuã]]
 0788 - [mã'is]]
 0789 - [mã'zẽ]]
 0790 - [mã'zẽ'lẽ]]
 0791 - [mã'zẽ'li]]
 0792 - [mã'zẽ'rẽ]]
 0793 - [mã'sẽ]]
 0794 - [mã'tẽ]]
 0795 - [mã'tu]]

0771 - [mã'm]]
 0772 - [mẽ'me]]
 0773 - [mẽ'mbĩ'r]]
 0774 - [mẽ'milẽi'r]]
 0775 - [mẽ'ndẽ]]
 0776 - [mẽ'ndĩ's:kl]]
 0777 - [mẽ'nẽ:r]]
 0778 - [mẽ'g]] ~ [mẽ'g]]
 0779 - [mẽ'nĩ]]
 0780 - [mẽ:w]]
 0781 - [mã'rãkẽ'nẽ]]
 0782 - [mã'sẽ:v]]
 0783 - [mã:s]]
 0784 - [mã'ri:]]
 0785 - [mã'w'mi:]]
 0786 - [mã'f:v:]]
 0787 - [mã'huã:]]
 0788 - [mã:]]
 0789 - [mã'zẽ:]]
 0790 - [mã'zẽ:l]]
 0791 - [mã'zẽ:li]]
 0792 - [mã'zẽ:r]]
 0793 - [mã:s:kl]]
 0794 - [mã:t:kl]]
 0795 - [mã:]]

0796 - matraca
 0797 - matuto
 0798 - meço
 0799 - medir
 0800 - meizinha
 0801 - meio
 0802 - mel
 0803 - melhora
 0804 - melhorar
 0805 - menina
 0806 - menino
 0807 - mercado
 0808 - merenda
 0809 - mês
 0810 - mesa
 0811 - mesma
 0812 - mesmo
 0813 - metade
 0814 - mete
 0815 - meu
 0816 - meus
 0817 - milho
 0818 - minha
 0819 - minhoca
 0820 - minisaja

0796 - [matrãkɐ]
 0797 - [matátuɾ]
 0798 - [mɛsu]
 0799 - [mɛdʒi]
 0800 - [mɛziɲɐ]
 0801 - [mɛju]
 0802 - [mɛlu]
 0803 - [miórɐ] ~ [miɲórɐ]
 0804 - [miɲorã]
 0805 - [miniɲɐ]
 0806 - [miniɲu]
 0807 - [mɛrkãdu]
 0808 - [mɛrɛndɐ]
 0809 - [mɛjs]
 0810 - [mezɐ]
 0811 - [mɛzɪɲɐ]
 0812 - [mɛzɪɲu]
 0813 - [mɛtãdɐ]
 0814 - [mɛti]
 0815 - [mɛw]
 0816 - [mɛwɪ]
 0817 - [milju]
 0818 - [miniɲɐ]
 0819 - [miniɲɐ]
 0820 - [miniɲɐ]

0796 - [matrɛkɐ]
 0797 - [matutuɾ]
 0798 - [mɛ:s]
 0799 - [mɛdʒi:]
 0800 - [mɛziɲɐ]
 0801 - [mɛi:]
 0802 - [mɛ:l]
 0803 - [ãmĩ:ɾɪ]
 0804 - [ãmĩ:ɾã:]
 0805 - [mini:ɲɐ]
 0806 - [mini:ɲu]
 0807 - [mɛrkã:]
 0808 - [mɛrɛ:ɲu]
 0809 - [mɛ:h] ~ [mɛ:]
 0810 - [mɛ:s] ~ [mɛ:]
 0811 - [mɛ:hɪɲɐ]
 0812 - [mɛ:hɪɲu]
 0813 - [mɛtã:d]
 0814 - [mɛ:]
 0815 - [mɛ:]
 0816 - [mɛ:]
 0817 - [mi:]
 0818 - [mi:ɲɐ]
 0819 - [mini:ɲɐ]
 0820 - [mini:ɲɐ]

0821 - miserável
 0822 - miuda
 0823 - moça
 0824 - mocotô
 0825 - mole
 0826 - monjolo
 0827 - monstro
 0828 - montado
 0829 - morada
 0830 - morreram
 0831 - morrido
 0832 - morte
 0833 - morto
 0834 - mostra
 0835 - mostrou
 0836 - movimento
 0837 - muçambê
 0838 - muçum
 0839 - mucumbu
 0840 - mucura
 0841 - mucuraha
 0842 - mudou
 0843 - muita
 0844 - muitas
 0845 - muito

0821 - [mizɛrãvi]
 0822 - [miúde]
 0823 - [mósɛ]
 0824 - [mókstɔ]
 0825 - [mólɪ]
 0826 - [mizɔʎu]
 0827 - [móʃtrɛ]
 0828 - [montádu]
 0829 - [moráde]
 0830 - [morrɛny]
 0831 - [murrídu]
 0832 - [móʃti]
 0833 - [móʃtu]
 0834 - [móʃtrɛ]
 0835 - [móʃtrɔ]
 0836 - [muvimɛntu]
 0837 - [muʃɛmbɛ]
 0838 - [muʃɛny]
 0839 - [múku mbú]
 0840 - [múkuírɛ]
 0841 - [múkuérɛ]
 0842 - [múdo]
 0843 - [mújntɛ]
 0844 - [mújntɛ]
 0844 - [mújntɛ]

0821 - [mizɛrã:vɔ]
 0822 - [mú: d]
 0823 - [mó:sɛ]
 0824 - [mókstɔ:]
 0825 - [mó:ʎ]
 0826 - [mú:ɔ:ʎu]
 0827 - [mó:ʃtrɛ]
 0828 - [montá:d]
 0829 - [mórã:d]
 0830 - [mó'hɛ:rɔ]
 0831 - [múhɛ:]
 0832 - [mó:]
 0833 - [mó:]
 0834 - [mó:ʃtrɛ]
 0835 - [móʃtrɔ:]
 0836 - [múhime:n]
 0837 - [muʃɛmbɛ:]
 0838 - [muʃɛni]
 0839 - [múku mbú:]
 0840 - [múkuír:]
 0841 - [múkuérɛ:]
 0842 - [múdo:]
 0843 - [mú:ntɛ]
 0844 - [mú:ʃntɛ]
 0845 - [mú:i:n]

0846 - muitos	0846 - [mú:ntus]	0846 - [mú:ntʰ]
0847 - Mulato	0847 - [mulátu]	0847 - [mú:ra:]
0848 - mundo	0848 - [múndu]	0848 - [mú:nd]
0849 - música	0849 - [muzikʰ]	0849 - [mú:zɔ]
0850 - na	0850 - [na]	0850 - [nʰ]
0851 - nada	0851 - [nada]	0851 - [ná:d]
0852 - nambu	0852 - [nembú]	0852 - [pembũ]
0853 - na macieza	0853 - [nemasiezʰ]	0853 - [namásiezʰ]
0854 - não	0854 - [nãu]	0854 - [nɔw]
0855 - não sei	0855 - [nãu se:]	0855 - [nɔnsɛ:]
0856 - nariz	0856 - [naris]	0856 - [nãri:]
0857 - nas	0857 - [nɔs]	0857 - [nãh]
0858 - nascido	0858 - [nasidu]	0858 - [násid]
0859 - nata	0859 - [nátʰ]	0959 - [nátʰ]
0860 - na terra	0860 - [natẽra]	0860 - [nátẽ:ra]
0861 - natureza (maneira de ser)	0861 - [natuzẽza]	0861 - [nátuzẽ:s]
0862 - necessidade	0862 - [nɛsɛsidadʰi]	0862 - [násidad]
0863 - nego	0863 - [nɛgu]	0863 - [nɛ:g]
0864 - nego	0864 - [nɛgu]	0864 - [nɛ:g]
0865 - nela	0865 - [nɛla]	0865 - [nɛ:l]
0866 - nelas	0866 - [nɛlas]	0866 - [nɛ:la]
0867 - nele	0867 - [nɛli]	0867 - [nɛ:t]
0868 - neles	0868 - [nɛlis]	0868 - [nɛ:lis]
0869 - nem	0869 - [nɛn]	0869 - [nɛ:n]
0870 - nenhum	0870 - [nɛnu]	0870 - [nɛ:nũ] ~ [nɛ:nũ:]

0871 - nessa
 0872 - nessas
 0873 - nesse
 0874 - nesses
 0875 - ninguém
 0876 - ninho
 0877 - ninzinho
 0878 - no
 0879 - no chão
 0880 - no copo
 0881 - no fuso
 0882 - noite
 0883 - noivado
 0884 - nome
 0885 - no ouvido
 0886 - nos
 0887 - nossa
 0888 - notícia
 0889 - nove
 0890 - novela
 0891 - novela
 0892 - novembro
 0893 - novena
 0894 - novinho
 0895 - novinha

0871 - [nɛsɐ]
 0872 - [nɛsɐs]
 0873 - [nɛsɪ]
 0874 - [nɛsɪs]
 0875 - [nɪŋgɛj]
 0876 - [nɪŋ]
 0877 - [nɪzɪ]
 0878 - [nɐ]
 0879 - [nɐsɐw]
 0880 - [nɐkɔpɔ]
 0881 - [nɐfuzɔ]
 0882 - [nojɪ]
 0883 - [nojvãdɔ]
 0884 - [nomɛ]
 0886 - [novɛdɔ]
 0886 - [nɐs]
 0887 - [nɔsɐ]
 0888 - [nɔtɪsɐ]
 0889 - [nɔvɪ]
 0889 - [novɛlɐ]
 0891 - [novɛlɔ]
 0892 - [novɛmbɾɔ]
 0893 - [novɛnɛ]
 0894 - [novɪŋ]
 0895 - [novɪŋɐ]

0871 - [nɛ:ɪs]
 0872 - [nɛ:ɪsɐk]
 0873 - [nɛ:ɪsɪ]
 0874 - [nɛ:ɪsɪh]
 0875 - [nɛŋgɛ:j]
 0876 - [nɪŋ]
 0877 - [nɪnzɪ:
 0878 - [nɐ]
 0879 - [nɐsɐ:w]
 0880 - [nɛkɔ:pɔ]
 0881 - [nɐfuz:ɪs]
 0882 - [no:jɪ]
 0883 - [nojvã:
 0884 - [no:mɛ]
 0884 - [nɐvɛdɔ]
 0886 - [nɐs]
 0887 - [nɔ:ɪsɐ]
 0888 - [nɔtɪ:ɪsɐ]
 0889 - [nɔ:vɪ]
 0890 - [nɐvɛ:ɪlɐ]
 0891 - [nɐvɛ:ɪɔ]
 0892 - [nɔvɛ:mɾɔ]
 0893 - [nɔvɛ:nɛ]
 0894 - [nɔvɪŋɪ]
 0895 - [nɔvɪŋɛ:]

- 0896 - novo
- 0897 - nuvem
- 0898 - nuvens
- 0899 - obtendo
- 0900 - oito
- 0901 - oito
- 0902 - oito (v)
- 0903 - oito (s)
- 0904 - olhos
- 0905 - ombro
- 0906 - onze
- 0907 - o peito
- 0908 - o que é que compra
- 0909 - oratório
- 0910 - orelha
- 0911 - orelhas
- 0912 - os encontros
- 0913 - osso
- 0914 - outra
- 0915 - outras
- 0916 - outro
- 0917 - outros
- 0918 - outros e grosso
- 0919 - ouvir
- 0920 - ouviram

- 0896 - [nóvu]
- 0897 - [núvi]
- 0898 - [núvi]
- 0899 - [obitendw]
- 0900 - [óitu]
- 0901 - [óitu]
- 0902 - [óitu]
- 0903 - [óitu]
- 0904 - [óitru]
- 0905 - [óitru]
- 0906 - [óimzi]
- 0907 - [upéitru]
- 0908 - [ukikikoimpré]
- 0909 - [aratóriu]
- 0910 - [urêv]
- 0911 - [urêv]
- 0912 - [uzenkoimtras]
- 0913 - [ósu]
- 0914 - [óitru]
- 0915 - [óitru]
- 0916 - [óitru]
- 0917 - [óitru]
- 0918 - [otruze grosu]
- 0919 - [óvi] ~ [óvi]
- 0920 - [óvitru]

- 0896 - [no:v]
- 0897 - [nú:v]
- 0898 - [nú:v]
- 0899 - [obiteim]
- 0900 - [oitru]
- 0901 - [oitru]
- 0902 - [oitru]
- 0903 - [óitru] ~ [óitru]
- 0904 - [óitru]
- 0905 - [óitru]
- 0906 - [óimzi]
- 0907 - [upéi]
- 0908 - [kekkoimpré]
- 0909 - [aratóriu]
- 0910 - [urêv]
- 0911 - [urêv]
- 0912 - [zenkoimtrú]
- 0913 - [ósu]
- 0914 - [óitru]
- 0915 - [óitru]
- 0916 - [óitru]
- 0917 - [óitru] ~ [óitru]
- 0918 - [oitruze gno:]
- 0919 - [óvi:]
- 0920 - [óvitru]

- 0921 - ovelha
- 0922 - ovelhas
- 0923 - ovo
- 0924 - ovos
- 0925 - padreiro
- 0926 - padre
- 0927 - padrinho
- 0928 - padroeiro
- 0929 - paletó
- 0930 - palha
- 0931 - panela
- 0932 - pano
- 0933 - pão
- 0934 - pão-de-miúdo
- 0935 - para
- 0936 - para as portas
- 0937 - parado
- 0938 - parindo
- 0939 - passo
- 0940 - pasta
- 0941 - pau
- 0942 - pê
- 0943 - peba
- 0944 - pedaço
- 0945 - pede

- 0921 - [uvɛp]
- 0922 - [uvɛv]
- 0923 - [óvu]
- 0924 - [óvus]
- 0925 - [padɛrɯ]
- 0926 - [pádri]
- 0927 - [padrinh]
- 0928 - [padruɛrɯ]
- 0929 - [palitɔ]
- 0930 - [pájv]
- 0931 - [pɛnɛlɛ]
- 0932 - [pɛrɯ]
- 0933 - [pɛwɯ]
- 0934 - [pɛwɯdʒimú]
- 0935 - [párɐ]
- 0936 - [pɔspɔxtɛ]
- 0937 - [parádɯ]
- 0938 - [parɛndɯ]
- 0939 - [pásu]
- 0940 - [pástɛ]
- 0941 - [paw]
- 0942 - [pɛ]
- 0943 - [pɛbɛ]
- 0944 - [peda:sɯ]
- 0945 - [pedɔ]

- 0921 - [úvɛ:v]
- 0922 - [úvɛ:v]
- 0923 - [ó:v] ~ [ó:vɔ]
- 0924 - [ó:vɛ] ~ [ó:vɔ]
- 0925 - [padɛ:rɯ]
- 0926 - [pá:ɪ] ~ [pá:ɪd]
- 0927 - [pádrɛ:ɲ]
- 0928 - [pádrɛ:ɪ]
- 0929 - [pálitɔ:] ~ [pɛntɔ:]
- 0930 - [páj:vɛ]
- 0931 - [pɛnɛ:lɛ]
- 0932 - [pɛ:rɯ]
- 0933 - [pɛ:wɯ]
- 0934 - [pɛ:wɯdʒimú:]
- 0935 - [pá:ɪ]
- 0936 - [pá:spá:xtɛ]
- 0937 - [pá:rɛndɯ]
- 0938 - [pá:rɛ:ɲ]
- 0939 - [pá:sɯ]
- 0940 - [pá:sɛ]
- 0941 - [pá:w]
- 0942 - [pɛ:]
- 0943 - [pɛ:bɛ]
- 0944 - [pɛda:sɯ]
- 0945 - [pɛ:ɪ]

0946 - pē-de-pau	0946 - [pɛdʲi'pāw]	0946 - [pɛdʲi'pā:w]
0947 - pedrinha	0947 - [pɛdri'ɲɐ]	0947 - [pɛdri'ɲa]
0948 - pega	0948 - [pɛgɐ]	0948 - [pɛ:ga]
0949 - pegado	0949 - [pɛgadu]	0949 - [pɛgɑ:d]
0950 - pegam	0950 - [pɛgu]	0950 - [pɛ:ga]
0951 - pego	0951 - [pɛgu]	0951 - [pɛ:]
0952 - peito	0952 - [pɛitu]	0952 - [pɛ:]
0953 - peitos	0953 - [pɛitu]	0953 - [pɛ:tu]
0954 - peixe	0954 - [pɛxi]	0954 - [pɛ:]
0955 - peixes	0955 - [pɛxi]	0955 - [pɛ:xi]
0956 - peleja	0956 - [pɛlɛʒɐ]	0956 - [pɛlɛ:ʒɐ]
0957 - pena	0957 - [pɛnɐ]	0957 - [pɛ:ɛn]
0958 - penso	0958 - [pɛnsu]	0958 - [pɛ:ɲ]
0959 - pequi	0959 - [piki]	0959 - [piki:]
0960 - pequena	0960 - [pikɛnɐ]	0960 - [pikɛ:ɛn]
0961 - pequeno	0961 - [pikɛnu]	0961 - [pikɛ:ɛn]
0962 - perdeu	0962 - [pɛdɛw]	0962 - [pɛ:hde:w]
0963 - perdida	0963 - [pɛxɔidɐ]	0963 - [pɛ:hɔti:d]
0964 - perna	0964 - [pɛxɲɐ]	0964 - [pɛ:ɲɛn]
0965 - perante	0965 - [pɛrɛnti]	0965 - [pɛ:re:ntɛ]
0966 - periquito	0966 - [pɛrikitu]	0966 - [pɛ:ri:ti]
0967 - pescaria	0967 - [pɛskaniɐ]	0967 - [pɛ:skɑ:niɐ]
0968 - pescoco	0968 - [pɛskosɐ]	0968 - [pɛ:sko:s]
0969 - pessoa	0969 - [pɛsɔɐ]	0969 - [pɛ:ɔ:v]
0970 - pestana	0970 - [pɛstɐnɐ]	0970 - [pɛ:stɛ:n]

~ [pɛ:ɲkɔ:]

0971 - piaba
 0972 - piador
 0973 - pião
 0974 - piáu
 0975 - pimenta
 0976 - pimentão
 0977 - pinotando
 0978 - pinga
 0979 - pingo
 0980 - pintada
 0981 - pintadas
 0982 - pinto
 0983 - pintos
 0984 - pior
 0985 - pisar
 0986 - pisaram
 0987 - pitomba
 0988 - pitombas
 0989 - pitu
 0990 - plano
 0991 - planta
 0992 - plantar
 0993 - plantas
 0994 - pobre
 0995 - pobres

0971 - [piábɐ]
 0972 - [piado]
 0973 - [piwɔ]
 0974 - [piawĩ]
 0975 - [pimẽntɛ]
 0976 - [pimẽntɛwɔ]
 0977 - [pinotãndu]
 0978 - [piyɔɛ]
 0979 - [piyɔgũ]
 0980 - [pintãdɛ]
 0981 - [pintãdɛ]
 0982 - [pĩntu]
 0983 - [pĩntu]
 0984 - [pio]
 0985 - [piza]
 0986 - [pizãrãwɔ]
 0987 - [pitõmbɛ]
 0988 - [pitõmbɛ]
 0989 - [pitu]
 0990 - [plɛnũ]
 0991 - [plɛntɛ]
 0992 - [plɛntã]
 0993 - [plɛntɛ]
 0994 - [põbnĩ]
 0995 - [põbnĩ]

0971 - [piã:b]
 0972 - [piãdõ:]
 0973 - [pɛ:wɔ]
 0974 - [piawĩ:]
 0975 - [pimẽntɛ]
 0976 - [pimẽntɛwɔ]
 0977 - [pinotã:n]
 0978 - [piyɔɛ]
 0979 - [piyɔgũ]
 0980 - [pĩntã:dɛ]
 0981 - [pĩntã:dɛ]
 0982 - [pĩn]
 0983 - [pĩntũ]
 0984 - [piã:]
 0985 - [pi.zã:]
 0986 - [pizã:rãwɔ]
 0987 - [pitõmbɛ]
 0988 - [pitõmbɛ]
 0989 - [pitu:]
 0990 - [plɛ:n]
 0991 - [plɛ:n]
 0992 - [plɛntã:]
 0993 - [plɛntã]
 0994 - [põ:]
 0995 - [põ:]

0996 - pode (presente)

- 0997 - pois
- 0998 - pongo
- 0999 - por
- 1000 - pôr
- 1001 - porco
- 1002 - porque
- 1003 - porta
- 1004 - portal
- 1005 - portas
- 1006 - posse
- 1007 - posso
- 1008 - possível
- 1009 - possuiu
- 1010 - possuiu
- 1011 - pote
- 1012 - potes
- 1013 - pouco
- 1014 - povo
- 1015 - povoado
- 1016 - povo aqui
- 1017 - p'ra ajudar
- 1018 - pranto
- 1019 - prato
- 1020 - pratos

- 0996 - [pɔdɔi]
- 0997 - [pɔjɔs]
- 0998 - [pɔŋgɔ]
- 0999 - [pɔ]
- 1000 - [pɔ]
- 1001 - [pɔrku]
- 1002 - [pɔrke]
- 1003 - [pɔrtɛ]
- 1004 - [pɔrtɛ]
- 1005 - [pɔrtɛ]
- 1006 - [pɔsɪ]
- 1007 - [pɔsu]
- 1008 - [pɔsɪvɪ]
- 1009 - [pɔsuw]
- 1010 - [pɔsuw]
- 1011 - [pɔti]
- 1012 - [pɔti]
- 1013 - [pɔku]
- 1014 - [pɔvɔ]
- 1015 - [pɔvɔdɔ]
- 1016 - [pɔvɔki]
- 1017 - [pɔrɔndɔ]
- 1018 - [pɔrtɛ]
- 1019 - [pɔrtɛ]
- 1020 - [pɔrtɛ]

- 0996 - [pɔ:] ~ [pɔ:d]
- 0997 - [pɔjɔ]
- 0998 - [pɔŋgɔ:]
- 0999 - [pɔ]
- 1000 - [pɔ:]
- 1001 - [pɔ:r̃] ~ [pɔ:r̃kɔ]
- 1002 - [pɔr̃ke:]
- 1003 - [pɔ:r̃tɛ]
- 1004 - [pɔ:r̃tɛ:]
- 1005 - [pɔ:r̃tɛ]
- 1006 - [pɔ:sɔ]
- 1007 - [pɔ:sɔ]
- 1008 - [pɔ:sɪvɪ]
- 1009 - [pɔ:sɪvɪw]
- 1010 - [pɔ:sɪw]
- 1011 - [pɔ:ti]
- 1012 - [pɔ:ti]
- 1013 - [pɔ:kɔ]
- 1014 - [pɔ:vɔ]
- 1015 - [pɔ:vɔdɔ:] ~ [pɔ:vɔdɔ:]
- 1016 - [pɔ:vɔki:]
- 1017 - [pɔ:rɔndɔ:]
- 1018 - [pɔ:r̃m]
- 1019 - [pɔ:r̃tɛ]
- 1020 - [pɔ:r̃tɛ]

- 1021 - preã
- 1022 - prega
- 1023 - pregado
- 1024 - pregam
- 1025 - pregar
- 1026 - prensa
- 1027 - presta
- 1028 - preta
- 1029 - preto
- 1030 - primeiro
- 1031 - principiou
- 1032 - p'ro
- 1033 - problema
- 1034 - procura
- 1035 - procuram
- 1036 - produziu
- 1037 - produziram
- 1038 - professor
- 1039 - promessa
- 1040 - pronto
- 1041 - prõprio
- 1042 - prostrou
- 1043 - prossiga
- 1044 - publica
- 1045 - publicaram

- 1021 - [prɛã]
- 1022 - [prɛgɐ]
- 1023 - [prɛgádɨ]
- 1024 - [prɛgãm]
- 1025 - [prɛgã]
- 1026 - [prɛnsɐ]
- 1027 - [prɛstɐ]
- 1028 - [prɛtɐ]
- 1029 - [prɛtu]
- 1030 - [prímɛrɨ]
- 1031 - [prɪ́sɪpió]
- 1032 - [pɨ]
- 1033 - [pɔblɛmɐ]
- 1034 - [pɔkúɾɐ]
- 1035 - [pɔkúɾãm]
- 1036 - [pɔduziɯ]
- 1037 - [pɔduziɾãm]
- 1038 - [pɾofɛsɔ]
- 1039 - [pɾomɛsɐ]
- 1040 - [pɾomtu]
- 1041 - [pɾɔpɾɨ]
- 1042 - [pɾɔstɔ]
- 1043 - [pɾɔsɪgɐ]
- 1044 - [pɾɔbɾɪkɐ]
- 1045 - [pɾɔbɾɪkãrãm]

- 1021 - [prɛã:]
- 1022 - [prɛ:ɣ]
- 1023 - [prɛgã:d]
- 1024 - [ɔpɾɛ:g]
- 1025 - [prɛgã:]
- 1026 - [prɛ:ɪs]
- 1027 - [prɛ:stɪk]
- 1028 - [prɛ:θ] ~ [prɛ:θk]
- 1029 - [prɛ:]
- 1030 - [prímɛ:r]
- 1031 - [prɪ́sɪpió:]
- 1032 - [pɨ:]
- 1033 - [pɔbrɛ:m]
- 1034 - [pɪ́kú:r] ~ [pɛ́kú:r]
- 1035 - [pɪ́kú:rãm]
- 1036 - [pɛ́duzi:ɯ] ~ [pɔ́duzi:ɯ]
- 1037 - [pɛ́duzi:ɾ]
- 1038 - [pɪ́fɛsɔ:] ~ [pɪ́fɛsɔ:]
- 1039 - [prɛmɛ:s]
- 1040 - [pɾo:ɨ]
- 1041 - [pɾɔ:ɾɨ]
- 1042 - [ɪspɾɔstɔ:]
- 1043 - [kɔmsɪ:gɛ]
- 1044 - [pɔbɾɪ:kɛ]
- 1045 - [pɔbɾɪkã:rãm]

- 1046 - puçã
- 1047 - quadrilha
- 1048 - quadris
- 1049 - quadro
- 1050 - qual
- 1051 - qual è
- 1052 - qualquer
- 1053 - quando
- 1054 - quando è
- 1055 - quando tem
- 1056 - quantas
- 1057 - quantidade
- 1058 - quanto
- 1059 - quarenta
- 1060 - quarenta dias
- 1061 - quarta
- 1062 - quase
- 1063 - quase tudo
- 1064 - quatro
- 1065 - quebrado
- 1066 - quebrã-pedra
- 1067 - que
- 1068 - que è
- 1069 - que è fino
- 1070 - que è corpo

- 1046 - [pusã]
- 1047 - [kwadrí'ya]
- 1048 - [kwadrí's]
- 1049 - [kwá'dru]
- 1050 - [kwá'w]
- 1051 - [kwálé]
- 1052 - [kwa'wé]
- 1053 - [kwé'ndru]
- 1054 - [kwé'ndé]
- 1055 - [kwé'nduté'j]
- 1056 - [kwé'ntes]
- 1057 - [kwé'ntida'di]
- 1058 - [kwé'ntu]
- 1059 - [kwa're'nté]
- 1060 - [kwa're'nta'di'e]
- 1061 - [kwá'xté]
- 1062 - [kwá'zi]
- 1063 - [kwá'zítú'du]
- 1064 - [kwá'tru]
- 1065 - [kébrá'dru]
- 1066 - [kébrépédé]
- 1067 - [ké]
- 1068 - [ké]
- 1069 - [ké'finu]
- 1070 - [kéw'kó'p'u]

- 1046 - [pú'sa:]
- 1047 - [kwa'dru:]
- 1048 - [kwa'dru:]
- 1049 - [kwá:d]
- 1050 - [kwá:f]
- 1051 - [kwálé:]
- 1052 - [kó'rké:] ~ [kwá're:]
- 1053 - [kwé:n]
- 1054 - [kwé'ndé:]
- 1055 - [kwé'nté:]
- 1056 - [kwé'ntu]
- 1057 - [kó'ndida:]
- 1058 - [kwé:n]
- 1059 - [kwa're:n]
- 1060 - [kwa're'nta'di'e]
- 1061 - [kwa:'á'tu]
- 1062 - [kwa:'s]
- 1063 - [kwa:'stá:d]
- 1064 - [kwá:]
- 1065 - [kébrá'j]
- 1066 - [kébrépé:d]
- 1067 - [ki:]
- 1068 - [ké:]
- 1069 - [ké'finu]
- 1070 - [kéw'kó:'p'u]

- 1071 - que era
- 1072 - que eu
- 1073 - queijo
- 1074 - queixo
- 1075 - quem
- 1076 - quem não quer
- 1077 - quem quer
- 1078 - quer
- 1079 - querem
- 1080 - queremos
- 1081 - querendo
- 1082 - quero
- 1083 - quero é esse
- 1084 - quiabo
- 1085 - quibane
- 1086 - quinze
- 1087 - rabeca
- 1088 - raça
- 1089 - raciada
- 1090 - rádio
- 1091 - radiola
- 1092 - raiz
- 1093 - rala
- 1094 - ralam
- 1095 - rama

- 1071 - [kié^hɾɐ]
- 1072 - [kié^hw]
- 1073 - [keiʒw]
- 1074 - [keiʃw]
- 1075 - [keiʃw]
- 1076 - [kei^hnɐkɛ]
- 1077 - [kei^hkɛ]
- 1078 - [kɛ]
- 1079 - [kɛnɛ]
- 1080 - [kɛrɛmɐ]
- 1081 - [kɛrɛndɐ]
- 1082 - [kɛrɐ]
- 1083 - [kɛrɛsɪ]
- 1084 - [kiábɐw]
- 1085 - [kibiɾni]
- 1086 - [ki^hnzi]
- 1087 - [nɛbɛkɐ]
- 1088 - [násɐ]
- 1089 - [nási:ádɐ]
- 1090 - [nádɔw]
- 1091 - [nádɔlɐ]
- 1092 - [násɐ]
- 1093 - [nālɐ]
- 1094 - [nālɐw]
- 1095 - [nɾɐmɐ]

- 1071 - [kei:n]
- 1072 - [kei:w]
- 1073 - [kei:ʒ]
- 1074 - [kei:ʃ]
- 1075 - [kei:ʃ]
- 1076 - [kenɛkɛi]
- 1077 - [kei^hkɛi]
- 1078 - [kei:]
- 1079 - [kei:nɐ]
- 1080 - [kɛrɛi:m]
- 1081 - [kɛrɛi:n]
- 1082 - [kɛi:n]
- 1083 - [kɛrɛis]
- 1084 - [ki:áb]
- 1085 - [kibi:ɾn]
- 1086 - [ki^hnzi]
- 1087 - [nɛbɛ:kɐ]
- 1088 - [násɐ]
- 1089 - [nási:á:]
- 1090 - [há:]
- 1091 - [háwɔi:ɔ]
- 1092 - [há:]
- 1093 - [há:ɪ]
- 1094 - [há:ɪw]
- 1095 - [nɾɛ:m]

1096 - rampiado
 1097 - rapaz
 1098 - rapadura
 1099 - rapaz
 1100 - raposa
 1101 - raposas
 1102 - raridade
 1103 - rato
 1104 - ratos
 1105 - rede
 1106 - redes
 1107 - relampiar
 1108 - religião
 1109 - remédio
 1110 - remela
 1111 - responsabilizar
 1112 - responsabilizo
 1113 - responsabilizei
 1114 - retalto
 1115 - revolução
 1116 - reza
 1117 - rezar
 1118 - rezaram
 1119 - rezo
 1120 - riacho

1096 - [rɛm'piãdɐ]
 1097 - [rãpãz]
 1098 - [rapadurã]
 1099 - [rapãz]
 1100 - [rapozã]
 1101 - [rapozã]
 1102 - [raridadõz]
 1103 - [ratãtu]
 1104 - [ratãtu]
 1105 - [redõi]
 1106 - [redõi]
 1107 - [relãmpiar]
 1108 - [religãõ]
 1109 - [remẽdiõ]
 1110 - [remelã]
 1111 - [respõnsabilizar]
 1112 - [respõnsabilizã]
 1113 - [respõnsabilizã]
 1114 - [retãlto]
 1115 - [revõlusiõ]
 1116 - [rezã]
 1117 - [rezã]
 1118 - [rezãram]
 1119 - [rezõ]
 1120 - [riãçu]

1096 - [kɛm'piã:d]
 1097 - [kãipãz]
 1098 - [kapadur]
 1099 - [kapãiz]
 1100 - [kapozã]
 1101 - [kapozã]
 1102 - [kãalidãi]
 1103 - [kããtu]
 1104 - [kããtu]
 1105 - [kãdõ]
 1106 - [kãdõ]
 1107 - [kãlãmpiar]
 1108 - [kãligãõ]
 1109 - [kãmẽiõ]
 1110 - [kãmẽitõ]
 1111 - [kãspõnsãiz]
 1112 - [kãspõnsãiz]
 1113 - [kãspõnsãiz]
 1114 - [kãtãlto]
 1115 - [kãvõlusiõ]
 1116 - [kãrezã]
 1117 - [kãrezã]
 1118 - [kãrezãram]
 1119 - [kãrezõ]
 1120 - [kãriãçu]

1121 - rim
 1122 - ripa
 1123 - ripando
 1124 - ripar
 1125 - ripas
 1126 - roça
 1127 - rogas
 1128 - roda
 1129 - rodas
 1130 - rodo
 1131 - rolinha
 1132 - rosto
 1133 - roubou
 1134 - rouca
 1135 - roupa
 1136 - roupas
 1137 - rua
 1138 - ruim
 1139 - rumo
 1140 - sábado
 1141 - sabão
 1142 - sabe
 1143 - saber
 1144 - sacerdote
 1145 - sai

1121 - [rriʝ]]
 1122 - [rripe]]
 1123 - [rippəndu]]
 1124 - [rippã]]
 1125 - [rippɐ]]
 1126 - [rɔsɐ]]
 1127 - [rɔsɐ]]
 1128 - [rɔdɐ]]
 1129 - [rɔdɐ]]
 1130 - [rɔdu]]
 1131 - [rɔliɐ]]
 1132 - [rɔstɐ]]
 1133 - [rɔbu]]
 1134 - [rɔkɐ]]
 1135 - [rɔpɐ]]
 1136 - [rɔpɐ]]
 1137 - [ruɐ]]
 1138 - [ruɐ]]
 1139 - [rumu]]
 1140 - [sãbdɐ]]
 1141 - [sabɐ]]
 1142 - [sãbt]]
 1143 - [sabɐ]]
 1144 - [sɔsɛdɔʝi]]
 1145 - [saj]]

1121 - [riʝ]]
 1122 - [ri:pe]]
 1123 - [rippɛ:ɾu]]
 1124 - [rippɛi]]
 1125 - [ri:pe]]
 1126 - [ɔi:s]]
 1127 - [ɔi:sɐ]]
 1128 - [ɔi:]]
 1129 - [ɔi:dɐ]]
 1130 - [ɔi:]]
 1131 - [ɔli:ɐ]]
 1132 - [ɔi:stɐ]]
 1133 - [ɔɔbu]]
 1134 - [ɔi:kɐ]]
 1135 - [ɔi:pɐ]]
 1136 - [ɔi:pɐ]]
 1137 - [ru]]
 1138 - [ru]]
 1139 - [rum]]
 1140 - [sãb]]
 1141 - [sabɛ:w]]
 1142 - [sãbt]]
 1143 - [sabɛi]]
 1144 - [sɔsɛdɔs:]]
 1145 - [saj]]

1171 - se localiza
 1172 - semana
 1173 - sendeira
 1174 - senhora
 1175 - senhor
 1176 - senta
 1177 - sentada
 1178 - sentada
 1179 - sentar
 1180 - sentindo
 1181 - serra
 1182 - sertão
 1183 - serviço
 1184 - setembro
 1185 - sô
 1196 - sô se for
 1187 - sobranceiras
 1188 - sol
 1189 - soube
 1190 - succumbir
 1191 - succuriju
 1192 - sujeito
 1193 - surra
 1194 - surrador
 1195 - surrou

1171 - [silokálizɐ]
 1172 - [seménɐ]
 1173 - [sendéɾɐ]
 1174 - [siːjɔrɐ]
 1175 - [siːjɔː]
 1176 - [sentɐ]
 1177 - [sentádeɾ]
 1178 - [sentádeɾ]
 1179 - [sentáɾ]
 1180 - [sentíndɐ]
 1181 - [sɛrɐ]
 1182 - [sɛrtɐwɔ]
 1183 - [sɛrvísɐ]
 1184 - [setembɾɐ]
 1185 - [sɔ]
 1186 - [ssisifó]
 1187 - [subɾɛnsɛjɐ]
 1188 - [sɔw]
 1189 - [súbi]
 1190 - [sukúmbi]
 1191 - [sukurujú]
 1192 - [sujéitɐ]
 1193 - [súrrɐ]
 1194 - [surradoɾ]
 1195 - [surrou]

1171 - [silokáli:s]
 1172 - [sémbɾɪn]
 1173 - [séndeɾɪn]
 1174 - [siːjɔ:r]
 1175 - [siːjɔi]
 1176 - [séɪn]
 1177 - [asentáideɾ]
 1178 - [asénta:ɾ]
 1179 - [aséntá:ɾ]
 1180 - [aséntá:ɪn] ~ [sɛ:vɔ]
 1181 - [sɛ:h] ~ [sɛ:vɔ]
 1182 - [sɛrtɐwɔ]
 1183 - [sɛrvis] ~ [súktisɐ]
 1184 - [sétém]
 1185 - [sɔ:
 1186 - [sɔkɪfó:
 1187 - [sɔbrɛnsɛ:ɐ] ~ [súmbɾɛnsɛ:ɐ]
 1188 - [sɔ:
 1189 - [sú:b]
 1190 - [sukúmbi:
 1191 - [sukúrurá:
 1192 - [súhɛi:
 1193 - [sú:hɛ]
 1194 - [súrrádo:
 1195 - [súrou:]

1196 - taboaa
 1197 - taboleiro
 1198 - taçaõ
 1199 - taco
 1200 - taJudiñho
 1201 - taludo
 1202 - tambeñ
 1203 - tambor
 1204 - tanto
 1205 - tãõ
 1206 - tapa
 1207 - tapioca
 1208 - tapiti
 1209 - tapuia
 1210 - tapuias
 1211 - tarde
 1212 - tarefa
 1213 - tato
 1214 - tatu
 1215 - tear
 1216 - tece
 1217 - teceadura
 1218 - tecem
 1219 - tecer
 1220 - telegrama

1196 - [tabõkɛ]
 1197 - [tabuléɾw]
 1198 - [takẽw]
 1199 - [takw]
 1200 - [taludjɨ]
 1201 - [talúdu]
 1202 - [tɐmbɛj]
 1203 - [tɐmbõ]
 1204 - [tãntw]
 1205 - [tãw]
 1206 - [tãpɛ]
 1207 - [tapio:kɛ]
 1208 - [tapiti]
 1209 - [tapuiɛ]
 1210 - [tapuias]
 1211 - [tãxdi]
 1212 - [tãɾɛfɛ]
 1213 - [tãtu]
 1214 - [tatw]
 1215 - [tia]
 1216 - [tɛsi]
 1217 - [tisúmw]
 1218 - [tɛsɨ]
 1219 - [tesɛ]
 1220 - [telɛgrãmw]

1196 - [tabõ:kɛ]
 1197 - [tabulé:ɾ]
 1198 - [takɛ:w]
 1199 - [ta:kɛ]
 1200 - [taludjɨ]
 1201 - [talú:ɛ]
 1202 - [tõmɛ:j]
 1023 - [tɐmbo:]
 1204 - [tã:n]
 1205 - [to:j]
 1206 - [tã:pɛ]
 1207 - [tãpiõ:kɛ] ~ [tapio:s:kɛ]
 1208 - [tapiti]
 1209 - [tapui:j]
 1210 - [tãpui:j]
 1211 - [tã:kɛd]
 1212 - [tã:ɾɛi] ~ [tãɾɛ:fa]
 1213 - [tã:ɛk]
 1214 - [tãtu:]
 1215 - [tã]
 1216 - [tɛ:s]
 1217 - [tisú:mw]
 1218 - [tɛ:sõ]
 1219 - [tesɛ:]
 1220 - [telɛgrã:m]

1221 - tem
 1222 - temos
 1223 - tempo
 1224 - terço
 1225 - tergal
 1226 - tērnica
 1227 - terminou
 1228 - terra
 1229 - terreno
 1230 - testa
 1231 - tigela
 1232 - tijibu
 1233 - timbō
 1234 - tiracolo
 1235 - tirada
 1236 - tirando
 1237 - tirante
 1238 - titubeando
 1239 - tobim
 1240 - troca dia
 1241 - toada,
 1242 - tocador
 1243 - toda
 1244 - todas
 1245 - todo

1221 - [tej^ŋ]]
 1222 - [tem^u]]
 1223 - [tém^{pu}]]
 1224 - [tēs^u]]
 1225 - [tér^{ga}w]]
 1226 - [tēr^hike]]
 1227 - [tēr^{mino}˘]]
 1228 - [tēr^{re}]]
 1229 - [tēr^{re}n^u]]
 1230 - [tēs^{te}]]
 1231 - [tíg^{el}e]]
 1232 - [tíg^{ib}ú]]
 1233 - [tím^bō]]
 1234 - [tí^{ra}ko]]
 1235 - [tí^{ra}d^e]]
 1236 - [tí^{ra}n^du]]
 1237 - [tí^{ra}n^ti]]
 1238 - [títu^{bi}n^du]]
 1239 - [túbⁱŋ]]
 1240 - [tró^{ka}di^e]]
 1241 - [tu^ád^e]]
 1242 - [tók^ádō:]]
 1243 - [tód^e]]
 1244 - [tód^e]]
 1245 - [tód^u]]

1221 - [te:ŋ]]
 1222 - [te:m]] ~ [te:w^m]]
 1223 - [te:m]]
 1224 - [te:s]]
 1225 - [tér^{ga}:ɛ]]
 1226 - [tē:ɸ]]
 1227 - [tēr^{mino}:]]
 1228 - [tē:h]]
 1229 - [tē^{re}:n]]
 1230 - [tē:st^e]]
 1231 - [tíg^{el}:t]]
 1232 - [tíg^{im}bū:]]
 1233 - [tím^{bo}:]]
 1234 - [tí^{ra}ko:ɛ]]
 1235 - [tí^{ra}:d]]
 1236 - [tí^{ra}:n]]
 1237 - [tí^{ra}:n]]
 1238 - [títu^{bi}:n]]
 1239 - [túbⁱ:n]]
 1240 - [tró^{ka}di:ɸ]]
 1241 - [tu^á:d]]
 1242 - [tok^ádō:]]
 1243 - [tō:d]]
 1244 - [tō:d^e]]
 1245 - [tō:]]

1246 - todos
 1247 - todos os anos
 1248 - tomar
 1249 - tomate
 1250 - tomo
 1251 - topada
 1252 - topado
 1253 - tora
 1254 - torar
 1255 - torcer
 1256 - tossindo
 1257 - trabalhador
 1258 - trabalhadora
 1259 - trabalhar
 1260 - trabalhavam
 1261 - traíra
 1262 - traquino
 1263 - tratar
 1264 - três
 1265 - treze
 1266 - tudo
 1267 - tutano
 1268 - ubanja
 1269 - ūberi
 1270 - um

1246 - [tódus]
 1247 - [tódus^zzénu]
 1248 - [tomá]
 1249 - [túmá'ti]
 1250 - [tóm^u]
 1251 - [tópá'de]
 1252 - [topá'du]
 1253 - [tór^e]
 1254 - [torá]
 1255 - [torse]
 1256 - [tusi'ndu]
 1257 - [trabalhador]
 1258 - [trabalhadér^e]
 1259 - [trabalhá]
 1260 - [trabalhávu]
 1261 - [traí'ru]
 1262 - [traquínu]
 1263 - [trata]
 1264 - [tré's]
 1265 - [trez]
 1266 - [túdu]
 1267 - [tutánu]
 1268 - [ubé'ŋe]
 1269 - [ūberé]
 1270 - [u]

1246 - [tó:d]
 1247 - [tódusé:ru]
 1248 - [tóm^a:]
 1249 - [túmā:]
 1250 - [tóm:] ~ [tópá:d]
 1251 - [tópá:~]
 1252 - [tópá:]
 1253 - [tór:]
 1254 - [torá:]
 1255 - [torse:]
 1256 - [túsin^e]
 1257 - [trabá'dó:]
 1258 - [trabá'de:ru]
 1259 - [trá'baá:]
 1260 - [trabáá:hu]
 1261 - [traí:ru]
 1262 - [traquínu]
 1263 - [trá'ta:]
 1264 - [tre:] ~ [tri:]
 1265 - [tré:s] ~ [tréz:z^a]
 1266 - [tú:] ~ [tú:d]
 1267 - [tutánu]
 1268 - [ubé:ŋe]
 1269 - [ū:b] ~ [ū:b^ə]
 1270 - [u:^{12y}]

1271 - uma
 1272 - umbigo
 1273 - umbu
 1274 - um metro
 1275 - unha
 1276 - unida
 1277 - unido
 1278 - urgente
 1279 - urubu
 1280 - vaca
 1281 - vaca grande
 1282 - vacas
 1283 - vadiando
 1283 - vadiar
 1285 - vai
 1286 - vai baixando
 1287 - valendo
 1288 - valente
 1289 - valentes
 1290 - valer
 1291 - válido
 1292 - vão
 1293 - varre
 1294 - vassoura
 1295 - velha

1271 - [úm^e]]
 1272 - [umbigw]]
 1273 - [imbu:]]
 1274 - [úm^etrw]]
 1275 - [új^{je}]]
 1276 - [uníde]]
 1277 - [unédu:]]
 1278 - [ur^{je}nti:]]
 1279 - [urubu:]]
 1280 - [vák^e]]
 1281 - [vakpgr^endi:]]
 1282 - [vák^e]]
 1283 - [vadiéndu:]]
 1284 - [vadiá:]]
 1285 - [vai:]]
 1286 - [vā^lbasénw]]
 1287 - [valéndu:]]
 1288 - [valénti:]]
 1289 - [valén^{ti}]]
 1290 - [valé:]]
 1291 - [valídu:]]
 1292 - [vāw:]]
 1293 - [várri:]]
 1294 - [vasor^e]]
 1295 - [vé^{je}]]

1271 - [úim] ~ [úim^e]]
 1272 - [ím^bi:] ~ [ím^bé:]]
 1273 - [úm^bei:]]
 1274 - [úm^mé:]]
 1275 - [új^{je}]]
 1276 - [únⁱ:de]]
 1277 - [úni:]]
 1278 - [ur^{je}:n]]
 1279 - [arubú:]]
 1280 - [vai:k:]]
 1281 - [so:]]
 1282 - [vai:k:]]
 1283 - [vadi'p:n]]
 1282 - [vadi'á:]]
 1285 - [vai:]]
 1286 - [vā^lbasé:n]]
 1287 - [valé:n]]
 1288 - [valé:n]]
 1289 - [valé:n^{tk}]]
 1290 - [valé:]]
 1291 - [vali:]]
 1292 - [vāw:]]
 1293 - [vā:]]
 1294 - [vasor:] ~ [vatō:r]]
 1295 - [vé:le]]

1296 - velho
 1297 - vem
 1298 - vêm
 1299 - venho
 1300 - venta
 1301 - ventilhando
 1302 - ver água
 1303 - verdade
 1304 - verde
 1305 - verminoso
 1306 - vestido
 1307 - vi
 1308 - viajando
 1309 - vigário
 1310 - vim
 1311 - vinte
 1312 - vinte e cinco
 1313 - viola
 1314 - viram
 1315 - virar
 1316 - visto,
 1317 - vivente
 1318 - viu
 1319 - viu gente
 1320 - viúva

1296 - [ve:ju]]
 1297 - [ve:ju]]
 1298 - [ve:ju]]
 1299 - [ve:ju]]
 1300 - [vɛntɛ]]
 1301 - [vɛntɛndu]]
 1302 - [vɛãgwɐ]]
 1303 - [vɛdãdɔi]]
 1304 - [vɛxɔi]]
 1305 - [vɛrminɔzi]]
 1306 - [vistidu]]
 1307 - [vi]]
 1308 - [viãzɛndu]]
 1309 - [vigãru]]
 1310 - [vim]]
 1311 - [vɛnti]]
 1312 - [vɛntisɛkɛ]]
 1313 - [visto]]
 1314 - [virɛ]]
 1315 - [virã]]
 1316 - [vistu]]
 1317 - [vivɛnti]]
 1318 - [viu]]
 1319 - [viuʒɛnti]]
 1320 - [viuva]]

1296 - [vɛ:ju]]
 1297 - [vɛ:ju]]
 1298 - [vɛ:ju]]
 1299 - [vɛ:ju]]
 1300 - [vɛ:ntɛ]]
 1301 - [vɛ:ntɛp:m]]
 1302 - [vɛã:gwɐ]]
 1303 - [vɛdãdɔi] ~ [vɛdãdɔi]]
 1304 - [vɛ:ã] ~ [vɛ:ã]]
 1305 - [vɛrminɔzi]]
 1306 - [vistɛ:ti] ~ [vistɛ:ti]]
 1307 - [vi:]]
 1308 - [viãzɛ:n]]
 1309 - [vigã:r]]
 1310 - [vim]]
 1311 - [vɛnti]]
 1312 - [vɛntisɛ:kɛ]]
 1313 - [vistɔ:]]
 1314 - [virɛ]]
 1315 - [virã]]
 1316 - [vistɛ]]
 1317 - [vivɛ:n]]
 1318 - [vi:]]
 1319 - [viuʒɛ:n]]
 1320 - [viuvɐ]]

1321 - viúvo
 1322 - você
 1323 - vontade
 1324 - vōs
 1325 - voto (s)
 1326 - voz
 1327 - xīcara
 1328 - zelado
 1329 - zumbi

1321 - [viúvu]
 1322 - [vose]
 1323 - [vontadi]
 1324 - [vōs]
 1325 - [votus]
 1326 - [vozis]
 1327 - [xīkara]
 1328 - [zeladu]
 1329 - [zumbi]

1321 - [viú:v]
 1322 - [vose:]
 1323 - [vontã:]
 1324 - [võs]
 1325 - [votus]
 1326 - [vozis]
 1327 - [xī:kara]
 1328 - [zɛlã:d]
 1329 - [zũmbi:]